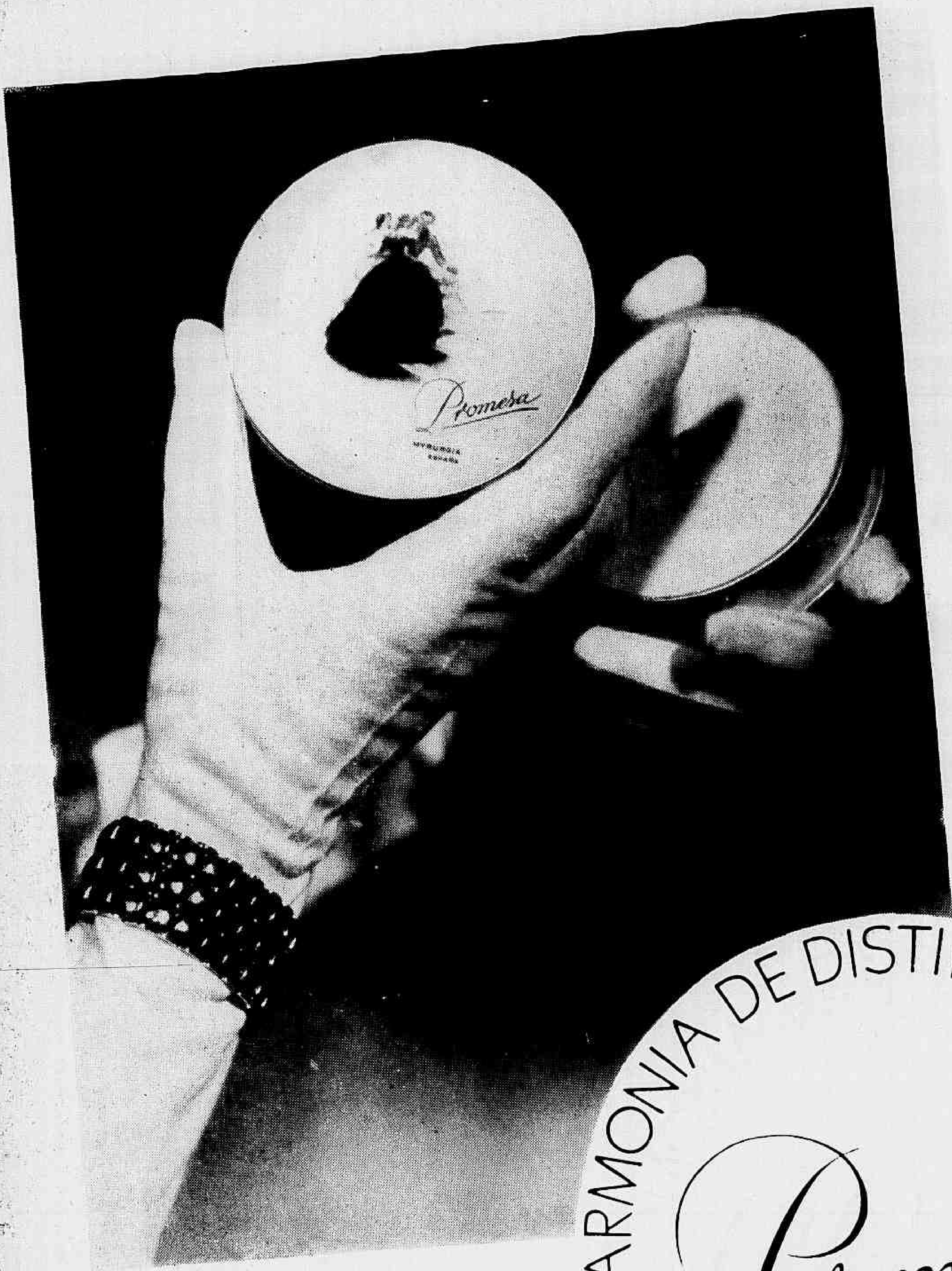
NESTA EDIÇÃO



ELIANE agarra seu HOMEM



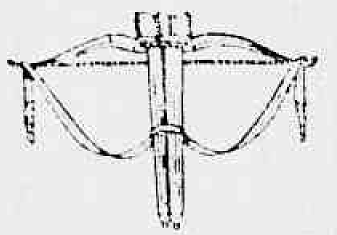


HARMONIA DE DISTINÇÃO E BELEZA

Promesa

★ PÓ DE ARROZ ★

MYRURGIA



REPOR
6½ mi
Um cav
ton S
O bom
Eliane
LITERA
Quand
Rega
O peq
Seman
Sangu
quit
O Che
SEÇÕ
A Ser
A Per
Puxe
Palav
A Rev
Tudo
À luz
A Pe
VAR
Soco
Sem
Enge
FOL
Cap
Espi
RO
A I
FE
Pas
A S
CI
CA
Pr
Es

ANO LI ★ N.º 16 **REVISTA DA SEMANA** ★ 19-4-52 ★

SUMÁRIO

REPORTAGENS EXCLUSIVAS

6½ minutos de tradição 4/7
Um cavaquinho passeia pelo mundo (Por Milton Sales) 12/14
O bom moço Miguel 15/19
Eliane agarra seu homem (Por Leon Eliachar) 29/33

LITERATURA

Quando a noite começa (Por Alceu Marinho Rego) 3
O pequeno conto (Por Geo William) 8
Semana Literária (Por Edmundo Lys) 20/21
Sangue frio (Conto de Luiz Carlos de Mesquita Maia) 26
O Chefe (Conto de Paula Lopes) 35

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 8/9
A Personagem da Semana (O Índio) 9
Puxe pelo cérebro 48
Palavras Cruzadas 49
A Revista há 50 anos 51
Tudo isto aconteceu 52/53
À luz da psicanálise (pelo Dr. Luiz Fraga) .. 51
A Pergunta da Semana 58

VARIEDADES

Socorro no mar (Artigo de John Hall) 11
Sem ponto nem contra-regra (flagrantes) ... 27
Engenharia de papelão (flagrantes) 56/57

FOLHENTINS

Capitão Rob 24/25
Espinhos do Amor 38

ROMANCE

A Insatisfeita (Por Irene Temple Bailey) 22/23

FEMININAS

Passeio (risco de Ramon) 36
A Saúde do Bebê (pelo Dr. Saboia Ribeiro) .. 46

CINEMA (Por Leon Eliachar) 39/45

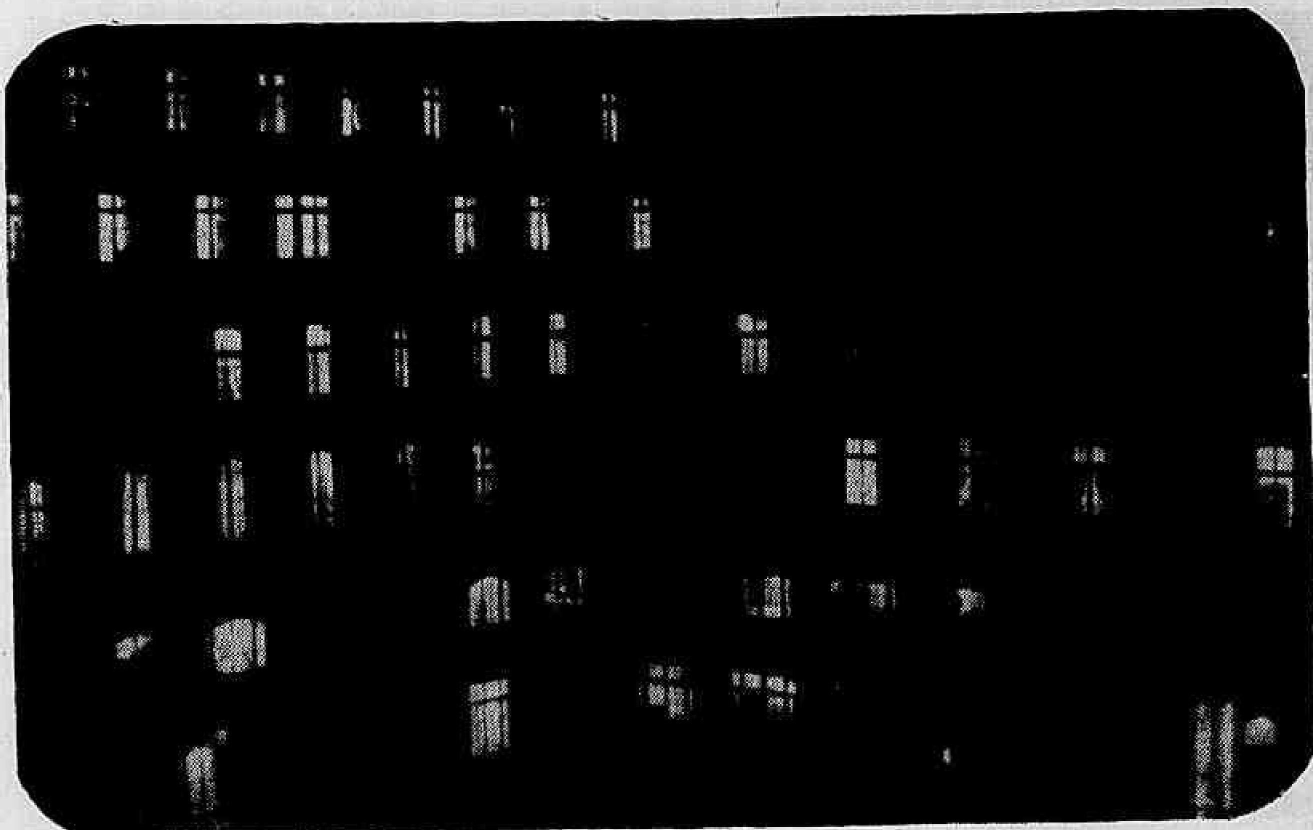
CARICATURA

Prova dos 9 (Por Théo) 10
Êste mundo e o outro (Por Darcy) 55

★

NA CAPA:

Eliane Lage (da Vera-Cruz)



Quando a noite começa

QUANDO começa a noite, na capital do país, começa a ronda dos perigos. Quando a noite avança e os combustores elétricos derramam frouxa luz sôbre o pavimento das ruas e as figuras dos passantes, o cêrco dos perigos se aperta à volta de cada um. São os perigos inevitáveis de uma grande cidade mal policiada: a agressão dos bêbedos, o assalto dos gatunos, a iminência do latrocínio ou do atropelamento. Aos perigos inevitáveis se juntam os perigos e constrangimentos dispensáveis, oferecidos pela própria polícia. Porque é a mesma polícia que mal policia, que mal vos protege, que mal vos defende, a que se encarrega de vos tornar a noite cem vêzes mais perigosa. Ou, simplesmente, menos amena.

Podeis levar um exemplar da Constituição no bôlso, saca-la como se fôsse a arma de defesa do cidadão pacífico: ela negará fogo. E a tereis sacado inùtilmente perante o representante da autoridade pública: êle jamais reconhecerá validade a qualquer dos belos princípios arrolados entre os direitos e as garantias do cidadão. Sois livre, sem dúvida, mas a vossa liberdade se estende até onde o quiser o primeiro policial que vos surgir à frente. Tantas são as interpretações sôbre a vossa liberdade quantos são os policiais e segundo essa variável jurisprudência não tardais a compreender que a vossa liberdade é fortuita e só podeis aproveitá-la furtivamente, como se aproveitam as coisas proibidas.

Um chope num bar de Copacabana ou num bistrô da Lapa pode não ser crime, mas é frequentemente uma contravenção ou quando menos um ato ilícito que exige explicações. E o policial vos pedirá a identidade, para saber se estais no número das pessoas que podem beber chope. Mas se o chope é facultativo depois das dez da noite, se podeis ou não entorná-lo, conforme entenda a polícia, outras liberdades constitucionais são menos facultativas.

O namoro, por exemplo, depende de mandado de segurança. Se levais a vossa garôta a passear na beira da lagoa ou se com ela fazeis castelos na areia (na areia mesmo) do Leme ou do Leblon, o menos que vos acontece é ser conduzido ao distrito, como o último dos rufiões. A noite carioca tão convidativa é mais do que o mistério e o encanto misturados aos perigos inevitáveis. E' a complicação e é o constrangimento. E' a polícia munida de uma arma única, o chamado **poder de polícia**. O poder de polícia pode remexer os vossos bolsos e indicar o caminho da casa ou da delegacia. Porque êle é maior que a Constituição, maior que o Bispo, maior que o Magistrado.

Quando a noite baixa, tomai cuidado se fazeis coisas inocentes, porque tendes o poder de polícia nas canelas. Êle só vos deixará livre para serdes assaltado e morto. Então o serviço será limpo e desembaraçado.

ALCEU MARINHO REGO

6 1/2 MINUTOS DE TRADIÇÃO

A CERIMÔNIA DAS CHAVES NA TÔRRE DE LONDRES

UMA das mais velhas cerimônias que se conhecem em Londres, cidade já de tantas tradições, repete-se invariàvelmente, à mesma hora, desde 700 anos. E' a chamada "cerimônia das chaves", que tem lugar na Tôrre de Londres, local de inúmeras e sangrentas recordações para os inglêses. A cerimônia dura 6 1/6 minutos, contados com precisão britânica e finda quando o relógio da tôrre faz soar as dez horas.

As 9.45 da noite o chefe da guarda A. H. Cook acende a lanterna e, ao faltarem sete minutos para as dez, sai ao encontro de sua escolta. Passa a lanterna a um membro da escolta e juntos se encaminham para a Tôrre Média, onde a guarda perfila-se e apresenta armas em honra às Chaves do Rei. Numa seqüência de gestos o chefe da guarda abre os grandes portões, a porta da Tôrre Média e a da Tôrre Byward. Ao atingirem a Tôrre Sangrenta o guarda e sua escolta trocam com a sentinela as seguintes expressões:

Sintinela: "Alto! Quem vem lá?"

Chefe da guarda: "As chaves".

Sentinela: "Que chaves?"

Chefe da Guarda: "As chaves do Rei Jorge".

Sentinela: "Passem as chaves do Rei. Tudo em paz". Quando o cortejo alcança o pátio depois de abrir a última porta, o chefe da guarda avança uns passos, tira seu chapéu alto e diz "Deus guarde o Rei Jorge", ao que a guarda responde "Amem". Nesse justo momento o relógio bate as dez horas.

Pela primeira vez, recentemente, tôda a Inglaterra viu essa curiosa cena através da televisão, cujas cameras foram instaladas no interior da Tôrre de Londres.

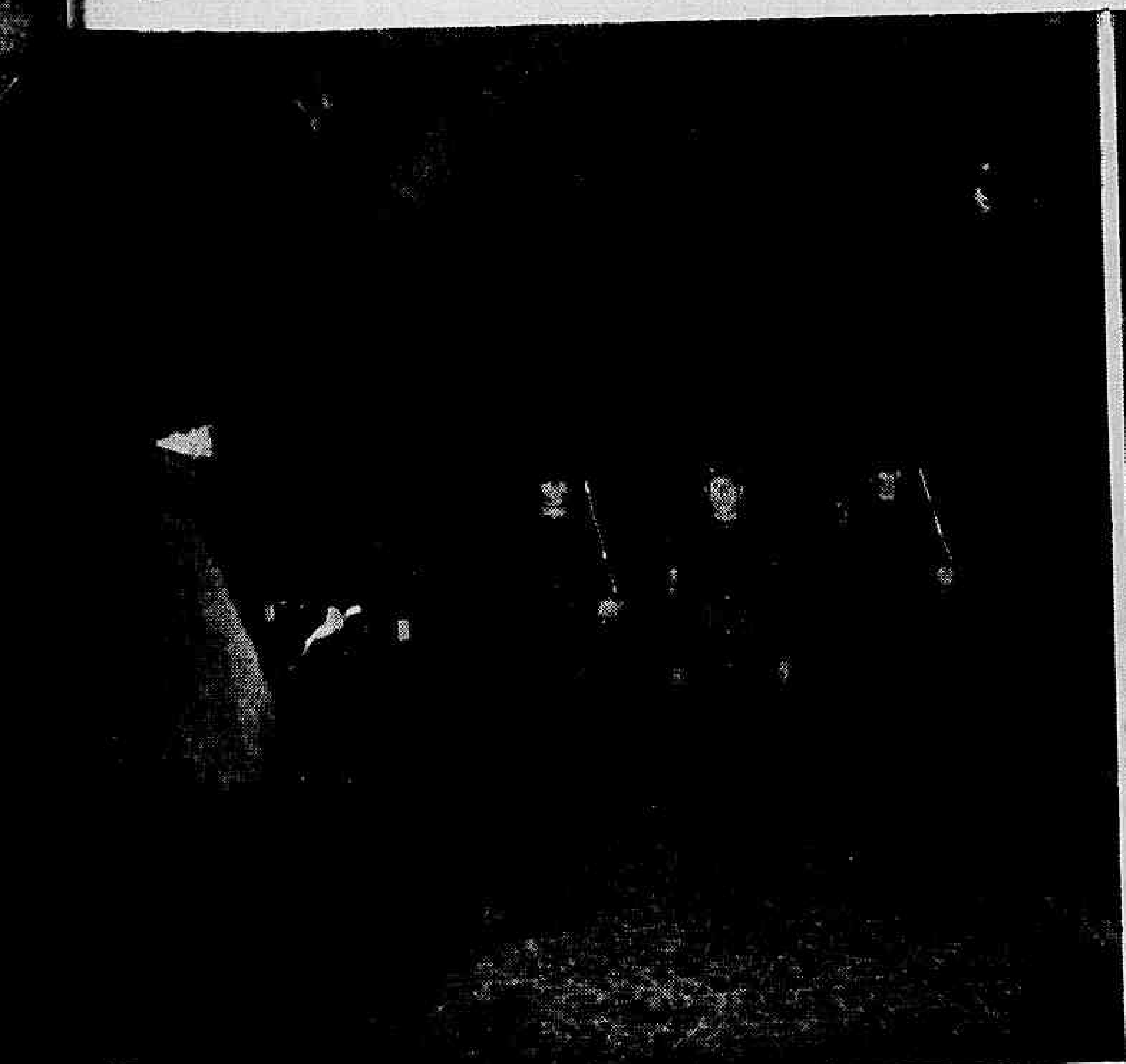
Aspecto da histórica e sombria Tôrre de Londres, cujas primeiras construções remontam ao tempo do Conquistador. — (Ao alto da página)



Depois de verificar o relógio (página anterior), o chefe da guarda ascende o pavio do candieiro, auxiliado por um guarda. Ambos vestem casaco escarlate; as flores do chapéu alto recorda a Guerra das Rosas



Chegando à Tôrre Sangrenta o chefe da guarda é interpelado pelo sentinela, com o qual troca, segundo a tradição, expressões consagradas. Depois disso passa à Tôrre Média, seguido de sua escolta, solenemente







O chefe da guarda
a pesada porta de
deira massiça, da T
Média. E mais duas
tes de soar 10 h



Um guarda fecha a porta, antes que o chefe passe a chave. Esta é a Tôrre Byward, a 3ª de quatro que são

A C

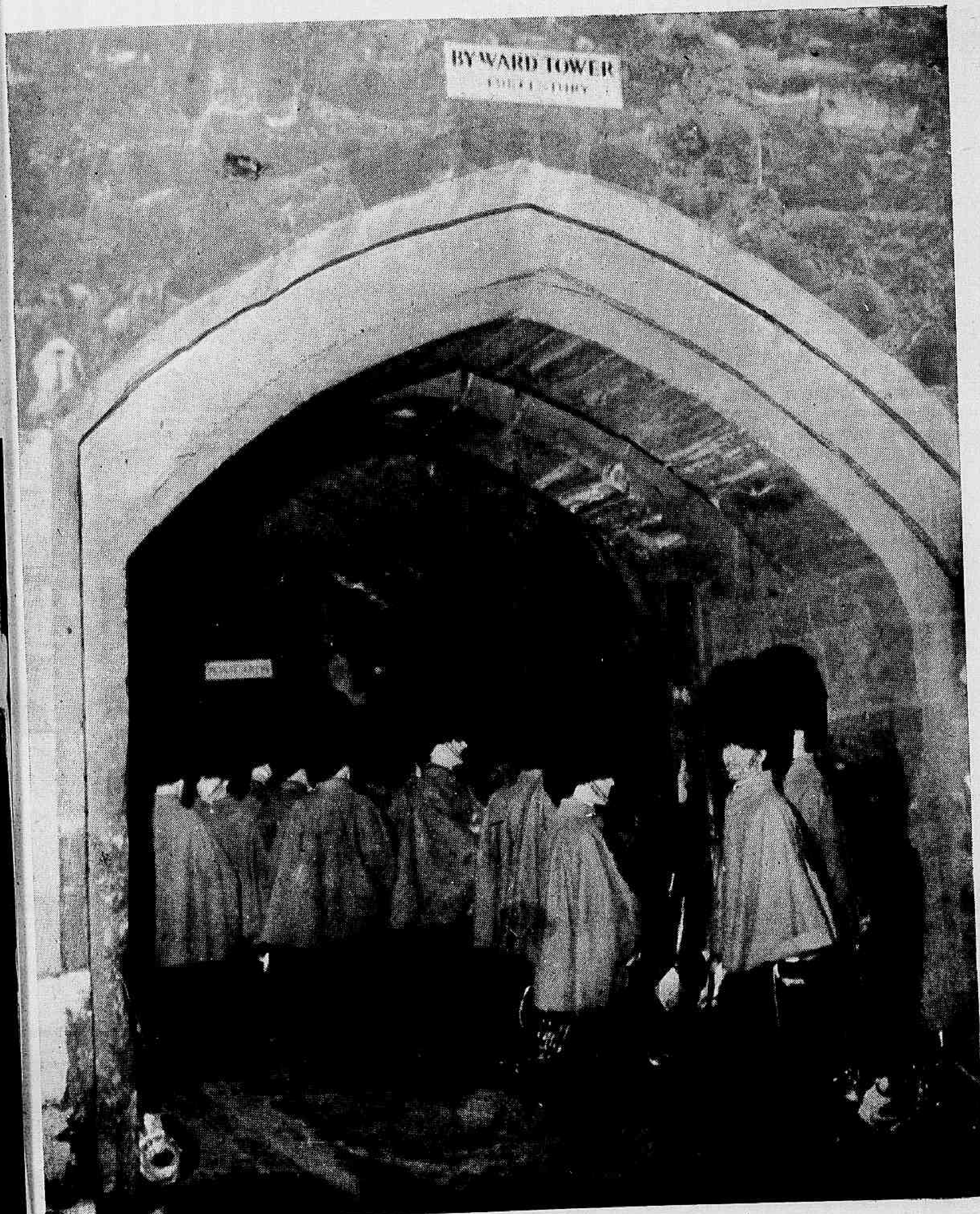
A T
e
Foram
séculos
no int
londrin
As jó
giada
toso

A CERIMÔNIA DAS CHAVES NA TÔRRE DE LONDRES

A TÔRRE DE LONDRES — Palácio real do tempo da conquista normanda, cuja edificação começou em 1078, pela Tôrre Branca, por determinação de Guilherme. Foram feitos importantes acréscimos a essa primitiva construção através de muitos séculos. Entre os séculos XV e XVIII inúmeros príncipes e nobres perderam a vida no interior dessa tôrre sinistra, cujo horror por muitos anos perdurou no espírito dos londrinos. Entre os assassinados nas suas salas contam-se Henrique VI e Eduardo V. As jóias da coroa são hoje guardadas numa dependência especial da Tôrre, que é vigiada e defendida por uma guarda especial, que veste, mesmo nos dias de hoje, o vistoso uniforme dos tempos da dinastia Tudor.



Quando o relógio bate 10 horas a cerimônia, repetida há 700 anos, está finda. O chefe da guarda pode ir dormir



Em ocasiões excepcionais a cerimônia das chaves é completada com a presença da banda militar dos «Scots Guards»

O pequeno conto

O IMPOSSÍVEL ACONTECE

Por GEO WILLIAMS

QUANDO a polícia, após estrepitoso cêrco, onde fêz funcionar tôdas as armas de que dispunha, inclusive lançamentos de gases de tôdas as espécies, conseguiu capturar Frizt Freisman, respirou bastante, pois que cortava cêrco, dessa forma, a campanha deletéria da imprensa que se atirava raivosa contra a organização.

Agora o "perigo nº 1" de Filadelfia estava bem seguro. Podia, a terceira cidade dos Estados Unidos, dormir seus sonos tranqüilos, que o "rato" encontrara sua gaiola.


A.M.

A série de crimes cometidos por Fritz não tinham quase conta: assaltos a Bancos, postos de gasolina, casas de jóias, mansões senhoriais. E quase todos êsses assaltos pontilhados por um ou dois cadáveres, que Fritz jamais deixara de se adestrar em sua maravilhosa pontaria.

★

"Amigos ocultos" tudo fizera, para que o grande júri não condenasse o delinqüente à derradeira pena. Mas de nada valeu a enxurrada de dinheiro nem tampouco as ameaças aos jurados. Cadeira elétrica. Ia, o elegante e cínico Fritz, ser "fritado" com tôdas as honras.

— Chegou minha vez — disse êste ao advogado que ainda tentara todos os meios para conseguir uma comutação de pena. — Desta feita vou mesmo virar torresmo! O que me incomoda é que lá no Inferno vou dar de cara com duas dúzias de indivíduos que me precederam...

Disse isso brincando, pois que Fritz jamais acreditou na possibilidade de ser morto legalmente. Não sabia como nem quando, mas contava com a sua boa estrêla que sempre brilhara intensamente em seu destino.

★

Providenciaram o transporte do perigoso gangster para a prisão do condado onde deveria, na Casa da Morte, atravessar seus últimos dias.

Manietaram sua mão direita ao pulso robusto de um gigante. Outro, de não menores proporções, sentou-se ao lado, no estreito banco do trem. Os dois policiais escolhidos eram o "ne-plus-ultra" nessa espécie de serviço e Fritz ligado pelo bracalete de aço ao "anjo da guarda", tudo poderia fazer, menos escapar.

E no entanto escapou!

★

O terrível choque encorcovou o trem. Os vagões acastelaram-se uns sôbre outros. Ferros retorcidos, chamas, explosões, gritos agônicos. A colisão tinha-se dado quando o comboio ia em sua máxima marcha. Daquele horrendo amontoado de destroços surgiu, cambaleante, a figura de um homem. Estava com os cabelos chamuscados, roupas em tiras, vertendo sangue da fronte.

E sua mão esquerda, agitando-se, agitava sinistramente uma mão humana: a mão do policial que, com o desastre, tinha sido decepada cerce!

★

Dias mais tarde essa mão sinistra foi encontrada próximo a um córrego. O que a polícia jamais encontrou, foi Fritz Freisman que volatilizou-se até hoje! (IPA).

A Semana E

Amai-vos uns aos outr

UMA senhora idosa e de muletas se aproximou de um táxi ali no Largo de S. Francisco, e perguntou ao chofer se estava livre. O motorista respondeu que não. Ela, com sacrifício, se dirigiu a outro, e também êste se negou a transportá-la. Observava o episódio o comissário Armando Pano, e resolveu intervir. Sem dizer que era uma autoridade policial, o zeloso comissário interpelou o primeiro chofer, e êste, ignorando que estava falando a uma autoridade, disse-lhe que seu carro "não era ambulância para conduzir aleijados; se ela quisesse um carro chamasse num hospital. E largou uma baforada de seu cigarro na cara da velhinha. O comissário deu-lhe voz de prisão. O motorista viu que dera um golpe errado. Mas ainda procurou resistir ao convite para ir à delegacia. O comissário endureceu e prendeu todos os que estavam ali e se recusaram a levar a senhora de muletas. Chamando guardas-civis, o comissário deu cumprimento à ordem de prisão e lá se foram os motoristas para a delegacia prestar seus depoimentos. Como não se trata de crin órbita do Direito Penal, e sim, apenas uma contravenção de Trânsito, foram ma aos seus lugares, mas seus veículos apreendidos e rebocados para o competente dep Esse fato bem nos mostra a que baixo nível de mesquinhez moral chegamos. Mesm a senhora idosa e aleijada houvesse pedido uma passagem por esmola, nenhum motoristas devia recusar-se a atendê-la. Era um gesto de humanidade. Mas, por in que pareça, a pobre senhora pagaria a corrida, sem precisar de misericórdia. Todos em Cristo, mas ninguém se lembra de suas palavras.



Touradas em Caxia

"CON mucho gusto envergaré el traje de Manolete en las toradas de Caxias". Estas palavras foram pronunciadas a um vespertino carioca pelo toureador espanhol Manuel de la Iglesia, o Manolé, como é popularmente conhecido. Êle está no Rio, e se apresta com farças e indumentos rebrilhantes para estrear numa arena improvisada lá em Caxias, contra algum touro "valiente" que não se deixe anular a cheirar flores, como o saudoso Ferdinando. Segundo dizem os jornais a tourada de Caxias conseguiu pacificar as três famílias que vivem em permanente ebulição. O assunto é a tourada. Moutas, Dantas e Cavalcantis se esquecem de suas diferenças e aderem, corpo e alma, ao acontecimento mais emicionante da cidade do barulho. Todos estão unânimes em prestigiar o espetáculo, que, há séculos, já foi popular no Rio, como ainda o é lá pela Espanha e Portugal. Contra a novidade, porém, já se ergueram vozes autorizadas de Sociedades Protetoras de Animais. Já houve apelos ao Presidente da República e ao delegado Imparato, lá de Caxias. Nada de radas, espetáculos sangrentos e bárbaros, que não se acomodam à índole pacífica nosso povo. As razões dos que estão revoltados com a inovação são impressiona e não sabemos se todo o esfôrço do Manuel de la Iglesia vai dar certo, ou vem aí uma ação judicial para impedir a festança. Há porém, uma particularidade sunto. Não discutimos que a índole do povo brasileiro seja pacífica e que uma à la andaluza nos causa repugnância. Mas, poderá a morte de um touro causar no espírito do povo de Caxias? Não será mesmo preferível que se matem los que se abatam los hombres?



Só sem barbas

OS Comandos do Serviço de Produtores Animais da Prefeitura, chefiados pelo diretor Paciano Aguiló, foram fazer uma visita de inspecção lá pelo Mercado Municipal e examinaram açougues e peixarias. Apreenderam grande porção de linguiça já imprestável para o consumo, mas que estava ali à espera do primeiro incauto que quisesse comprá-la. Intoxicação na certa. O mais curioso, porém, foi o espanto em que ficaram os fiscais e o diretor da caravana, ao verificarem que todo o camarão que estava à venda era com barbas e tudo, a trinta e quarenta cruzeiros o quilo. Grande quantidade de camarão foi para o lixo, por estar em mau estado de conservação. Mas os fiscais implicaram com as barbas camarônicas e ordenaram que, se quisessem vendê-los ao público, teriam que passar a gilete nas faces rubicundas daqueles bichos feios. E o diretor explicou: "Vender camarão assim é um assalto à bôlsa do povo". Só a cabeça do bicho pesa setenta por cento de todo o corpo. Uma pessoa que adquire um quilo de camarão, só aproveita umas 250 gramas, nos ainda. Por êsse motivo o diretor Aguiló, diretor do Serviço de Animais da Prefeitura, determinou que o camarão no mercado municipal do Rio Janeiro só deve ser vendido ao povo, desbarbado. Mas sucede que, por sua vez lhista do mercado compra o produto lá no Entreposto os nos barcos pesqueiros, barbas, cabeças e tudo. Se forem fazer a barba dos camarões, antes de vendê-los fregueses, a que preço poderão fazê-lo? Há, no comércio, umas coisas muito cabeludas que exigem providências desde o início, de sua origem. Essa de camarões barba é uma delas. No fim, é o povo que fica "abarbado"...



Em Revista

Preconceitos de côr



NÃO há nada mais estúpido do que preconceito de côr no Brasil. Que alemães, inglêses, nórdicos, eslavos tenham lá as suas hostilidades contra africanos e mestiços de epiderme escurecida pela mistura de duas raças que se chocam com a dêles, vá lá, ainda se tolera, embora não se justifique. E não se justifica porque, etnológicamente, não há raças puras. Tôdas elas são mestiças, contêm sangue de várias procedências. Não há, cientificamente, nenhuma raça pura. Mas voltando ao caso de discriminação racial no Brasil, registremos o episódio que acaba de verificar-se em Florianópolis, capital de Santa Catarina. Estiveram em visita àquela cidade vários jogadores de futebol da Bahia, contando-se entre êstes, alguns negros. Nada mais comum entre as equipes de nosso futebol. Dentre os números programados para homenagear a delegação dos jogadores baianos, havia uma recepção no "Clube 12 de Agôsto", com danças, discursos, sàudações, etc. Mas, à hora da chegada dos baianos, houve um momento de estupefação: quem era de côr não entrava no restaurante. Como não podia deixar de ser, houve imediato protesto, e não sabemos se houve a recepção, ou se os colegas dos repelidos se solidarizaram com êles e deram a homenagem por acabada. O caso repercutiu em Salvador, e a Câmara Estadual aprovou um requerimento do deputado trabalhista Otávio Drumond, no sentido de telegrafar ao Ministro da Justiça, protestando contra o ato e solicitando abertura de inquérito a fim de punir os transgressores de uma lei que acaba de ser posta em vigor. Que resultará disso? Não era melhor que se explicasse, desde a escola primária, que, no Brasil, todos somos mestiços? E que, o que importa é o procedimento, o caráter?

Rua da Gratidão



HAVIA na Tijuca uma rua com êsse nome. Qual a sua origem? Gratidão a quem? Mas, com a mudança dêsse nome para o de Rua General Espírito Santo Cardoso, já não há mais quem se interesse pelo desvendar do nome antigo e tão evocativo. O homenegeado é pai do atual Ministro da Guerra, e também ocupou êsse pôsto em 1932. O ato da colocação das placas se revestiu de tôda solenidade, e ao mesmo compareceram pessoas gradas e membros da família daquele saudoso militar. A rua da Gratidão passará a ser General Espírito Santo Cardoso. Os habitantes da mesma, porém, já haviam feito vários apelos à Limpeza Pública, a fim de que essa repartição mandasse retirar do seu leito montões de lixo que se vinham acumulando havia mais de dois meses. Mas, infelizmente, não dispõe a Prefeitura do Distrito Federal, de pessoal suficiente e de veículos em número capaz de atender às necessidades urbanas e suburbanas. Desta forma, de quando em quando há muitas ruas no Rio que se ressentem de limpeza. Até mesmo vias centrais, em plena zona comercial. Que fazer? A Municipalidade está lutando com falta de braços e de máquinas para dotar a cidade de limpeza irrepreensível. E se tal sucede no centro, que não poderá dar-se nos bairros? Entretanto, com a inauguração a 19 de abril, das novas placas para a ex-rua da Gratidão, sucedeu êste fato auspicioso: desde a véspera a rua, em tôda a sua extensão estava limpa, varridinha, asseada que era um primor. E os seus habitantes não deixaram de confessar sua gratidão ao venerável morto.

Malas dos Correios



PUBLICOU um dos nossos matutinos, a 29 de março esta notícia espantosa: "O navio *Santarém*, que se acha em trânsito por esta capital, com destino ao norte do país, negou-se a receber da administração do Departamento dos Correios e Telégrafos, um carregamento de cinco mil malas postais. Essa negativa do comando do "Santarém", que pertence ao Loide Brasileiro, é motivada pelo fato de ser o referido navio de turismo, conforme alegação feita ao Superintendente do Tráfego Postal. No entanto, do pôrto de Santos êsse paquete traz pequeno volume de malas do —D.C.T." — Não sabemos se, pelo regulamento federal que trata de tais assuntos, um navio do Loide, com turistas para o próprio território nacional, pode alegar êsse motivo para deixar de transportar malas dos Correios. Se há dispositivo legal sôbre isso, que os poderes competentes os revoguem imediatamente, por absurdo. Todos sabemos como é doloroso esperar-se por transportes marítimos para remessa de correspondência e impressos entre portos do sul e do norte. Quando não se recorre ao avião, uma carta entre o Rio Grande do Sul e o nordeste leva de 20 a 30 dias... Ora se assim é, que mal haveria em um navio de turismo pegar malas postais? Quem faz turismo não vai com pressa, e a descarga de malas dos Correios em qualquer pôrto não é coisa de fazer criar cabelos brancos. O Brasil precisa mobilizar seus navios, seus trens, seus aviões, no serviço de transportes de malas postais, e o "Santarém", mesmo com o título de navio "turístico", deve igualar-se a todos os outros no serviço das necessidades comuns e imprescindíveis ao povo brasileiro.

A PERSONAGEM DA SEMANA



DEZENOVE de abril é o dia consagrado ao Índio. E' de lamentar, apenas, que índio brasileiro não tenha ação nenhuma na construção da nacionalidade comum. Podíamos vê-lo integrado na comunhão brasileira, cooperando com os civilizados dentro da área de sua capacidade operativa, e não sendo elemento de estatística simplesmente no sentido da selvajaria inoperante e até deficitária no orçamento brasileiro. Quantos índios ainda vivem espalhados pelo território nacional, na bacia amazônica, nos confins de Mato Grosso, nas florestas de Goiás? Ninguém sabe. Nestes últimos anos, houve uma tentativa louvável para conquistarmos tribos arredias e ferozes lá pelo chamado Brasil Central. Mas, ou por falta de recursos, ou porque não tenhamos processos de bons resultados para realizar tamanha obra civilizadora, os missionários dessa cruzada não têm conseguido o sucesso que seria de desejar. E a massa de silvícolas do interior do Brasil vive nesse binômio: ou inabordável, ou passando misérias. De quando em quando chegam ao Rio vários indivíduos de nossas selvas em busca de ferraventas, utensílios de caça e sementes. Os jornais publicam fotos e as lamúrias dêsses infelizes. Não sabemos se voltam com o de que precisavam, ou se ficam por aqui, a esmolar, a trabalhar em qualquer coisa. O índio brasileiro, embora de um primitivismo de homem das cavernas, constitui massa plasmável nas mãos de quem pudesse e quisesse aproveitá-lo para a civilização. A prova disso está em testemunhos como os de Couto de Magalhães, que no seu grande livro "O Selvagem", nos dá mostras da inteligência do silvícola brasileiro, seu espírito propenso às artes, à poesia, à civilização. Não basta que instituamos o "Dia do Índio", precisamos chamar ao nosso progresso, mesmo conservando-os lá, os **índios de todos os dias.**

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

Desânimo
Abatimento



Desânimo, abatimento, mau humor, palpitações, ansiedade, excitações nervosas, dôres de cabeça e outros distúrbios mais sérios da saúde podem ser causados pelas inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Quando êstes órgãos não funcionam normalmente, o génio da mulher altera-se quase sempre, e ela pensa, não raro, que está sofrendo de muitas doenças, sem desconfiar, nem se lembrar, que os seus males podem ser provenientes de congestões e inflamações útero-ovarianas.

Em semelhantes casos, uma bôa medicação descongestionante exercerá efeito salutar sôbre todo o organismo, e a mulher sentir-se-á outra: reanimada, bem mais disposta e contente com a vida, que lhe parecia, antes do tratamento, um pesado fardo.

Trate-se
Use *Regulador* Gesteira

***Regulador* Gesteira é o remédio de confiança para tratar as congestões e inflamações dos órgãos útero-ovarianos, que tão desfavorável repercussão costumam ter no sistema nervoso.**

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador* Gesteira

PROVA dos NOVE



SOCORRO NO MAR

Por JOHN HALL

ELCLUSIVIDADE DA REVISTA DA SEMANA NO BRASIL

ENQUANTO por todo o mundo homens e mulheres se empolgavam com o valoroso capitão do "Flying Enterprise", que conquistou grande triunfo após trezé dias a bordo de seu barco entre a vida e a morte, homens do mar, à noite passada, contaram feitos históricos de reboques que alcançaram mais felizes resultados.

Veio à baila o rebocador "Turmoil", com o memorável feito heróico que êle desempenhou já lá vão seis anos. Com dois barcos dêsse tipo, foram rebocadas três gigantescas dragas numa extensão de mais de 3 mil milhas através do Atlântico, da Nova Escócia ao Havre.

A odisséia levou oitenta e oito dias. Estava-se no meio do inverno, e a maior parte do trajeto tiveram os navegantes de encontrar tempo mau com tempestades. Por várias vêzes as dragas rebocadas estiveram em perigo; mas os seus rebocadores as mantiveram em ordem, enfrentando a borrasca.

Na guerra e na paz os pequenos navios ganharam fama na história marítima

Numa vez um dos cabos partiu-se. A tripulação se lança na arriscada manobra de recuperá-lo e novamente o fixa. Lá para o final da viagem o tempo se agrava e o vento açoita as águas furiosamente, obrigando os rebocadores a procurar abrigo perto à Costa da Inglaterra, antes de prosseguir a viagem, em marcha vagarosa, para o Havre.

Durante a guerra muitos navios avariados ou arrebentados foram levados a abrigos, um dêles com a proa destruida pela explosão de minas.

Houve aquêle episódio épico da Marinha Inglêsa, com o cargueiro "Samslyvana", atingido por bombas quando num comboio no Mediterrâneo. Sua tripulação teve que abandonar o barco, deixando, entre a carga, um milhão de libras esterlinas de prata em barras.

Um rebocador de guerra deixou Alexandria, corre em busca do barco atacado, encontra-o, coloca no casco três marujos e o reboca através de centenas de milhas até ao pôrto de Bengazi, onde é ancorado e tôda a prata salva.

Outra vez fêz o mesmo a Marinha Real, no mesmo Mediterrâneo, dois anos mais tarde, quando o cargueiro "Benledi" se incendiou e foi abandonado. Os tripulantes de rebocadores que correram para salvá-lo, puseram homens a bordo e o trouxeram a pôrto de salvamento. O Almirante concedeu prêmios de salvamento no valor de 36 mil libras.

Há ainda o caso do "Breconshire", construido já depois da guerra e naufragado em Malta. Foi então rebocado numa extensão de 700 milhas até Gênova.

Outra proeza memorável e que se pode comparar à do "Flying Enterprise", foi aquela de um audaz rebocador de Glasgow, em plena guerra bloqueou submarino quando para socorrer um cargueiro abarrotado de mercadorias, de 10 mil toneladas, navegou 250 milhas pelo Atlântico a dentro até encontrar o cargueiro desarvorado e perseguido ferozmente por um submarino inimigo que procurava uma chance de metê-lo a pique.

Desafiando os submarinos, a tripulação do rebocador de Glasgow coloca os cabos e o arrasta durante quatro dias até ao pôrto de Clyde, sanvando o "Cherbougois III" e a sua preciosa carga de cereais.

Muitas docas flutuantes de tipos gigantescos figuram em vários episódios audazes com relação a rebocagens. Um dos primeiros casos foi o daquela construida em Tyne e rebocada numa extensão de 13.500 milhas a Wellington, Nova Zelandia.

Uma outra que navegava nos últimos meses da guerra foi desarvorada por um temporal. Os homens que iam a bordo fizeram o sinal de "Vamos parar", e, depois de muito esfôrço, novos cabos foram fixados e a viagem continuou em ordem.



Quando a India se tornou independente, a Armada Inglêsa removeu quatro docas flutuantes, uma para Malta e três para a Inglaterra.

Na travessia de 900 milhas de Gibraltar, o comboio enfrenta mares tempestuosos e a viagem leva doze dias. Além de Lizard parte-se um cabo, mas um outro é colocado. Registra o Almirantado que a maior dificuldade era fazer passar a maior das docas flutuantes, de 50 mil toneladas, pelo Canal de Suez.

No ano passado dois rebocadores puxaram uma outra doca flutuante de 22 mil toneladas numa distância de 2.500 milhas através do Atlântico.

Um dos mais memoráveis feitos de rebocagem na primeira Grande Guerra foi a daquele navio "Gaelic Prince", que colocou a bordo de um navio americano no Atlântico médio e, fazendo face a mau tempo, o rebocou para um pôrto de salvamento.

O recorde de rebocagem a longa distância cabe ao rebocador americano "Tampa", que deixou a Florida em março de 1947, a fim de socorrer o navio "Watch Hill". O "Tampa", de 1.110 toneladas, três meses depois entregava o navio rebocado em Batavia, com uma jornada de 15 mil milhas.

Um dos maiores feitos de rebocagem do após-guerra findou em mistério e tragédia. Em setembro último zarparam do Rio de Janeiro dois rebocadores inglêses em demanda da Inglaterra. Arrastavam êles o casco do navio de guerra brasileiro, "S. Paulo", vendido como ferro velho. Uma tripulação de oito homens foi colocada a bordo do velho encouraçado. No espaço de 4 mil milhas tudo ia bem. Mas, a 150 milhas dos Açores, uma tempestade surpreendeu os rebocadores e sua carga, e os cabos rebentaram. Na borrasca os rebocadores perderam contacto com o "S. Paulo". Sobreveio a noite.

O misterioso acidente com o rebocamento do navio "S. Paulo" que deixou o pôrto do Rio

E nunca mais se soube nada acêrca do "S. Paulo" nem de seus oito homens. Grandes buscas foram feitas. Todos os navios que singravam aquêles mares estavam alerta, mas nada se soube. Membros da tripulação dos rebocadores julgam que algumas horas depois de perdido o contacto, o casco do navio brasileiro foi ao fundo e com êle os seus oito tripulantes.







Waldir Azevedo finge para a reportagem (e para o público) que pega também no pesado. Mas é pura «visagem». Êle gosta mesmo é de trabalho delicado (vai sem trocadilho) como o da última foto, no momento em que guardava seu precioso cavaqui[nho na] caixa, com cuidados de quem põe um bebê n[a]

UM CAVAQUINHO PASSEIA PELO MUNDO

O cavaquinho, que é quase um bandolim e pouco menos do que uma guitarra, é um dos instrumentos mais difíceis de serem executados. Por isso mesmo, são raros os que o tocam na sua verdadeira afinação, ou seja, ré-si-lá-ré. Waldir Azevedo, que desde a mais tenra idade caiu de amores pelo minúsculo instrumento de cordas, é um dêsses raros. Ou o único, no Rio de Janeiro. Na sua ânsia em busca da perfeição, êle se destacou dos demais executantes, conseguindo obter efeitos inéditos com o cavaquinho e tirando-o da condição de mero componente de "conjuntos regionais". Devido a êsse fato, projetou o seu nome de músico e compositor muito além de nossas fronteiras.

★ ESTUDOU PARA PADRE, SÃO BENTO ★ O BAIÃO A FOU, NA ARGENTINA E URUGUAI ★ UMA NOITE COMPRESSAS DE SALMOU

Texto de MILTON SA

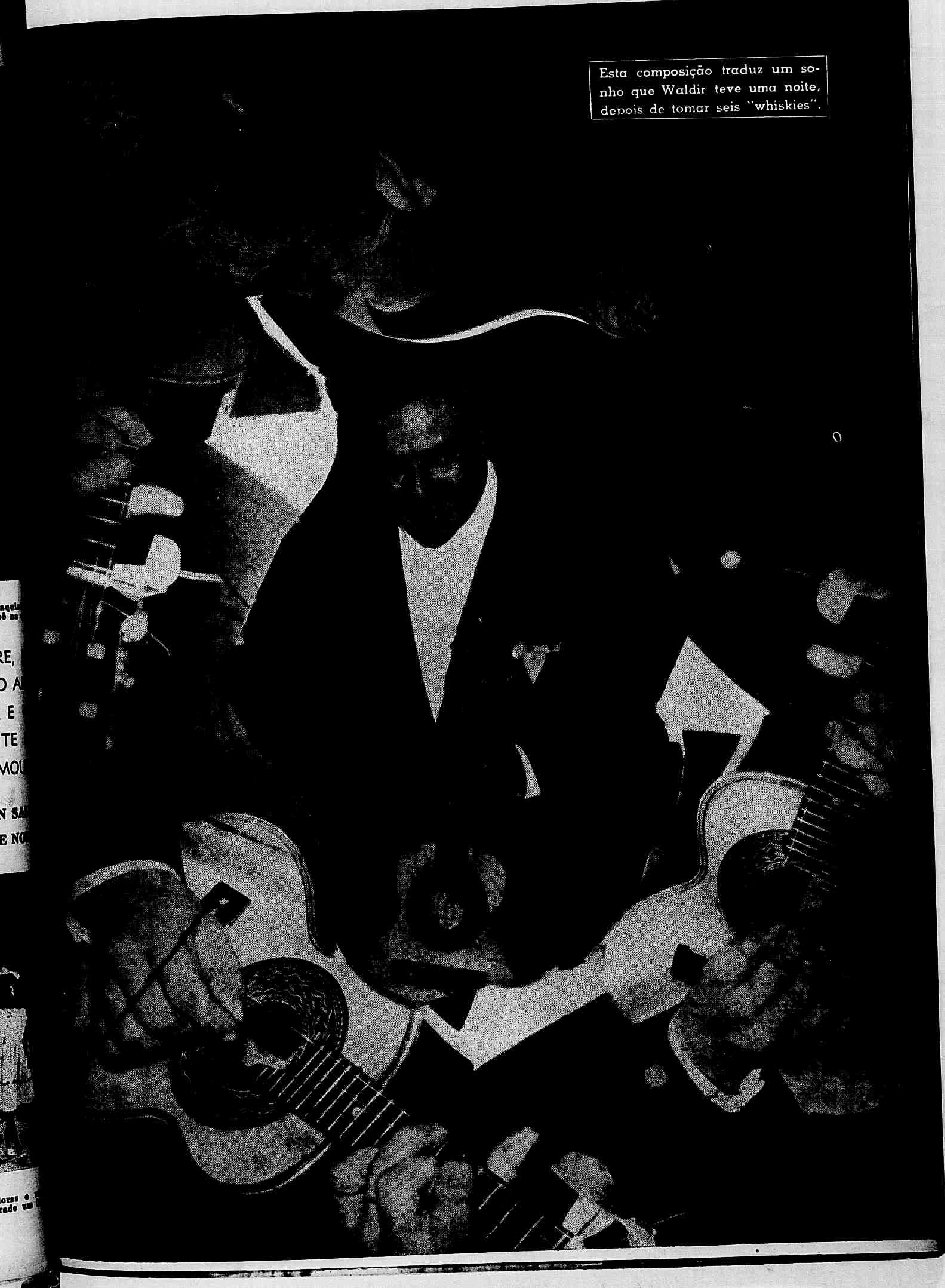
Fotos de JOSÉ SANTOS E NO



O autor de «Delicado» mostra ao repórter um dos cartazes de sua propaganda utilizado em Buenos Aires, à porta da casa de espetáculos. Waldir tomou conta dos portenhos



Com uma espôsa jovem e graciosa, duas filhinhas encantadoras e fortuna que ganhou com «Delicado», Waldir pode ser considerado u[m] feliz, mesmo tendo camisa



Esta composição traduz um sonho que Waldir teve uma noite, depois de tomar seis "whiskies".

UM CAVAQUINHO PASSEIA PELO MUND

A PEDRA NO CAMINHO

Carioca da gema — como faz questão de frisar, — com 28 anos de idade, Waldir Azevedo considera-se, com inteira razão, um vitorioso na vida. Apesar de ter chegado ao ponto máximo que um compositor de melodias populares pode alcançar, êle não se deixou embriagar pelos licôres da fama e continua como sempre foi: bom, simples, modesto e amigo de seus companheiros de conjunto. E gosta, sempre que pode, de recordar alguns aspectos interessantes de sua vida. Assim, não esconde que, ao completar os preparatórios, ingressou no Colégio de São Bento, a fim de ordenar-se sacerdote, porque os seus pais queriam um padre na família; não passou nos exames da Escola de Aeronáutica dadas as suas precárias condições físicas, motivadas pelas enérgias gastas em grandes serenatas; já foi modesto empregado da Light e o cavaquinho, desde a sua juventude, foi a pedra no seu caminho — aquela que modificou completamente a sua existência, dando muitas tristezas e, de uns tempos para cá, não menos alegrias aos seus genitores.

"BRASILEIRINHO", O PRIMEIRO SUCESSO

Depois que ingressou na Rádio Clube do Brasil, há mais de um lustro, o conjunto de Waldir Azevedo passou a chamar a atenção dos sintonizadores, dada a coesão dos seus componentes, bem como aos maravilhosos efeitos que êle tirava do seu cavaquinho. Um dia, com a saida de Jacob da Continental, êle foi chamado a fazer uma experiência nessa fábrica de discos. Assim, gravou "Brasileirinho", melodia gostosa que correu todo o Brasil e que lhe deu a oportunidade de firmar um longo compromisso de exclusividade com a referida emprêsa gravadora. Tempos depois, êle compôs e gravou o "Delicado", um misto de chôro e baião que, embora lançado no período pré-carnavalesco, vendeu mais do que qualquer melodia dedicada aos folguedos momescos. Ao mesmo tempo que essa gostosa composição era até vendida no câmbio-negro no Rio de Janeiro, as emissoras e casas de espetáculos das principais cidades brasileiras reclamavam a sua presença, com atraentes propostas. E êle não desperdiçou a chance: percorreu quase todo o Brasil, difundindo o "Delicado", que a par do agrado que obtinha cada vez mais, era alvo de críticas e piadas que só faziam aumentar o seu prestígio.

ÊXITO ESPETACULAR NA ARGENTINA

Em novembro do ano transato, Waldir Azevedo recebeu interessante convite da Argentina: realizar uma temporada de cinqüenta dias na Rádio El Mundo de Buenos Aires e no Cassino del Plata pela quantia de 180 mil cruzeiros para êle e quase outro tanto para os componentes do seu conjunto. Aliás, cabe ressaltar que o prestigioso musicista popular só aceita convites para excursionar com os seu companheiros. Fora disso, nem é bom procurá-lo... Chegando em Buenos Aires, êle recebeu entusiástica acolhida, tanto crítica como do público. E o embaixador Batista Luzardo fêz questão fechada de valorizar a audição de estréia de Waldir Azevedo na Rádio El Mundo com a sua presença.

ASSALTADO PELOS FÃS

Após o encerramento do seu seguindo programa na referida emissora da capital portenha, o festejado autor de "Brasileirinho" foi assaltadó pelos ardorosos fãs buenoairenses — homens, mulheres e crianças — que queriam tirar a sua gravata e pedaços da sua roupa para guardar como "souvenirs". Dado o grande número de fãs, que não pôde ser contido pelos policiais, Waldir e seus companheiros tiveram que se refugiar numa loja de calçados que há defronte aos estúdios da emissora. Sòmente uma hora depois é que êles puderam deixar o local. Mas, nessa altura, êle já estava bastante machucado e passou uma noite sem dormir, aplicando compressas nos lugares mais atingidos do corpo. Assim, a partir do seu terceiro grama na Rádio El Mundo, êle passou a xar a emissora usando um longo cordão isolamento. Desde então, êle não pôde andar a pé pelas ruas de Buenos Aires, não ser molestado pelos fãs...

ANEDOTAS SÔBRE O "DELICADO"

A popularidade do "Delicado" na capital gentina é tão grande, que Waldir Aze afirma que considera a sua música mais nhecida lá do que aqui. Para que se at a veracidade dessa assertiva, basta dizer essa competição tem, em Buenos Aires, menos que quatorze gravações, feitas por torze orquestras diferentes. Além disso, capital portenha correm as mais interes tes anedotas sôbre o "Delicado". Uma diz que o presidente Perón só passa o do dia de bom humor quando acorda cant o gôsto baião-chorc. Até uma giria foi da pelos espiritos irreverentes dos plati Quando querem dizer que tal assunto é licado e exige tato, êles dizem que "e assunto muy Acevedo..." A prova irre vel, porém, do êxito que o nosso patrício sua obra-prima conseguiram na Argen está no fato de algumas das principais de calçados de Buenos Aires terem lan um novo modêlo de sapatos feminino sapato "Delicado..."

UM NAVIO PARA CARREGAR DINHEIRO

Em face do êxito espetacular que se tituiu a sua temporada, Waldir Azeved convidado a tomar parte numa pelicul lado do famoso cômico Pepe Iglésias. produção, além de executar o "Brasileir e o "Delicado", êle representa um peq papel. E, a julgar-se pelos recortes de jo e revistas que nos foram mostrados, êle a dou em cheio. Quando se despediu de B nos Aires, o nosso patricio foi considerad melhor presente de Natal que os argent poderiam ter recebido em 1951. E o pr dente da Associação Argentina de Mú quando foi levar-lhe os votos de boa vi no aeroporto, disse-lhe:

— Waldir, quando você voltar em para realizar a nova temporada em terra, não se esqueça de trazer um a fim de levar a "plata" dos direitos torais...

SUCESSO, TAMBÉM, NO URUGU

Tornando ao Brasil, o aplaudido músi tricio mal pôde descansar. Teve, logo retornar ao sul, já que os uruguaios re vam a sua presença em Punta del onde se realizavam um Festival Cine gráfico. Em Montevidéu, a acolhida q foi dispensada teve a mesma grandios daquela de que êle foi alvo em Buenos A Sua popularidade chegou a tal ponto, nenhuma casa comercial, onde procura quirir "recuerdos" ou fazer "lunchs", tava o seu dinheiro. Resultado: Waldir vedo passou um mês na capital uruguaia gastar um centavo dos dez pesos que biou à sua chegada... Além disso, era saltado a cada passo pelos fãs, que disput vam a sua foto autografada. Tendo êle di tribuidó mais de 6.000 retratos em qu trinta dias.

UMA PROPOSTA PARA IR A EUROP

Justamente quando encerrava o relato d peripécias de suas temporadas na Argenti e no Uruguai, Waldir Azevedo recebeu o lefonema de um empresário que deseja lev à Europa. Após conhecer as bases, êle clarou:

— E' bem possível que, nos primeiros ses do segundo semestre do ano corrente vá até à Europa. Tenho propostas para at em Portugal, França, Espanha e Itália.

(Continua na pág. 49)

O BOM MOÇO MIGUEL



A cara de «ganster» de cinema americano, que se vê ao lado, é do ex-rei Miguel da Rumânia. Em baixo, numa foto que parece um cromo, suas filhinhas Margarida e Helena, de 1 e 3 anos de idade

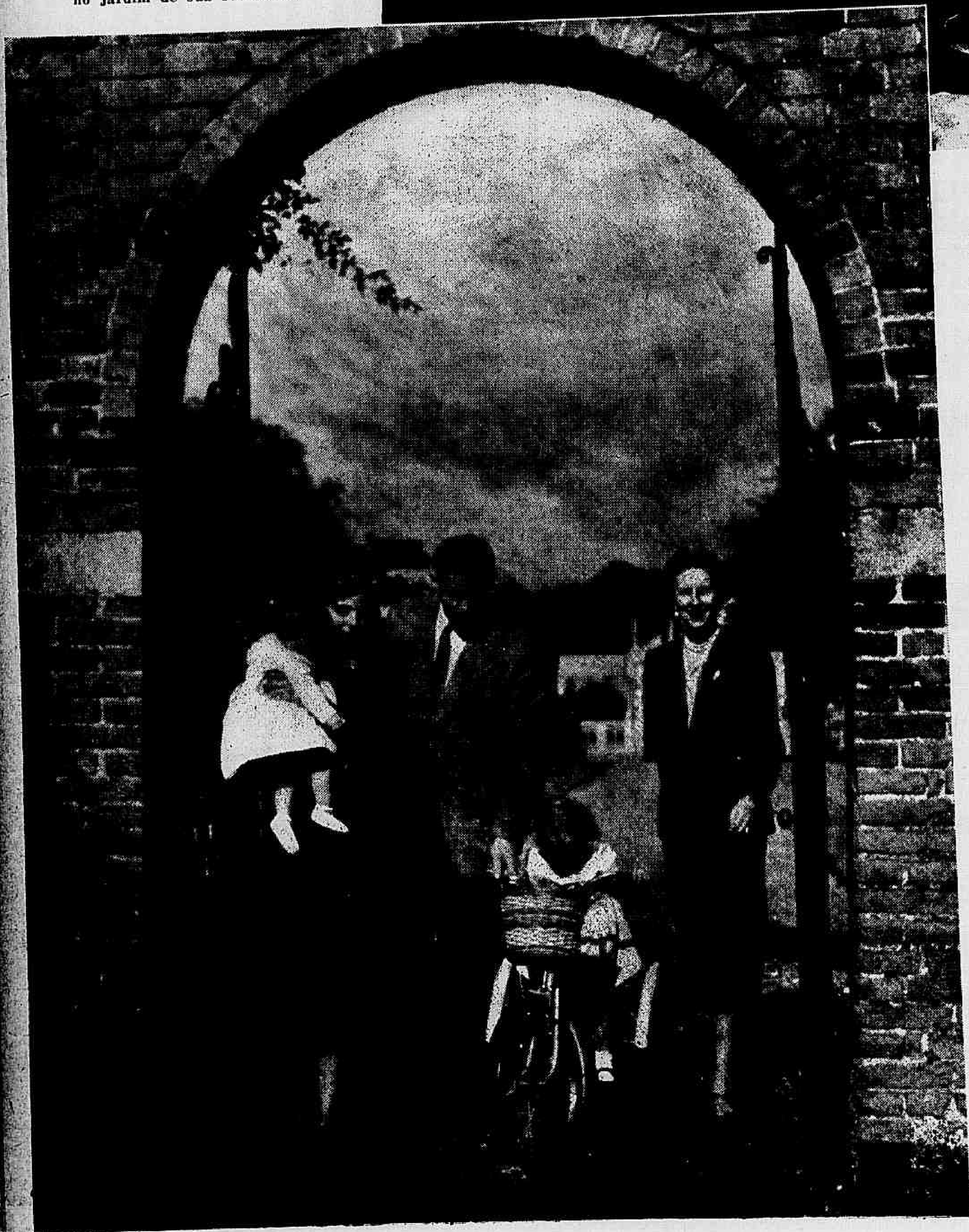


O EX-REI DA RUMÂNIA LEVA UMA VIDA FAMILIAR: É BOM FILHO, MARIDO FIEL E PAI BABADO ★ MIGUEL NADA PARECE TER HERDADO DO SANGUE AVENTUROSO DE SEU PAI, O EX-REI CAROL

O BOM MOÇO MIGUEL



O ex-Rei Miguel forma com sua espôsa, a Princesa Ana de Bourbon-Parma, um casal feliz. Aparecem juntos, ao lado, no jardim de sua residência



EM janeiro de 1948 o mundo
mais um rei tomar o ca
nho do exílio, depois de condena
a perder a coroa e a deixar sua p
tria. O jovem rei Miguel, que a
cendera ao trono depois da ab
cação de seu pai, o rei Carol, po
co depois de terminada a guerr
tinha êle próprio que abdicar p
sua vez. Enquanto seu país sum
por trás da Cortina de Ferro, e
tregue à dominação bolchevis
Miguel atravessou a Europa e
direção à Suiça, em três autom
veis que conduziam sua família
as bagagens, na qual se encontr
vam um completo equipamento fo
tográfico e espingardas de ca
Tudo se perdia mas êle salva
como lenitivo de uma hora dol
rosa, a paixão pela fotografia
pelo tiro.

Chegado à Suiça êle não enc
trou desde logo um lar onde e
belecesse a família, permanece
nesse país até consegui-lo. Foi
fim, com sua amorosa compan
ra, a Princesa Ana de Bourb
Parma, instalar-se em Bram
Park, uma das grandes man
existentes no sul da Inglat
pertencente a Lord Brocket.
reportagem fotográfica repro
cenas tomadas exatamente nos
redores do solar. A vida da fa
lia é extremamente modesta e,
palácio de Lord Brocket, o ant
rei da Rumânia ocupa nada m
que o porão da habitação.

A criadagem é reduzida ao m
nimo e se completa com duas a
destinadas às princezinhas, fil
do casal: Margarida, com 3 a
tratada na intimidade por "B
ny" e Helena, que completou
ano depois destas fotos serem
tidas. A mãe de Miguel, a ex-R
nha Helena (em homenagem
qual se deu igual nome à neta)

(Cont. na pág.

A ex-Rainha Helena da Rumânia a
panha seu filho e sua nora num p
pelos arredores da casa. Miguel m
a filhinha no velocípede



Que ocupará a cabecinha de Helena, a menorzinha, para estar tão séria? Sabe-se lá o que existe de profundo na mente das crianças? Ambas vêem a mesma coisa: a campainha da bicicleta; mas as fisionomias indicam como são diferentes as sensações!

O BOM MOÇO MIGUEL



O ex-Rei é um hábil fotógrafo amador e tem a paciência dos apaixonados por qualquer coisa. Antes de bater a chapa êle é exigente no arranjo



Corujice de pai: Miguel gosta de exibir, e o faz com orgulho visível, a re... da princezinha Helena, que ainda não tinha feito 1 ano



Tanto o ex-Rei como sua ... lher, a Princesa Ana, ... o tiro no alvo e ambos ... rites nesse esporte. Aqui ... tão verificando uma ...

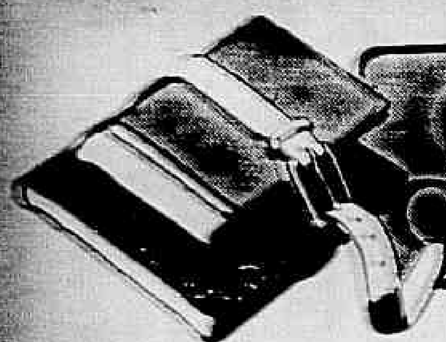




O álbum de uma família real, mostrando cenas tomadas no parque de sua residência. Aparecem, em tôdas, Miguel, sua mulher e as filhas. Na do alto, à esquerda, figura também a ex-Rainha Helena, mãe de Miguel.







Semana Literária



EDMUNDO LYS

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

ACABA DE publicar o seu segundo livro de versos o poeta Milton de Lima Souza. A obra intitula-se: «Caos Intacto» e vem repassada de uma intensa originalidade. Milton de Lima Souza estreou em 1947 com «Abecedário Interior».

★

ESTIVERAM EM Atibaia, Estado de São Paulo, e na capital bandeirante, os poetas Murilo Mendes e Maria da Saudade Cortesão.

★

A ROMANCISTA e ensaísta Maria de Lourdes Teixeira prometeu à Melhoramentos uma pequena história da literatura brasileira. A autôra de «O Banco de Três Lugares» pretende fazer chegar a sua história da literatura brasileira até aos nossos dias.

★

O CLUBE de Poesia de São Paulo há algum tempo que vem atravessando um período de crise. Há seis meses atrás, os poetas Mario da Silva Brito, Haroldo de Campos, Décio Pignatari e Augusto de Campos pediram demissão daquela entidade cultural. Há dois meses atrás foi a vez de Reinaldo Barrão pedir demissão do Clube. Agora os jornais paulistanos noticiam a saída de José Geraldo Vieira, conhecido poeta e romancista de renome nacional. Dêsse jeito, só os suiletrados permanecerão endeusando a pobre poesia...

★

«ANHEMBI», revista de alta cultura dirigida pelo escritor Paulo Duarte, acaba de lançar o seu décimo quinto número, referente a fevereiro de 1952. Os principais colaboradores: Alberto De'Stefani, W. Schindler, Bragaglia, Adolfo Casais Monteiro, Claude Carigue!, Paulo Toledo, Caldeira Filho, Flávio A. Pereira Duarte e outros.

★

ESTÁ ASSIM constituída a nova diretoria da Associação Brasileira de Escritores, seção de São Paulo: presidente, João Acióli; vice-presidente, Jamil Almansur Haddad; secretário-geral Carlos Burlamaqui Kopke; primeiro secretário, Artur Neves; segundo secretário, Geraldo Pinto Rodrigues; tesoureiro, Válter Sampaio. Conselho Fiscal: José Geraldo Vieira, Caio Prado Júnior, Mário Donato, Helena Silveira, Mauro de Alencar.

★

JOSÉ TAVARES de Miranda publicará ainda êste semestre, o seu novo livro de versos. O título da obra será: «Passo da Memória».

FIGURAS E FATOS



José Lins do Rêgo

● Jules Supervielle costuma trabalhar à noite, isto é, pensar poemas enquanto o sono não vem. Perguntaram-lhe se se levantava para grafar os poemas que a insônia lhe inspira:

— Não, absolutamente. Para mim, não há nada que tanto espante os fantasmas da poesia como a luz de sessenta velas das lâmpadas... Continuo no escuro.

● Um autógrafo de Arvers está atualmente à venda, em uma livraria parisiense, uma carta do «homem do sonêto», datada de quando êle era ainda muito jovem. Nessa carta, Arvers confessa quais são suas ambições sentimentais: «Uma mulher do mundo, ra passavelmente dotada e na compan de quem um homem de bem possa te minar sua educação».

● Quem teria inventado a «bibliot rosa»? Segundo parece, foi o célel (e muito pouco róseo) Eugène Sue; Condessa de Segur leu-lhe o manusc to de uma de suas novelas róseas. E se entusiasmou e logo procurou u editor para o livro: seis livreiros r cusaram o romance. O sétimo, o p Hachette, consentiu em correr a ave tura. Assim surgiu a escritora cu fama, hoje, supera a do romanci dos «Mistérios de Paris».

● Em edição Orfeu, sairá uma ediç dos poemas de João Cabral de Me Neto, reunindo em um só volume se livros anteriores.

● «Viola de bôlso», 21 poemas Carlos Drumond de Andrade, acaba aparecer em edição do Serviço de D cumentação do Ministério da Educaçã

● Murilo Mendes vai escrever o tex para comentário de um filme sôbre O ro Prêto e outras cidades históric de Minas.

● Está nas bancas o n. 22 de «Jo nal de Letras». Recebemos o núme II de «Cultura e Alimentação» a pr morosa revista do SAPS, dirigida p Edison Pitonibo Cavalcânti e Muri Miranda.

● Por iniciativa do governador Jo Américo, foi inaugurado em Pilar, c dade natal de José Lins do Rêgo busto do escritor, comemorando se cinqüentenário.

ÁLBUM DE FAMÍLIA



Agatha Christie

AGATHA CHRISTIE, a escritora de língua inglêsa, filha de mãe britânica e pai americano, se tornou, desde há cêrca de trinta anos, um dos ases do romance policial moderno, iniciando, com os elementos legados pelos precursores, Poe e Conan Doyle, o "case" de aspecto moderno, no qual excedeu a virtuosidade dos mestres dêsse gênero tão injustamente desprezado de literatura, entretanto de tão grande popularidade e imperioso merecimento.

Não vamos aqui discutir os direitos literários do romance policial, no qual se compraz até um dos grandes romancistas de nosso tempo — Graham Green. Seria fastidioso discutir. O romance policial é considerado sub-literatura ou, pelo menos, literatura marginal. O que não impede que Doyle seja um dos grandes escritores de todos os tempos, embora só tenha cultivado êsse gênero. Se aplicamos as leis gerais do romance, ao romance policial, temos que convir que não é o gênero que o inferioriza, mas a capacidade de quem o explora. Se o romancista policial consegue, dentro de sua fabulação, criar personagens vivos, dar a nota real do ambiente e construir uma história lógica e emocionante, conseguiu fazer romance e, nesse caso, sua obra é tão boa como qualquer outra, que melhor o seja. É verdade que o romance policial tem seus "piegues": o que acontece geralmente é que o autor de êxito, obrigado pelas exigências dos editores, começa a produzir em série, descura do estilo e da originalidade, cai no banal, contando apenas com a fantasia, para manipular seus enredos. Adota também a fórmula, preferindo evitar tôda e qualquer nova experiência. Sem dúvida, êste é o caso geral de todos os escritores de "crimes" e um pouco também o de Agatha Christie. Entretanto, ela possuiu real mérito para o gênero, diremos, uma vocação decidida para manejar o romance policial. Seu detective — herdado de Sherlock — Hercule Poirot, pertence à galeria dos heróis do romance moderno. Se alguns dos seus livros são menos trabalhados, se alguns padecem do apressado, do fabricado, contudo a maioria de seus romances, desde "The Mysterious Affair at Style", aparecido em 1920, marca uma personalidade de escritora original e fecunda, cuja fama é uma conquista do real valor.

De uma virtuosidade extrema dentro de sua fórmula — o despistamento — consegue manejar um número enorme de suspeitos, mantendo o leitor em suspenso durante todo o livro e incapaz de "matar" o verdadeiro criminoso. Por isso, alguns críticos a acusam de abusar de uma faculdade que, embora fórmula, é uma particularidade de sua história policial que deleita o leitor. Essa crítica, feita em nome do leitor, não se funda na opinião do leitor... Pelo contrário, o leitor se diverte sempre com essa técnica de uma extrema habilidade, como nessa excelente história de "O Caso dos 10 Negrinhos", obra-prima do gênero. Além disso, os ambientes que Agatha Christie nos dá, para os seus contos, são sempre muito interessante, em sua maioria exóticos e, por isso, sempre atrativo. Tendo viajado muito com o marido, o explorador Max Mallowan, ela recolheu, em suas viagens, o material para seus cenários e seus personagem, conseguindo assim, em seus romances policiais, essa verdade romanesca que é própria do romance. De qualquer forma, o que temos que reconhecer em Agatha Christie é que ela é um dos grandes escritores de nosso tempo, tendo conseguido elevar de categoria um gênero tão injustamente desprezado.

FORA DO PRELO

O LIVRO DA SEMANA

"O ALBATROZ"

EM edição da Saraiva S/A., de São Paulo, aparece agora êste novo romance de José Geraldo Vieira, o mestre de "A Mulher que fugiu de Sodoma", o livro que, há cêrca de vinte anos, imprimiu um novo aspecto ao nosso romance urbano, marcando o início de uma carreira literária que se coroaria, em breve, de merecido sucesso, colocando o romancista entre os grandes nomes de sua geração e entre os grandes cultores do romance nacional. José Geraldo Vieira teve, além disso, o mérito de ter vindo, com o seu livro de estréia, romper com os escritores da primeira hora modernista, restabelecendo a ordem, com um livro profundo e sério, mostrando novos caminhos e indicando, aos recém-chegados, o rumo certo da renovação. Passara já o momento de crise revolucionária e o que se exigia dos novos escritores era a volta ao equilíbrio. O movimento modernista vencera a batalha, mas pouco deixara, além de sua iconoclastia. Até os romances de Mário de Andrade padeciam dêsse vínculo com o público destruidor. Era preciso que surgisse um romansista urbano capaz de inspirar confiança. "A Bagaceira", de José Américo, tinha as limitações regionais, o colorido e o pitoresco. O romance nordestino, de que José Lins nos iria trazer sua extraordinária contribuição, embora novo, não satisfazia nossos anseios por um romance urbano capaz de mostrar a fôrça dos nossos, marcando alguém para o pôsto em que Lima Barreto substituíra Machado de Assis, quase fazendo o monopólio do gênero. O romance brasileiro, entre Machado e José Geraldo, ficou quase que exclusivamente na posse do mulato genial do subúrbio carioca.

Só depois das páginas de "A Mulher que fugiu de Sodoma", vieram os outros romancistas novos do território urbano. Êsse livro, portanto, foi uma brecha. Isso, com ser, também, um grande romance urbano, talvez o maior, entre o que produzimos neste meio século, pela densidade e pela originalidade, como pela fôrça do escritor.

Essa obra não ficou sòzinha. Depois dela outras nos deu José Geraldo e agora surge, em uma grande tiragem, "O Albatroz". Livro de maturidade, tôdas as grandes qualidades do romancista se confirmam, se apuram aqui. Romance de ambiente carioca e de época, êste livro nos revela todo um meio humano e físico, antigo, cheio de notações típicas, de um Rio anterior a Passos. E' o fim de século da urbs carioca, com a sua paisagem e a sua gente, tudo muito bem fixado, enriquecido por essa história emocionante e viva em que os personagens palpitam e sofrem, chumbados à condição humana. O Rio dos primeiros automóveis, o Rio das últimas caleças e dos últimos "tilburys", revivido com um grande poder pictórico, eis o que temos aqui, como cenário, para êste romance de sofrimento do mestre contemporâneo do romance urbano, carioca de nascimento e, por isso, com o amor enternecido da sua cidade, da paisagem guanabarina, das ruas e dos jardins do velho Rio, de sua gente e de sua civilização.

Um belo e enternecido romance, êste, onde a história pungente se apoia naquela epígrafe que o romancista toma a Simone Weil: A certa altura da desgraça não se é mais capaz de suportar que ela continue, nem que cesse".

Edmundo Lys

★

MANOELITO DE ORNELAS EM PORTUGAL

Manoelito de Ornelas, autor de **Gaúchos e Beduinos**, vigoroso ensáio de história que a Livraria José Olympio apresentou há tempos na Coleção Documentos Brasileiros, e cuja 2.ª edição, refundida, está anunciada para o ano de 1953, vem de ser contemplado, pela Federação das Associações Portuguêsas do Brasil, com uma viagem de estudos a Portugal. O escritor gaúcho, figura de relêvo nos círculos intelectuais de todo o país, realizará assim uma aspiração de quase todos os estudiosos do nosso passado histórico, qual seja a de um conhecimento direto e objetivo das fontes da cultura brasileira em suas raizes européias. Manoelito de Ornelas, aliás, declarou a jornalistas que o entrevistaram a propósito dêsse honroso convite, que a sua viagem a Portugal, proporcionar-lhe-á oportunidade de recolher novos elementos para a 2ª edição de **Gaúchos e Beduinos**, bem como a ocasião de visitar a Espanha, principalmente Salamanca e Andalucia, correspondendo assim ao oferecimento do Instituto de Cultura Hispanica de Madrid. Manoelito de Ornelas, ao que se informa, pronunciára conferências sôbre o Rio Grande do Sul em Coimbra, Pôrto e Lisboa.

TIGIPIÓ E GARIMPOS — Lançado pela Organização Simões, aparecem em um só volume, os dois livros de Herman Lima, os contos de «Tigipió» e o romance «Garimpos», obras de estréia que apresentaram ao Brasil uma de nossas mais fortes e bem dotadas figuras de exterior. Ler êsses dois livros iniciais do autor hoje consagrado por tantas obras da maior importância, será certamente um prazer que já tardava aos leitores atuais, ao mesmo tempo que nos dá o encantamento de rever obras das mais expressivas da moderna literatura brasileira.

CANTIGA BOÊMIA — Pedro Luis Masi é um lírico moderno do melhor merecimento. Êste seu pequeno livro de poemas que recebemos datado de Rio Novo, uma cidade que tanto e tão nostàlgicamente nos fala à lembrança, apresenta ao público um autêntico valor, em que a fôrça lírica se associa a uma técnica limpa de absurdos, embora nova, desprendida da virtuosidade com que tantos modernos atuais visam dar, exteriormente, mistério à sua poética. «Cantiga Boêmia» é um livro de poemas e de verdadeira, comunicativa poesia nova.

ESPELHO MÁGICO — Aqui está o novo livro de Mário Quintana, «Espelho Mágico», datado de 1945 mas só agora editado. E' outra face do multiforme poeta gaúcho, diz-nos a orelha do volume. Desta vez, Quintana nos oferece um livro de sabedoria, em versos rimados, pequenas sínteses da ciência ou arte, como quiserem. No fim do volume há uma nota esplicativa, onde o poeta esplica, exatamente, que os pensamentos e idéias que apresenta neste espelho mágico foram colhidos aqui e ali, na obra dos grandes pensadores, justificando-se com dois versos de um de seus quartetos:

«Qualquer idéia que te agrade
Por isso mesmo... é tua...»

No gênero, muito interessante o livro. Bastante novo, quer como colheita de material, quer como tratamento poético. Entretanto, devemos dizer que preferimos êste poeta quando, como em «Sapato Florido», êle faz poesia em prosa, sendo um dos que melhor conseguiram isso, entre nós. A nós nos parece que Mário Quintana é um dêsses grandes poetas sem o dom do verso. Caso de Maupassant, entre nós, de Rubem Braga. E, principalmente, porque Quintana não conseguiu se libertar do verso tradicional e das formas acadêmicas da poesia. Seu elemento natural é a prosa, onde êle adquire maior desenvoltura e chega às mais admiráveis revelações poéticas, na boa tradição (também gaúcha) de Alvaro Moreyra e de Teodemiro Tostes, para só citar êsses.

DONA BONECA E SEUS VESTIDOS — Entre as prendas (como então se dizia...) mais necessária à mulher, estava a de costurar. Valia por um dote comum, sim, mas sempre prestigiado... Os tempos passam e, com êles, passam muitas coisas boas, úteis, atraentes. Hoje, entretanto, as dificuldades de vida exigem que o belo sexo volte a cultivar certas prendas que, infelizmente, se fazem raras... Daí a simpatia com que recebemos o livro-álbum «Dona Boneca e seus vestidos», que as Edições Melhoramentos publicam, para as meninas aprenderem a coser. Uma porção de modelos bem apresentados.

MANUAL DO LUSTRADOR DE MADEIRAS — Domingos Marcellini escreveu o volume 6 da Biblioteca Técnica Melhoramentos, há muito mantida pelas Edições Melhoramentos. Intitula-se «Manual do lustrador de madeiras» e põe esta arte ao alcance de todos, o que as donas de casa muito apreciarão. O livro focaliza Massa ou betume. Conhecimentos das matérias-primas, Ferramentos e utensilios, Técnica da execução, Fórmulas de vernizes voláteis, Coloração das madeiras, Douradura em madeira. Amplas e adequadas ilustrações acompanham as páginas do «Manual do lustrador de madeiras».

E assim terminava essa carta:

"Minha prima Patty é um composto de três gerações. No meio de seus bolos é ela tão boa dona de casa como o foi sua avó; mas, o seu espírito está sempre dirigido para o futuro das mulheres, de uma maneira que me sufoca. A política é tôda a sua vida. Ela é rebento de uma longa linha de homens de Estado, e, não tendo nem pai, nem irmão, nem marido para manter tradições democráticas da família, ela procura manter isso sòzinha. Ela vive muito interessada pelos casos do partido. Uma cisão entre os Republicanos lhe traz a esperança de eleger o candidato Democrata. E' uma pequena criatura muito feminina, com sua voz doce e seu ar preocupado, com grandes aventais brancos que a envolvem tôda, com os pequenos cachos de cabelo que lhe caem sôbre as pequenas orelhas e a falar de politiquices apresentando-nos contrastes da vida que nos causa até graça. No decurso de nossas palestras à noite, em meio de nossas pequenas caixas para embalagem de bolos de casamentos, misturamos à nossa conversa sôbre os direitos do Estado e da liberdade do comércio com as decorações nupciais. Parece-me que jamais iria a um casamento sem ter a visão da pequena prima Patty, a ditar leis ao gôsto da política do dia, em meio de suas flores de laranjeira.

"A foto da estatueta de bronze com a sua coroa de rosas se acha sôbre o meu bureau. Muito gostaria de sentar-me ao seu lado, naquele banco, sob o dossel das moitas de roseiras. Quanta coisa teria eu que dizer-lhe! Coisas que me não atrevo a escrever, temendo que você não mais me permitisse escrever-lhe daqui por diante.

"Bem imagino como essa grande casa lhe parecia vazia sem Barry, sem Constance e sem o magnífico bebê que eu ainda não conheço. Para mim, não posso considerar que a casa esteja vazia, quando você está aí. E' proibido dizer-lhe tais coisas?

"Pelo correio lhe envia a prima Patty uma caixinha contendo um de seus famosos bolos, para você e tia Isabelle. Há dêles para um regimento, e eu imagino oferecendo chá, no jardim, cercada de seus amigos — seus felizes amigos! — e com o garôto de bronze a olhar e a rir.

"Para Mary, no jardim, vai então esta carta, portadora de meus melhores votos.

"Roger Poole".

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

MARY BALLARD, órfão de pai e mãe, vivia em grande casa acastelada em companhia de suas tias Frances e Isabelle. Para fazer face às despesas, ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos cômodos a um senhor funcionário público, que vivia só. No dia do casamento de sua irmã Constance, Mary foi mostrar o apartamento na «Câmara da Tôrre», sendo fechado o negócio. O casamento de sua irmã mais velha deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu irmão Barry, mais jovem que ela. Dentre os que pretendiam a mão de Mary havia um moço rico de nome Porter Bigelow, mas que não era correspondido por ela. O inquilino da casa, Roger Poole, começou a apaixonar-se por Mary, em silêncio. Numa festa do «Dia de Graças», êle apareceu na reunião intima, integrando a festa como um dos convidados. Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de tôdas as atenções. Mary ficou encantada, mas não dava nenhuma demonstração de estar apaixonada por êle. Na noite do Natal novamente foi convidado, mas não aceitou. Mary o convidou para a Missa do Galo, e novamente êle declinou, agradecido, do convite. Roger sentia aumentar sua paixão para com Mary, mas não se achava comcoragem para declarar-se. A diferença de idade era um entrave. Depois do Natal estava sòzinho em seu apartamento, com a gatinha Pittiwitz ao colo, lendo, quando Mary pediu licença e entrou. Mary desejava ser estenógrafa, trabalhar num dos Ministérios, e fôra ouvir a sua opinião. Mas o inquilino achava que ela devia casar-se, dedicarse ao lar e não ficar arquivada numa repartição pública. Mary estava preocupada com a ausência de seu irmão, Barry, quando êste chegou, e Mary desceu para recebê-lo. Levou-o ao seu dormitório e ficou a meditar do lado de fora, sôbre certas atitudes de seu irmão. Roger a viu assim, lá de cima, e adivinhou o quanto aquela moça estimava o irmão mais moço. Leila e Delilah foram com Porter, Mary e o general Dick assistir a um exercício de cavalaria e evoluções de artilharia. Quando Barry se encontrou a sós com Leila, declara seu amor. Mas o amor entre ambos é coisa secreta. Barry, porém, revela-o à irmã, Mary, e esta procura ouvir a opinião de Roger sôbre o assunto. Roger se oferece para ir buscar Barry, que está ausente de casa e do trabalho sem ter dito nada a ninguém. Mary não sabe como agradecer tanta gentileza de Roger, o qual vai «descobrir» o fugitivo, ao lado de Leila e do general Dick, seu pai, numa praia de banho, e lhe dá muitos conselhos úteis. Em setembro todo mundo volta a Washington, inclusive a irmã de Mary com seu espôso Gordon, que reconhece em Roger Poole um antigo colega de colégio. Roger confessa que se dedicara à vida religiosa, tendo dirigido uma igreja evangélica; mas depois abandonara as ordens. Roger acha que terá de confessar a Mary êsse episódio de sua vida, o que faz, através de uma longa carta. Depois de ler a carta de Roger, Mary foi à igreja, onde meditou durante largo tempo, resolvendo convidar Roger Poole para tomar chá em sua companhia, mas êles dois a sós. Mary conduziu a palestra no sentido de Roger voltar às suas funções como pastor de uma igreja. Mas êle parecia resistir, embora estivesse adorando as sugestões e a fôrça de fé que a jovem possuía. O problema de Barry vem à baila e ela discute o assunto com seu cunhado Gordon, o qual não parece aprovar os amores do rapaz com Leila. Por sua vez Mary percebe que Gordon não via com bons olhos qualquer tentativa de Roger para entrar na família, casando-se com Mary. A jovem, se bem que não esteja apaixonada como o inquilino, parecia querer ajudá-lo a sair daquele isolamento. Roger, que se ausentara, escreve a Mary, terminando a carta por comunicar que descobrira, numa família de camponeses, um menino de grande vivacidade, embora analfabeto, e que iria ser instruído por êle. Em casa de Mary a situação se inclinava para separar Barry de Leila. Gordon propusera levá-lo para Londres, onde lhe daria emprêgo. Apesar de ter concordado com sua viagem para a Europa, Barry ilude a vigilância e casa-se, secretamente, com Leila, mantendo o caso em segrêdo, até que o jovem faça a confissão ao general, seu sogro. Barry está arrependido do passo que dera e procurava agora conseguir que sua espôsa permitisse que êlle fôsse embora com Gordon, mas guardando segrêdo de seu casamento. Quando êle voltasse, então, tudo seria revelado e se uniriam. Leila estava repassada de paixão e cai nos braços de seu pai, que não pode adivinhar o que está acontecendo. Nesse ínterim, Constance dá à luz uma menina e estão todos da família e demais pessoas íntimas reunidos no castelo de Mary para o batizado. Naquele dia Mary resolveu falar a Porter sôbre a carta que recebera de Roger, e Porter ficou consternado diante da fugidia esperança que alimentava de casar-se com ela. A revelação de Mary, ao jantar, diante de todos da família e pessoas de intimidade, causou estupefação. Tia Frances e Porter Bigelow foram os que mais se mostraram indignados com os propósitos da moça de trabalhar como estenógrafa no Ministério das Finanças, e Gordon não ocultava sua contrariedade. Na noite do batizado da filha de Constance, Delilah levou Porter para tomar chá com ela e ali contou como iniciara relações de amizade com o seu hoje amigo íntimo, Colin Quale, exímio desenhista de modas femininas. Durante o conhecimento que Porter fêz com Colin Quale, soube que o artista conhecera a Roger Poole e à espôsa do mesmo, mostrando-se muito interessado pela novidade. Nesse ínterim, Mary escreve longa carta a Poole, contando os episódios mais emocionantes do embarque de Gordon e família, levando para a Europa o pobre Barry, deixando a infeliz Leila em doloroso estado de nervos. A carta de Mary, Roger Poole respondeu com uma outra na qual falava de seus trabalhos e dava informes acêrca de sua prima Patty, de quem Mary pedira notícias.

CAPÍTULO XIX

Como já foi dito antes, Porter Bigelow não era um "snob" e sim um gentleman. Pode-se, porém, permitir a um gentleman quando está animado por sentimentos primitivos deixá-lo cumprir atos de descortesia, uma vez que tenha a convicção de que motivos superiores o levam a tal.

Foi por isso que Porter procurou convencer-se a si mesmo de que o seu interêsse pelo passado de Roger Poole se baseava, ùnicamente, no fato de que êle, Porter, era protetor e amigo de Mary. Esta devia ser preservada da tragédia de um casamento indigno dela. E quem podia encarregar-se de defendê-la melhor do que êle?

Foi aplicando essa política de proteção que êle tomou, numa tarde de julho, a direção do estúdio de Colin.

— Eu fiqueina cidade, disse-lhe o artista, por causa de miss Jeliffe. Seu pai ficou retido pela sessão do Congresso, que se prolonga. Fiz um outro retrato dela e vou instalando essas peças nesse ínterim. Como se acha o senhor?

Em seu novo mobiliamento, havia Colin rompido com a tradição convencional. Em seu apartamento não havia, nem tapêtes, nem ricos estofos, nem armaduras. Era muito simples, naquele aposento de aspecto arejado, com imensa porta que dominava um dos parques. As paredes estavam pintadas de cinzento, e havia algumas poltronas confortáveis, forradas de linho. Em bom local, um retrato de Delilah dominava o ambiente. Êle o havia pintado na toilette que ela havia usado naquele "garden-party", com tôda a sua glória de tons verde-claros, rosa esmaecido e azul celeste.

Porter, ao examinar o retrato disse lentamente:

— Você me falou também de outros retratos de senhoras que pintou:

— Sim, mas nada se pode comparar com o de miss Jeliffe.

— Não pintou uma pequena santa de encarnado?

— Ainda se recorda disso? E' apenas uma tela pequenina.

— Você me prometeu mostrar-me.

Colin, depois de ter-se retirado para o quarto vizinho, onde andou a remexer por lá, voltou declarando:

— Eu achei. E aqui está um outro retrato de mulher que teria podido figurar numa tela de Botticelli. Era um tipo alto e magro.

Mas Porter não estava interessado, nem em Botticelli, nem nas experiências de Colin. O que desejava era ver a mulher de Roger Poole! Também dava limitada atenção aos entusiásticos comentários de Colin, sôbre a primeira tela que lhe apresenta.

— Tem ela um olhar alongado, como vê. E seu corpo é comprido e delgado. Mas não consegui boa obra com ela. Veja ali a alegria que se experimenta com miss Jeliffe: tem um temperamento de artista e vive o seu papel com perfeição. Mas esta mulher não tinha capacidade para isso, e eu renunciei ao trabalho de transformá-la.



Mas Porter não prestava muita a[te]ção a isso, e já se havia apoderado [de] um outro quadro e examinava a peq[ue]nina figura de mulher de rosto ang[éli]cal. Nas suas vestes de um vermel[ho] claro e puro, com um halo de ou[ro], uma lira na mão, parecia animada p[or] um fogo divino, dando a impressão [de] que se suspendia acima do solo.

— Creio que coube ao homem o [de]senlace fatal de um casamento c[om] tão linda criatura, arriscou Porter.

Colin encolheu os ombros, num ges[to] de indiferença.

— Quem pode afirmar? Tamb[ém] houve momentos em que ela não apr[e]sentava os ares de uma santa!

— Que quer dizer?

— A voz de Porter era quase [i]ritada.

O artista parecia estar refletindo [an]tes de responder. Um gesto aqui, um[a] atitude lá, um olhar, uma palavra q[ue] a traísse...

Porter tornou:

— Talvez que você se enganasse.

— E' possível. Mas, os homens q[ue] conhecem as mulheres se engana[m] muito pouco a respeito de alguma[s].

— Ouvira você, alguma vez, Ro[ger] Poole falar na igreja? — pergunt[ou] bruscamente Porter.

— Muitas vêzes. Êle prometia torn[ar]-se um grande homem. Foi uma pe[na], verdadeiramente.

— E você disse que ela se casou [ou]tra vez?

— Sim, e pouco tempo depois, [ê]le morria.

A conversação se limitou a isso. Porter se foi levando no espírito a [vi]são da espôsa de Roger, e o que [o] retrato da pequena santa de vermelho significaria para Mary, se ela o p[u]desse ver. Êsse pensamento se alo[jou] em seu cérebro como um grão maléf[ico] germina e floresce. Em todos êsses [úl]timos tempos êle tinha podido ver mu[ito] pouco, a Mary. Não sabia Porter se isso era arranjo voluntário, deliberad[o] dela, para evitá-lo, ou se era por es[tar] absorvida, realmente, pelo seu trab[a]lho. Êle sabia que ela escrevia a Ro[ger] Poole. Mary não procurava ocultar is[so] e falava francamente da vida que êle levava lá no meio das florestas [de] pinheiros.

As chamas do ciúme, altas e cla[ras] começavam a queimar no coração [de] Porter. Recusara acompanhar os se[us] pais à praia, preferindo perman[ecer] em Washington, onde êle sabia es[tar] Mary, perto dêle. Porter se tornou p[á]lido e agitado. Não era já êle mes[mo]. Encontrou em Leila uma confident[e] e uma amiga, porquuanto o general es[tava] preso às sessões do Congress[o].

A pequena e linda Leila era ag[ora] uma Leila solitária. Contudo, depois [de] suas angústias por ocasião do emb[ar]que de Barry, ela havia mostrado m[ui]ta coragem para enfrentar a situaç[ão]. Havia renunciado àqueles modos [in]fantis e se transformava numa mulh[er]zinha resistente que se dedicava a s[eu] pai e o cumulava de tôdas as at[en]ções. E o velho, que a adorava m[os]trava-se maravilhado com essa m[u]dança inesperada, ignorando que

Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE-BAILEY

filha dizia de si para consigo: "E' que já estou casada, já não sou mais uma criança, e não devo causar desgostos a papai, nem a ninguém. E, quando Barry regressar, estarei mais bem preparada para partilhar de sua existência, tendo aprendido a ser valorosa".

Ela escrevia a Barry cartas tão reconfortantes, que, uma delas o forçou a ir falar a Gordon.

— Teria sido muito melhor que eu a houvesse trazido comigo. — diz êle — Leila é uma maravilha, Gordon! E' uma coluna sôbre a qual eu me apoio!

— No momento — diz Gordon — é você quem é a coluna. E é isso que deve ser um marido, Barry. Você saberá melhor, quando estiver casado.

"Quando"?... Se Gordon pudesse ver como era que Barry estava, naquele instante, a rever Leila vestida de amarelo, marchando ao seu lado em direção da pequena igreja sôbre a colina, a dançar ao clarão da lua, como uma flor primaveril em sua haste. E Barry devia mostrar-se digno de sua fé para com êle. E o rapaz estava disposto a triunfar, com um entusiasmo que chegava a espantar o cunhado, entregando-se ao trabalho com um ardor quase sobrenatural. Êle escreveu a Leila: "E eu lhes mostrarei, meu coração, e êles me permitirão que nós nos unamos".

Foi na noite em que Leila recebeu carta de Barry, que Porter a convidou a dar com êle um passeio de carro.

— Peça a Mary para vir também conosco. Ela não quererá vir passear sòzinha comigo, diz Porter.

O olhar que Leila lhe lançou era de simpatia.

— Mary disse que não queria vir?

— Eu a convidei; mas aquela Rebelde me respondeu que estava muito fatigada. Como se isso não a incomodasse mais do que o sair de carro, para um passeio!

— Claro. — respondeu Leila — Deixe-me tentar uma vez.

A voz de Leila ao telefone se fazia persuasiva.

— Oh! Mary! Eu gostaria tanto de dar um passeio, e o papai está ocupado lá no Capitólio! E...

— Mas eu disse que não irei...

— Ouça-me, querida. Porter não se ocupará de você, absolutamente. Êle está aqui ao pé de mim, e manda dizer-lhe que você convide também tia Isabelle, podendo ambas se acomodar na poltrona trazeira, se você desejar que a deixem em paz.

— Leila! — Protestou Porter — eu não disse tal coisa!

Mas a moça prossegue impiedosamente:

— Bem, se não disse, pensou! — Porter acompanhava tudo pela extensão telefônica — E ficou ainda mais agitado quando Leila completou: "E nós dois queremos vê-la, com a maior urgência, terrìvelmente interessados!"

Leila recolocou o fone e fêz com a cabeça um sinal de consentimento para Porter.

— Você não sabe agir com Mary. Se você ficasse, durante semanas, sem procurar vê-la, ela começaria por perguntar por onde tem você andado.

— Nada! Ela não procuraria saber coisa alguma!

A voz de Porter estava cheia de rancor.

— Mary ficaria simplesmente satisfeita e sentar-se-ia lá nas "Chambres de la Tour" para escrever cartas a Roger Poole, esquecida de que eu existo.

Porter havia, anfim, exteriorizado o seu ardente ciúme. Leila o olha confundida.

— Oh! Porter! — diz ela, a respiração suspensa — Crê você que Mary ama a Roger?

— Estou certo disso.

— Ela já disse a você?

— Não falou exatamente, mas também não m'o negou. Mas êle não a

(Cont. na pág. 47)

Ilustração de JERÔNIMO RIBEIRO

Tradução de RENATO DE ALENCAR



Aventuras do Capitão Rob

O Império Celestial







37 Passada a hora do perigo, Tough Tony, o marujo holandês que se reunira a Rob e às moças, continuou a contar-lhes o que sabia a respeito do repórter que se arriscara a desvendar os mistérios do contrabando de ópio do Oriente. Tendo descoberto os contraventores, foi raptado pelo criado de um Mandarim terrível. Tendo ainda descoberto grande contrabando de armas, Mandarim tudo fêz para forçá-lo a confessar o que sabia disso. Tough soube dessas particularidades por intermédio de Lu Ling, cujo junco naufraga dias depois da captura do repórter. Dentro da noite espiões se aproximavam...







38 Enquanto Tough Tony contava isso, com "Pandora" fundeada ao lado de barcos pesqueiros da China, um sampan oriental encostou à lancha, protegida pela escuridão da noite. O cão, pressentindo estranhos, deu o alarma. Tough Tony correu ao tombadilho. Tarde de mais! O "sampan" já ia distante. Tony ainda deu uns tiros, mas sem qualquer esperança. Entretanto uma das balas alcançou um dos tripulantes no braço esquerdo. Era um espião de Wang Hang e lhe deu tôdas as informações. Era preciso capturar Tony e toma lhe os fardos de ópio. O holandês valia bom resgate. Wang Hang esta contente







39 Rob e Tony combinaram aportar ao mais próximo pôrto, de onde, então, tomariam o rumo do "Big Boss", ou do Mandarim que devia ter em seu poder o repórter aprisionado. Chegando ao pôrto, êles saltaram para fazer algumas compras e resolver a viagem. Tony se separou dos três, para fechar negócios, enquanto Rob e as duas moças davam uns passeios pela cidade. Súbito um chinês convidou Rob para entrar em sua casa. Só uma espiadela, sem compromissos, disse. Mas Rob era cauteloso e, olhando de lado, viu um chinês meio oculto, a fumar, de forma suspeita. Rob suspeitou de que preparavam um golpe.

RESUMA DA PARTE JÁ PUBLICADA — O Cap. Rob fôra surpreendido por uma tempestade, indo a pique o seu iate, mas êle foi acolhido, com o seu cão "Skip", por duas moças que andam em excursão numa lancha de nome "Pandora". Rob perdeu, no naufrágio, um baú com muitas jóias, que pertencera a um pirata. As moças, porém, conseguiram retirar a mala, e, com o valor dos objetos, Rob poderia adquirir outro iate. Marga, uma das jovens, apresentou Rob a seu pai, construtor naval, que se comprometeu a fazer-lhe outro "Liberty". Willy, a outra jovem, convidou, com Marga, ao Cap. Rob para irem aos mares da China em busca de um repórter que havia desaparecido por lá. Rob armou a lancha com alguns armamentos leves, e se lançou com elas à aventura. Dias mais tarde são aprisionados por um junco contrabandista de ópio, mas Rob, auxiliado por um marujo holandês que estava a serviço dos chineses, consegue livrar-se dos seus captores. Logo depois é alcançado por êles e se trava uma batalha, com a vitória de "Pandora".







40 A curiosa loja está abarrotada de objetos de arte. Willy e Marga estão encantadas. "Veja, Marga, que linda lanterna para nosso camarote!" disse Willy apontando para um lindo espécime chinês. Rob estava interessado em uma coleção de aparelhos de navegação. Sùbitamente, dando uma olhadela em tôrno não vê o negociante. Percebendo alguma traição fica em guarda. Nesse instante uma faca lhe é arremessada e vai pregar-se na parede. Rob saca do revólver, aponta e... o assassino cai. O capitão Rob grita para as moças: "Cuidado! Estamos envolvidos numa cilada! Cuidado!" Marga e Willy tomam posição.







41 Skip entra também em ação. Num salto agarra pelo braço um segundo chinês que surgiu em defesa de primeiro, ameaçando-lhe o pescoço. Um outro chinês que viera em socorro dos patrícios, achou melhor fugir. Súbito notou Willy que o misterioso lojista abria uma gaveta e empunhava um revólver. Sem perder um segundo, agarrou ela um dos vasos e lho meteu pela cabeça, imobilizando-o. O chinês não suportou o choque e desfaleceu. Rob vibra no vaso um golpe com o revólver, e não pode deixar de rir quando vê o esquisito colar que resultou disso em tôrno do pescoço do consumado patife e simulador exímio.







42 Rob trata de obter do chinês uma confissão. Que significava aquilo? "Sim, senhor! Eu... eu... (diz gaguejando) fui peitado para atraí-lo e às moças numa cilada aqui em minha loja." "Quem mandou?", pergunta Rob enraivecido, puxando com fôrça a orelha do chinês. "W... Wang H... Hang, Senhor! Mas deixe-me em paz, agora. — suplicou êle — Prometo não aceitar mais nada." Tudo se explicou: quando Rob e as moças entrassem, e estivessem descuidados, um grupo de chineses os atacaria, dominando-os. Willy fêz uns flagrantes e Marga tomou notas no "Diário". Em seguida voltaram para bordo.

SANGUE-FRIO

Conto de LUIZ CARLOS DE MESQUITA MAIA

CONHECI-O muito superficialmente. Chamava-se Walther e era europeu, porém estava no Brasil havia muito tempo. Era baixo, não muito atarracado, apesar de serem fortes e musculosos os seus braços, devendo orçar pelos quarenta anos de idade. Tinha um muito acentuado sotaque estrangeiro, que, aliado à maneira manhosa de falar, contribuia para aumentar o ridículo de seu aspecto geral. Todavia, aquela fala arrastada era apenas o reflexo do seu mais notável característico: o sangue-frio. Alpinista dos mais experimentados, tendo escalado todos os famosos picos brasileiros, desde a Pedra da Gávea até a Agulha do Diabo, êle se imbuira de tal forma do sangue-frio inerente à prática do seu esporte favorito, que as suas atitudes eram sempre repassadas de uma calma inabalável. Tudo nêle era frio, calculado e, conseqüentemente, artificial. Daí, êle em geral desagradar socialmente, porque qualquer atitude sua parecia falsa e premeditada, dando aos outros a impressão de um indivíduo hipócrita e, portanto, perigoso.

Quanto a Carmen, a minha intimidade era um pouquinho maior. Cheguei a palestrar diretamente com ela, o que não me sucedera em relação a Walther, que eu várias vêzes evitei ostensivamente. Carmen era uma jovem simpática sem ser bela, gorda sem obesidade. Pele clara, faces coradas e belos cabelos ondulados e escuros eram seus principais traços. Tinha leve cultura e alguma educação, a qual, porém, quase se anulava em virtude do excessivo requinte de seus modos e da arrogância que, às vêzes, demonstrava. Em resumo, ela, à primeira vista, parecia física e moralmente, o tipo ideal de moça para o casamento, para o problemático papel de mãe de família. Depois de uma análise mais profunda, porém, via-se que era quase um caso de dupla personalidade, ficando mal reprimida em seu temperamento uma leviandade surpreendente. Em conseqüência, ela podia, em uma fossata, deixar palestras áusteras e formais para ir sacotear despudoradamente nos braços de um rapaz qualquer. E também podia, sem se importar com as possíveis testemunhas, beijar o indivíduo mais afoito que a soubesse encurralar.

Carmen era uma devota excursionista e desta forma originara-se o seu conhecimento com Walther. Conhecê-la e amá-la foi uma só coisa para êste. Estrangeiro, solitário, sentindo já os primeiros ventos da velhice, êle não pôde resistir à mais favorável faceta da personalidade de Carmen, embora entre os dois houvesse uma diferença de quase vinte anos de idade. Lutou muito, a princípio, para dissimular os seus sentimentos, temendo o ridículo. Mas, apaixonado, êle não via ou se recusava a ver os pontos fracos dela. E foi-se entusiasmando. Não compreendia o absurdo que seria aquela união. Forçou a amizade de modo a poder freqüentar a casa de Carmen, criando, aos poucos, uma extraordinária auto-confiança em um setor onde, até então, sempre fôra tímido e titubeante. Mas por que haveria de hesitar? Por acaso, êle alguma vez temera o destino, em suas escaladas? Não percorrera inúmeras vêzes o paredão rochoso dos Olhos d Imperador e já não galgara fàcilmente o esti granítico que se chama Agulha do Diabo, rego sando sempre em perfeito estado? Não lhe seria fícil conquistar Carmen.

Esta, evidentemente, já percebera, havia mu as intenções do maduro alpinista. Mesmo qu por furtivos olhares êle revelava uma pequena p cela de sua paixão mórbida, Carmen já dedu que muito provàvelmente borbulhava sob a imensa capa de inabalável sangue-frio. Achou vertido o fato e imaginou a boa brincadeira dali poderia resultar. Resolveu incentivar a xão de Walther, tendo, porém, o cuidado de lhe conceder a menor vantagem. Tentava-o e traía, nada mais. Como era gostoso saber q nha dominado quem dominava fria e impassìve te os mais impressionantes abismos, os mais mes despenhadeiros. Aquêle que era um gui periente e respeitado por centenas de jovens farrões, estava à sua mercê, era seu joguete. coisa engraçada!

Mas Walther, apesar de sua calma, não e mera de esperar indefinidamente. Assim como çava resolutamente pelo Paredão Vileia, do D Deus, êle decidiu jogar a cartada final em su tória de amor. Sem escutar o parecer de C que êle julgava comungar perfeitamente idéias, procurou o pai da moça e pediu-a e mento. Surprêso, o homem ficou de consult lha, cujo assombro mesclou-se de um vago Aquêle desfecho não fôra previsto e, sem encerrava a brincadeira. Agora, era preciso o calculado Walther, antes que as coisas plicassem mais.

Portanto, quando o estrangeiro voltou par a resposta final, o pai de Carmen explicou-l gano em que incorrera e terminou por p que não voltasse àquela casa. Não houvera ção, apenas o homem se expressara sarcàst te e Walther retorquira com sua fala pach Mas debaixo das maneiras glaciais havia ch ódio. O seu olhar, habitualmente brando, a tava como navalha. O sonho em que deposit últimas esperanças estava desfeito, j não chances de usufruir uma velhice confort um lar ideal. Sôbre a mesa, jazia um pes zeiro, que êle rápido mas calmamente ap com o qual golpeou o crânio do pai de Carm xando sem vida aquêle que desejara para Pilhado em flagrante por Carmen, avançou mesma, disposto a completar a obra sang Mas ante os brados de alarme da moça, fug lencioso como um gato.

E desapareceu completamente. Colegas do afirmaram que êle enlouquecera. Uns assim gavam efetivamente, mas a maioria procura nas salvar a reputação da própria entidade família excursionista. Ninguém, porém, liga menor importância aos sentimentos de Wal nem levava em conta o desespêro que aquela d são criara na mente do infeliz celibatário.

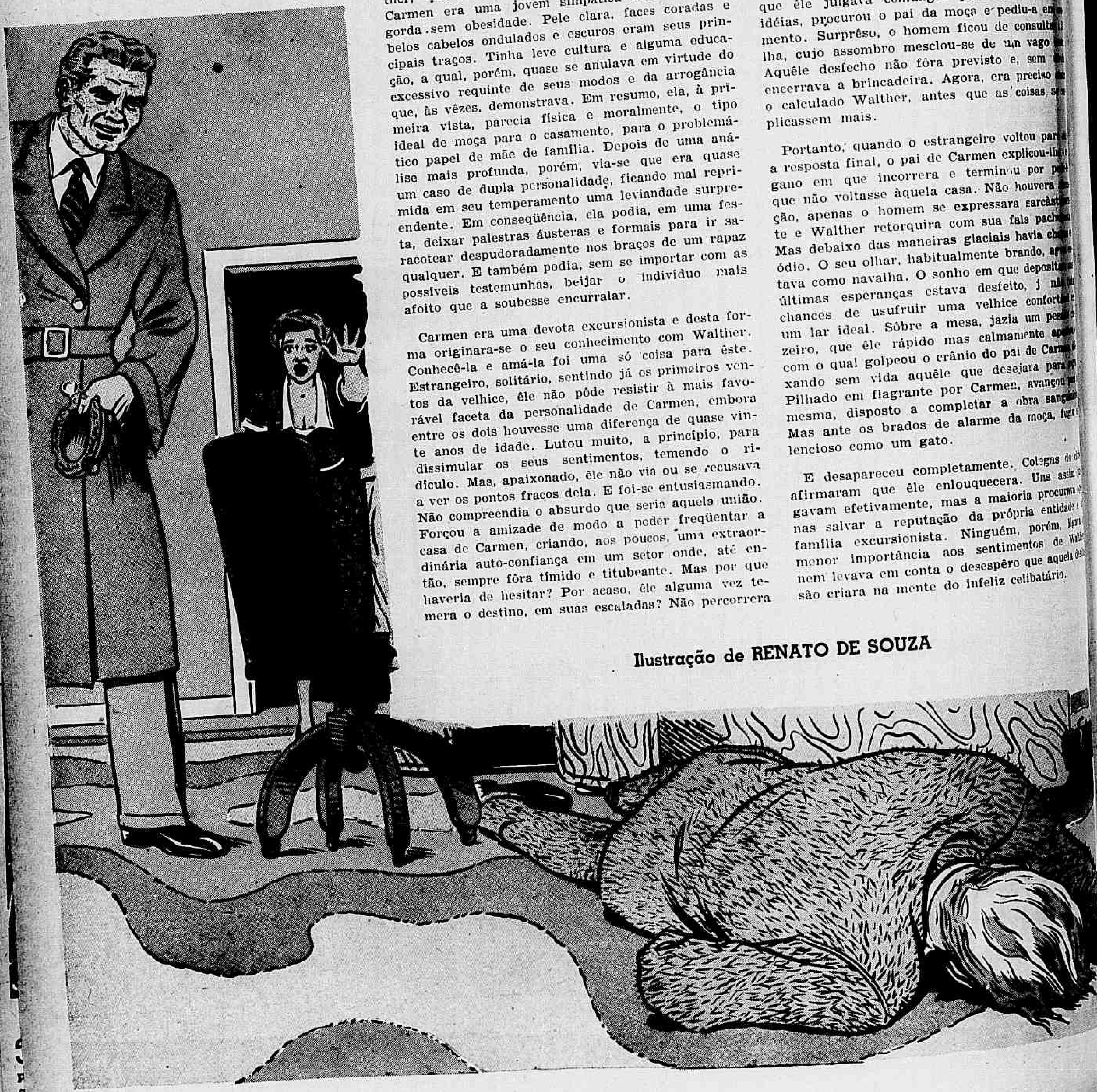


Ilustração de RENATO DE SOUZA

SEM PONTO NEM CONTRA-REGRA



CASOU-SE A ATRIZ NEGRA ZENY PEREIRA



Subir a escada...



...Assinar o termo...

TODOS os dias há um borborinho de noivos e convidados no edifício do Pretório, onde o juiz de casamentos amarra, pelo matrimônio, os que desejam estabelecer sociedade conjugal em termos legais. Mas nem todo dia se casa uma atriz, uma atriz negra, com as qualidades de cena que já revelou, em várias peças de que participou, aquela que foi a Bá do drama de Pascoal Carlos Magno "Amanhã será diferente" e uma tia velha em "Aruanda".

Falamos de Zeny Pereira, que no dia 29 de março fêz o papel de noiva numa cena real de casamento, tendo como "partenaire" o sr. Alvarino Antônio de Castro, 2º bibliotecário da Câmara Municipal, seu noivo.

Aí estão alguns flagrantes da solenidade no Pretório, vendo-se, no alto da página, o Juiz que "amarrou" Zeny e Alvarino, numa cena em que o ponto e o contra-regra não tinham o que fazer.





... Isso é casar

Eliane agarra seu homem



A 200 METROS DE ALTURA, numa área de 1.200 metros quadrados, o casal Eliane Lage-Tom Payne passa os seus fins de semana. Sobem o morro de «jeep», lá em cima, cultivam a plantação de eucaliptos. Por dentro há todo o confôrto, inclusive bebidas para as visitas. O casal brinda o repórter da **REVISTA DA SEMANA**, o primeiro a visitar a choupana, com um drinque

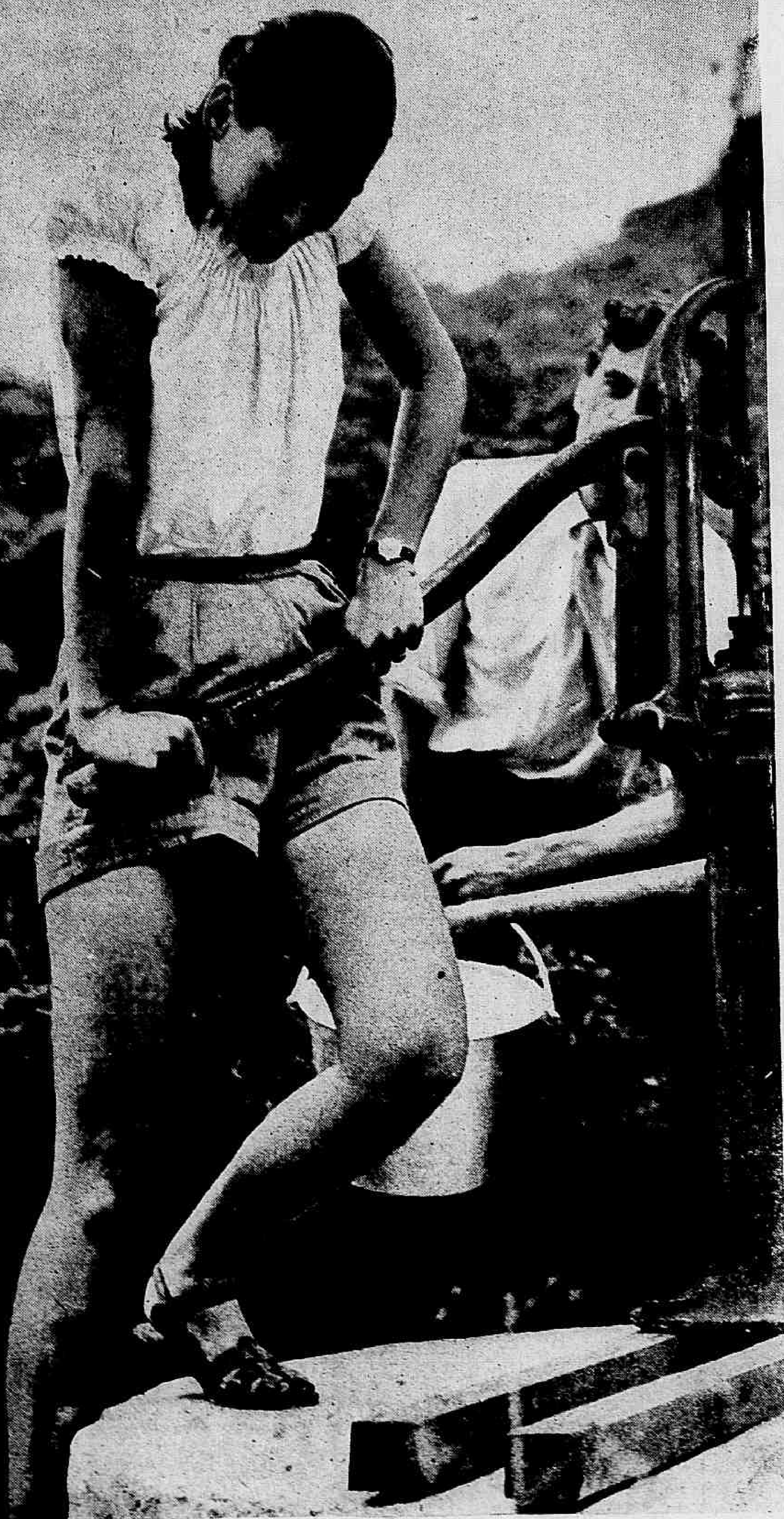


ELIANE agarra seu HOMEM

E vivem juntos numa eterna lua de mel, a 200 metros de altura...

(Texto na pág. 32)

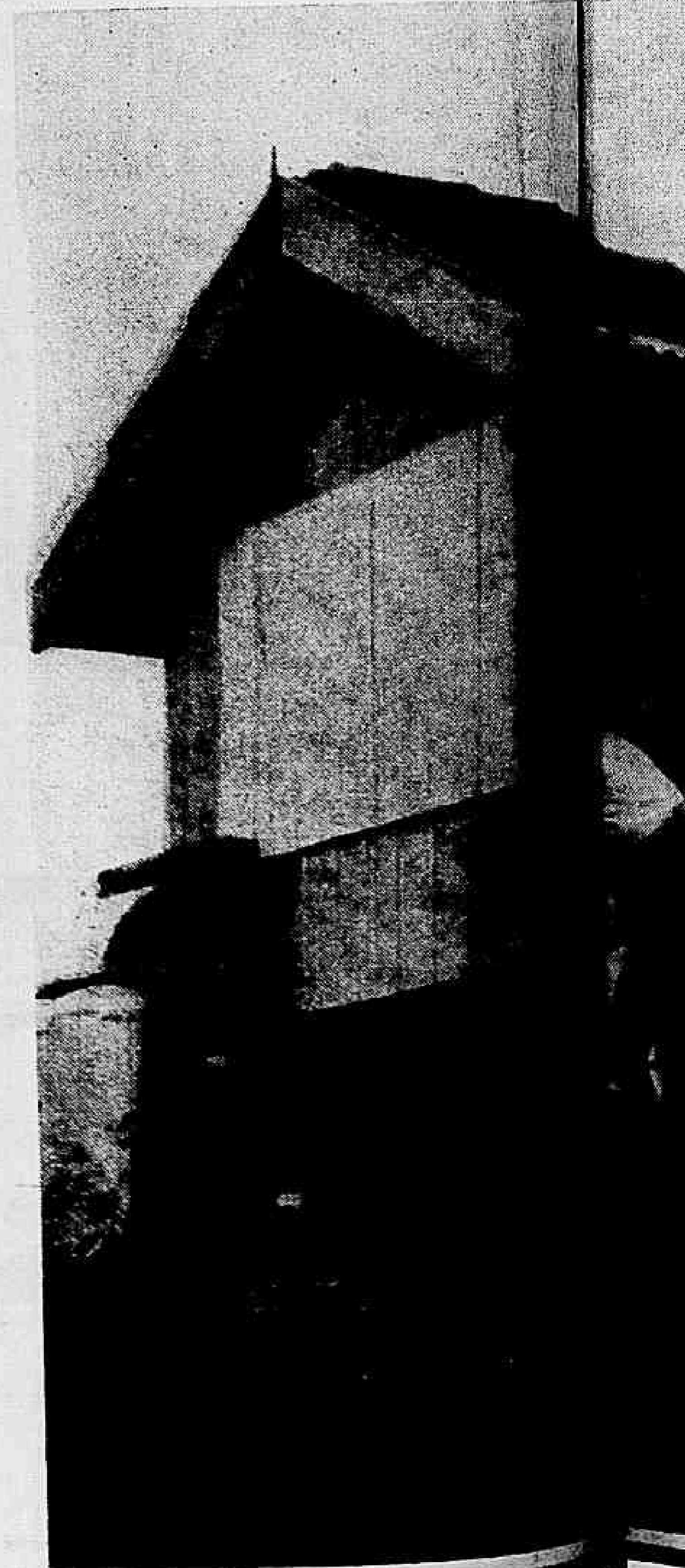
Eliane agarra seu homem



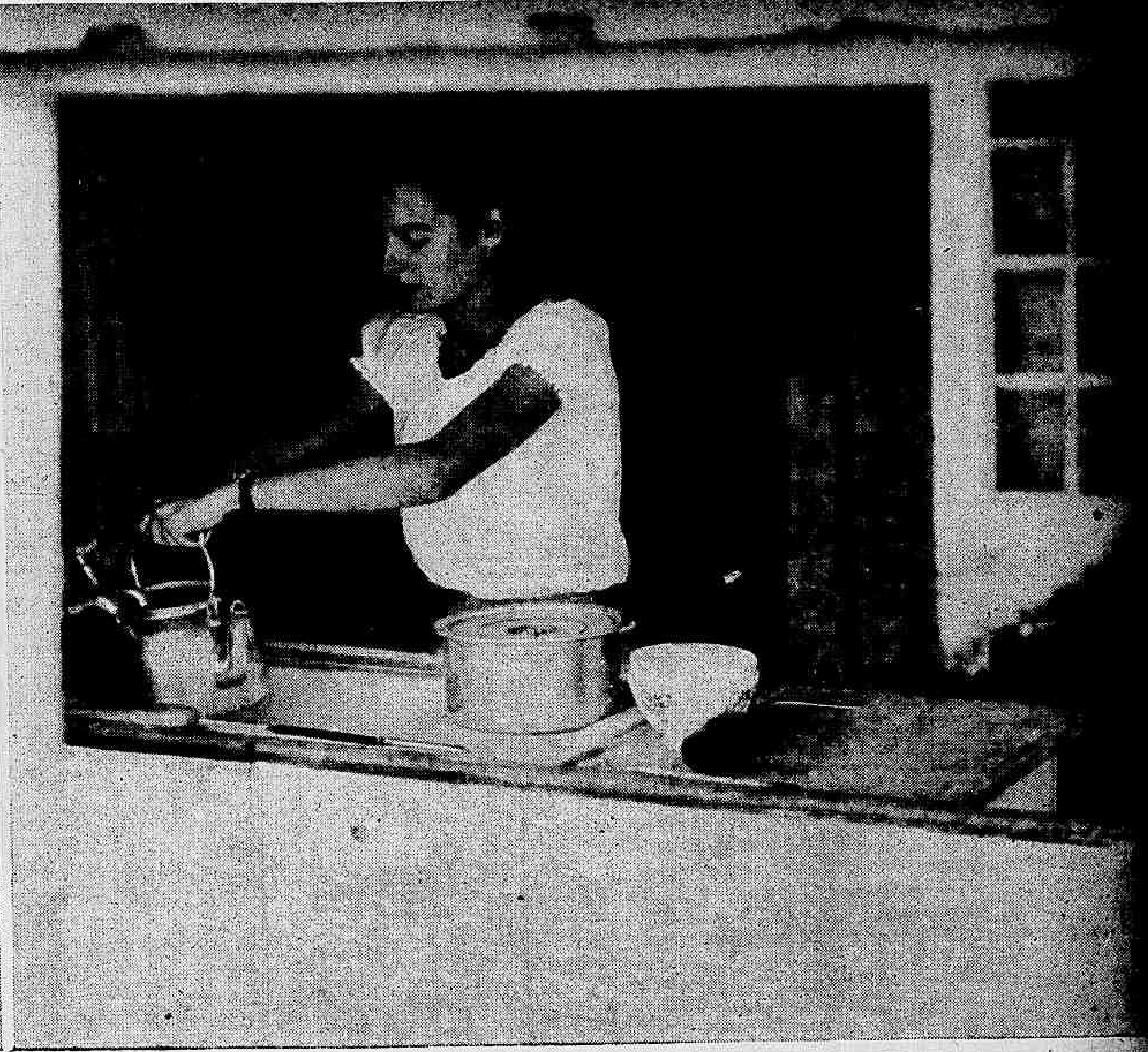
A ÁGUA É CONSEGUIDA por meio de uma bomba. Tom Payne acha que o sexo frágil deve fazer fôrça. Por isso mesmo, limita-se a segurar o balde — enquanto Eliane se esbalda. Com trocadilho e tudo



HÁ TODO O confôrto imaginável na «segunda de apontar o belo panorama que moça simple







...ável da «segunda residência» do casal. Eliane faz questão
... que «moça simples, não tem vaidade em segurar a enxada

FIQUEM sabendo que Eliane é excelente cozinheira. Ao menos para o marido. E como diz o ditado que a mulher agarra o homem pelo estômago, Payne continua firme. E ela trabalha para isso.





Eliane agarra seu homem

CÔMO VIVE A "RAINHA DO CINEMA BRASILEIRO DE 1952" AO LADO DE SEU MARIDO ★ NASCIDA EM PARIS, EDUCADA EM PETRÓPOLIS E CASADA NO MÉXICO ★ ESTA E' UMA HISTÓRIA REAL; QUALQUER SEMELHANÇA COM UMA HISTÓRIA FICTÍCIA SERÁ COINCIDÊNCIA...

Reportagem de LEON ELIACHAR ★ Fotografias de VALENTIM CRUZ

PRÓLOGO

TUDO aconteceu exatamente como acontece no cinema. O galã vivia longe, bem longe, e a estrêla nunca imaginou que o encontraria um dia. Ambos viajaram muito, daqui para ali, dali para aqui, talvez mesmo tivessem passado um pelo outro — quem sabe? — sem sequer perceberem que, mais tarde, seriam marido e mulher. O roteiro já estava traçado e, em determinado momento, viria o encontro fatal, aqui no Rio, caprichosamente preparado pelo cenarista, o sr. Destino. Mas eu lhes conto a história, tal como aconteceu...

TAKE 1

Eliane Lage nasceu em Paris, há 22 anos atrás. Filha de cariocas, pois seu pai é Jorge Lage, irmão do conhecido Henrique Lage, nasceu em França por mero acaso (e isto, está claro, fazia parte do roteiro), chegando ao Rio com 2 meses de idade. Por isso mesmo, considera-se, automàticamente, brasileira. Foi educada no Colégio Sion, de Petrópolis. Passou algum tempo na Inglaterra estudando «como cuidar de crianças», carreira que gostaria de seguir devido ao seu grande amor por crianças. Estêve na Grécia com a sua mãe e dedicou-se muito às crianças desamparadas pela guerra. Regressou ao Rio e arranjou uma colocação no colégio Anglo-Americano. Para cuidar de crianças, sim. Depois foi residir em São Paulo, onde a deixaremos, por uns momentos, enquanto rodamos o «take» daquele que seria seu futuro espôso. Com licença. Corte!

TAKE 2

Tom Payne tem 37 anos e, ao contrário do que pensa muita gente, não é americano do norte, pois nasceu na Argentina. Filho de inglês e argentina, foi criado em Londres, onde chegou a exercer a profissão de pintor (seus favoritos são: Duffy, Renoir, Portinari e Salvador Dali. Detesta Picasso). Ingressou no cinema em 1935, como «stand-in», chegando a ser assistente de Noel Coward, David Lean e Michael Powel. Certa vez, ainda em Londres, teve a oportunidade de conhecer Cavalcanti, que já conhecia de nome, e que mais tarde, já em 1950, no Brasil, viria a chamá-lo para integrar um grupo de técnicos inglêses que estava trazendo para São Paulo, onde formaria uma companhia cinematográfica — que tomou o nome de Vera-Cruz e que hoje todos conhecem. O primeiro filme dêstes novos estúdios seria «Caiçara» e Tom Payne seria o assistente do diretor Adolfo Celi. Mas faltava ainda a estrêla do filme. E é justamente o que lhes vamos apresentar, numa belíssima e esperadíssima fusão. Sem corte.

FUSÃO

Eliane Lage estava sentada confortàvelmente numa poltrona, enquanto os convidados para o jantar numa luxuosa residência em São Paulo, iam chegando. Eliane também era convidada.

— Muito prazer.

— Muito prazer.

O tipo de Eliane impressionou Tom, quando se apertaram as mãos. Fixaram-se demoradamente e tentaram disfarçar com um sorriso aquêle silêncio rápido. Quem sabe não estariam pensando a mesma coisa? Talvez. Mas Eliane, completamente alheia às coisas de cinema, nem sequer suspeitara que Tom Payne e Abílio iriam dirigir um filme muito breve. Durante o jantar, entre um prato e outro, falou-se de tudo e, especialmente, de cinema.

— Você não gostaria de enfrentar uma câmara, ser estrêla? — aventurou Tom.

— Acho a vida do cinema muito artificial.

Tom desistiu. Eliane Lage, sòmente Eliane Lage, poderia viver o papel de Marina em «Caiçara». Mas suas intenções não eram apenas de transformá-la em estrêla. Como irão ver.

O tempo foi passando. Eliane continuava firme no propósito de que não entraria para a tela. Mas simpatisava com Tom. Os encontros eram sucessivos. Tom acabou convencendo Eliane, não só de que ela deveria ser estrêla como, e sobretudo, sua espôsa. Ela aceitou a segunda proposta e, conseqüentemente, a primeira. Mas foi a primeira que foi realizada antes. Quando «Caiçara» foi exibido, Eliane transformou-se, automàticamente, numa atriz consagrada. Nasceu um estúdio, nasceu um filme, e floresceu um idílio.

Pouco tempo depois, Tom Payne dirigiu seu primeiro filme no Brasil — «Terra é sempre Terra». E aqui, deu-se um fato curioso: Eliane figurou numa pontinha, em virtude da «extra» contratada não ter aparecido para a filmagem. Até que se encontrasse outra pessoa para o papel, perder-se-ia muito tempo, e tempo, em filmagem, é dinheiro. Eliane ofereceu-se para fazer a «ponta». Despida de qualquer espécie de vaidade, não se incomodou em figurar numa pequena cena, tendo no filme uma estrêla estreante — Mariza Prado. Tornaram-se até boas amigas, porque a simplicidade de ambas é realmente espantosa. No final de tudo, Eliane recebeu... 500 cruzeiros por êsse papel.

«CLIMAX»

Dois dias antes de ser iniciada a filmagem de «Ângela», Cavalcanti deixa a Vera-Cruz e Tom Payne é convidado a dirigir o filme juntamente com Abílio Pereira de Almeida. Mas a data do casamento já estava marcada. Como Eliane estava em Pelotas (RGS), em filmagem, e Tom Payne estava em São Paulo, o casamento foi realizado no México, por procuração passada a 2 advogados. Mas por que êsse casamento no México? Eu explico: acontece que Tom era casado e divorciado na Inglaterra, o que impossibilitava um casamento aqui no Brasil. E acontece que não desejavam prolongar a data, esperando que a fita terminasse para poderem casar. Mas tudo ficou solucionado e Tom foi transferido para Pelotas, onde iniciaram a sua primeira lua de mel — durante quatro meses!

SALA DE CORTE

Eliane Lage e Tom Payne casaram-se no dia 1 de janeiro de 1951. Mas a censura cortou êsse trecho. Passemos adiante.

«HAPPY END»

Conheci Tom Payne e Eliane Lage no II Festival Cinematográfico de Punta del Este. Já havia sido apresentado a ambos, aqui no Rio, muito ligeiramente. Mas convivi com o casal cêrca de 15 dias e pude constatar que são perfeitamente felizes, fazendo inveja aos mais adoráveis personagens de ficção. São simples, amáveis, finos. Têm os mesmos gostos. Respeitam-se e amam-se mùtuamente.

— Mas isso não impede que eu dê a Eliane, durante as filmagens, o mesmo tratamento que aos demais, o que às vêzes se torna um pouco difícil — esclarece Tom.

Vivem harmoniosamente e, aos poucos, vão realizando seus sonhos. Já compraram um «jeep» e uma camionete. E construiram, nos arredores de São Paulo, um pequeno barraco onde costumam passar os sábados e domingos. Durante uma viagem a São Paulo, o casal me convidou para uma visita a essa sua «segunda residência». Um verdadeiro encanto. Não falta nada ali. Tem um fogão a gás (engarrafado), água «corrente (que êles tiram por meio de uma bomba, em baldes, e despejam no depósito que dá para a torneira), louças, bebidas, um sofá, uma cama, uma mesa, um armário, e duas cadeiras — para o caso de visitas. A vista é adorável e o clima é ótimo. E' ali, naquele lugar revelado, cujo terreno foi comprado, que o casal descança e repousa. Eliane e Tom cultivam eucalipto, tendo já plantado, êles próprios, um número enorme dêsse vegetal cheiroso. E assim vive o casal, creio, de felicidade, que bem merece, numa eterna lua de mel, a 200 metros de altura. Ali mesmo, estudam e esboçam seus planos de trabalho, sendo que breve começarão a rodar «Sinhá Moça», onde Eliane será a estrêla — um filme que aborda o tema da Abolição. Não pretendem, tão cedo, abandonar o cinema e acrescentam, sorrindo, que só deixarão de filmar quando o cinema os deixar. O que não creio. Seu maior sonho é construir uma chácara, que já está em andamento, onde estabelecerão uma granja de leite. Mas isso é outro assunto, que poderá ser explorado no momento oportuno. E aqui a cena se apaga lentamente, cresce o fundo musical e aparece o letreiro «The End». (legenda em português: FIM).



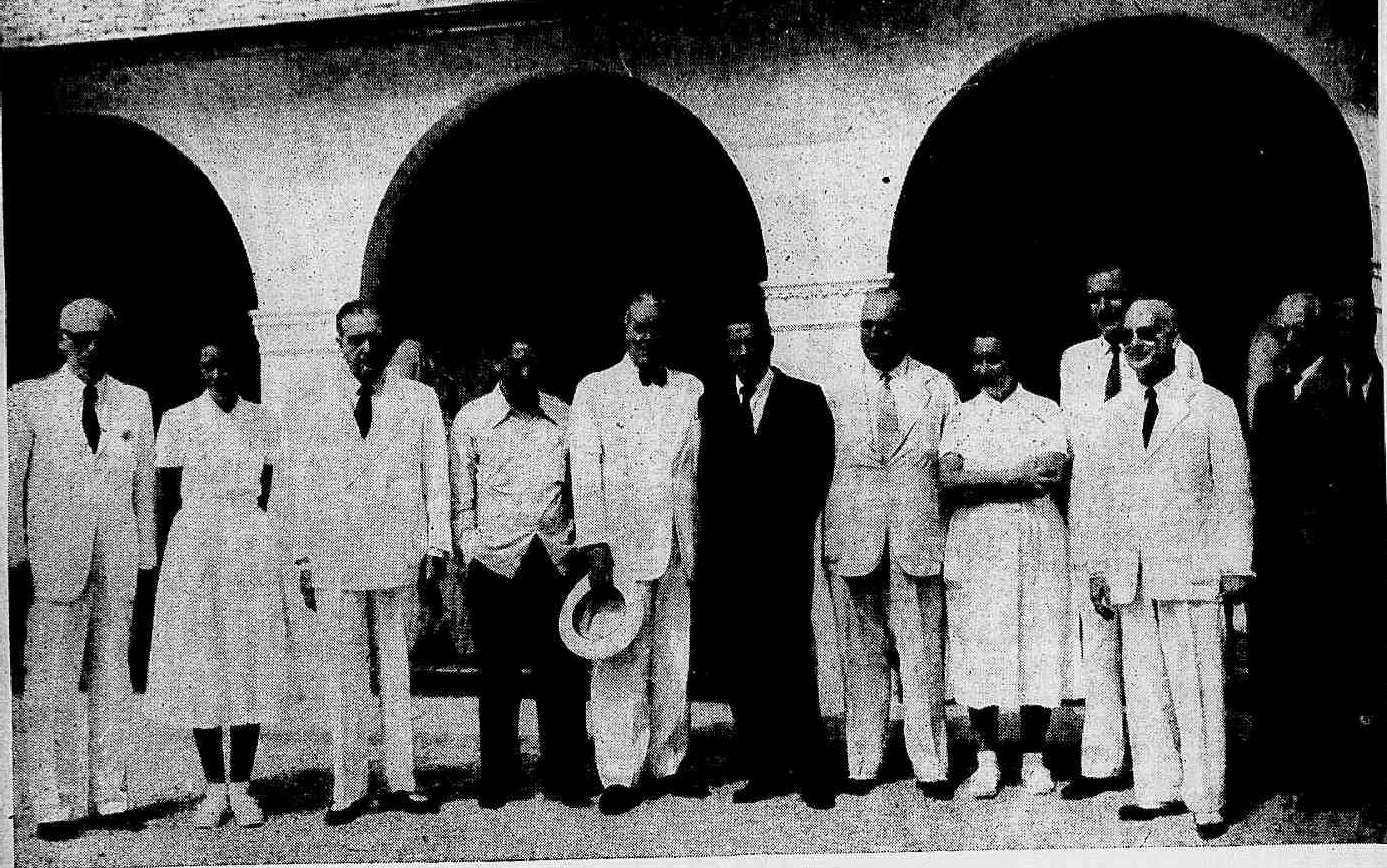
ESTA CABANA foi construída por êles mesmos, com material de edifício próximo. Um engenheiro grecou a lhes dizer, em tom de pilhéria: «Isto está amarrado? Então amarrem senão o vento leva».



AQUI DENTRO êles comem, dormem, lêem, fazem seus planos para o futuro. E também amam. Eliane foi considerada «a melhor atriz de 50» e foi coroada «rainha do cinema brasileiro de 52». Tom Payne já nos deu duas fitas das melhores do nosso cinema: «Terra» e «Angela». Mas pretendem ir mais longe. E, unidos, vencerão. Como sempre



E COMO NO FINAL de todos os filmes, na vida real Tom e Eliane encontram também muito lirismo nm beijo Ainda que êste seja um beijo de casados. Cada vêz que seus lábios se encontram, lembram-se sempre daquele primeiro encontro, daquele primeiro beijo. E fazem questão de dizer que «êste» é sempre o primeiro. Será mesmo?



O presidente do Jockey Club, diretores da sociedade, autoridades, jornalistas e convidados presentes à inauguração, vendo-se no segundo plano parte do prédio

ESCOLA PRIMÁRIA DO JOCKEY CLUB

INAUGURADA GRANDE PARTE DO NOVO PRÉDIO

Tendo excedido de oitenta, êste ano, o número de pretendentes à matrícula no curso primário da escola mantida pelo Jockey Club Brasileiro, e para não privar a tantas crianças das luzes do saber, resolveu o sr. João Borges Filho, presidente da prestigiosa entidade turfista, inaugurar grande parte da nova sede daquele educandário, em final de construção à rua Bartolomeu Mitre. A solenidade da inauguração realizou-se no dia 1º do mês corrente, contando com a presença de autoridades do ensino metropolitano, diretores e associados do Jockey, jornalistas, professôres e famílias dos alunos. Anotamos, entre os presentes, a senhora Juracy Silveira, diretora do Departamento de Educação Primária da Prefeitura, o dr. João Borges Filho, presidente do Jockey Club, o dr. Rodrigo Octavio Filho, o dr. Arthur Pires, supervisor da Escola, o dr. José Cândido de Almeida Reis, diretor do Hipódromo, o dr. Leonídio Ribeiro Filho, o dr. Costa Ribeiro, diretor da Comissão Técnica do Jockey, o dr. Jorge Nazaré, chefe escolar da Prefeitura, o sr. Leônidas da Silva Mendes, superintendente do Hipódromo, o sr. Raimundo Nonato Rocha, presidente do Sindicato dos Empregados em Casas de Diversões. Após a visita às dependências do edifício, que está sendo construido em atenção aos mais exigentes requisitos da moderna pedagogia, a diretora da Escola, professôra Mauricéa Felix da Silva, ressaltou, em feliz improviso, a grandiosidade da obra que em parte estava sendo inaugurada, e as suas elevadas finalidades, tecendo os melhores louvores à diretoria do Jockey Club e ao seu presidente, sr. João Borges Filho, a quem principalmente se deve a bela realidade que é aquela escola, atestado eloqüente das benemerências que o Jockey Club proporciona à enorme família turfista do Rio, não esquecendo a oradora uma menção especial aos srs. Arthur Pires e Leônidas da Silva Mendes, grandes cooperadores da importante obra. Com a palavra, a senhora Juracy Silveira fêz o elogio da escola que acabava de visitar, dirigindo cumprimentos e felicitações aos diretores do Jockey. Usaram ainda da palavra o sr. Raimundo Nonato, pelos empregados da sociedade, e a memina Sueli Ferreira da Cunha, todos exaltando a atuação do sr. João Borges Filho e o seu empenho para a realização daquele soberbo empreendimento. Por último, o presidente do Jockey Club Brasileiro agradeceu as expressões de aplauso dos oradores e as delicadas referências à sua pessoa e aos seus companheiros de diretoria. Na antiga escola foi, em seguida, servida aos presentes farta mesa de doces e refrigerantes.



O sr. João Borges Filho e autoridades visitam uma sala de aula

O CHEFE

A noticia não constituiu pròpriamente surprêsa. Sabiamos que mais cedo ou mais tarde o Herminio chegaria a ser chefe. Há certas coisas que embora pareçam dificeis, não chegam ser impossiveis, principalmente para quem tem essa espécie de tenacidade intima que molda a personalidade da criatura na ficção do que deseja ser.

Talvez por isso, quando vemos alguém exteriorizar suas tendências, dizemos logo, aquêle fulano nasceu para a determinada tendência que chegou a demonstrar. Muitas vêzes incorremos em lamentável engano, pois não basta manifestar tendências para ser julgado um vitorioso em perspectiva. A luta pela vida exige alma forte e outras caracteristicas importantes que o individuo precisa possuir para conquistar o que deseja.

Mas, no caso do Herminio, não havia dúvida. Êle nascera predestinado e tinha tudo para vencer. Sua tenacidade era de inspirar respeito aos desanimados. Ninguém ousava dizer-lhe uma censura, pois que seus méritos eram reconhecidos por todos. Apenas uma coisa discordava em sua personalidade marcante. Era a pequena estatura! O físico minguado, tão abaixo do normal, dava uma nota de contraste em suas ambições. Essa deficiência porém, não chegava a lhe provocar complexos. Acho até que se orgulhava de ser pequeno, embora não manifestasse ostensivamente esta vaidade.

Quando o conheci, êle era uma figura apagada dentro da repartição. Não gosava da mínima simpatia entre chefes e colegas. Afeito às obrigações com religiosidade irritante, era como se trabalhasse sòzinho numa sala ocupada por mais de 50 funcionários.

O homem era de amargar! Jamais dirigia a palavra à alguém, se não fôsse por extrema necessidade do serviço. Detestava responder a perguntas ou dar explicações. Ficava nervoso e chegava a gaguejar. Por causa disso não o incomodavamos. O gênio irrédio que possuia, facilitava êsse isolamento e assim o tornava objeto da antipatia geral.

Confesso que no princípio não me aliei na aversão coletiva contra o pobre Hermínio. Quis conhecer melhor a personalidade dêle. Talvez fôsse incompreendido por tôda aquela gente! Quem sabe se uma amizade sincera não faria mudar de atitude?

Baseada nesta suposição, tomei a iniciativa de o interpelar, empregando para isso a infalível tática feminina.

A espectativa pelo desfecho foi geral. Todos queriam ver o resultado da temerária aventura.

Para o glaudio dos que aguardavam minha derrota, logo de entrada fui barrada pela friesa com que êle se defendeu. Chegou ao cúmulo de me censurar com asperesa pela curiosidade que me levava àquele gesto. Fiquei chocada com a reação, mas não desisti. Continuei na ofensiva estratégica, embora sem resultados positivos. O máximo que consegui saber sôbre sua vida, foi que começara como servente e graças ao seu esfôrço pessoal chegara a ser escriturário. Isso, porém, não justificava sua atitude de grande homem! E era justamente esta ambição de querer se destacar entre os demais, que não podia ser perdoada pela complacência dos colegas.

No dia que o Diretor o designou para chefe geral do Departamento, a primeira coisa que fiz, foi observar as atitudes dêle ao assumir o cargo. Esperei com verdadeiro júbilo o momento da posse! Entretanto, senti uma grande decepção ao notar que êle ficara impassível!... Aceitou homenagens e cumprimentos com a naturalidade de um perfeito controlado. Esta ausência de emoções não lhe pude perdoar! Esperava vê-lo entusiástico, vibrante com a realização de seu sonho e, em vez disso defrontava-me com o mesmo Hermínio de sempre. Cabisbaixo e concentrado, sem demonstrar qualquer emoção pelos acontecimentos.

A irritação que se apossou de mim nesse dia foi indescritível! Perdi todo controle emotivo durante a rápida cena da posse. Minhas pernas tremiam de nervoso e cheguei a sentir ímpetos de esbofetear o homenageado! Pròvàvelmente estava fora de mim, pois não me atinava com a causa daquela revolta instintiva. Tanto que ao caber-me a vez de cumprimentar o novo chefe, tive a coragem de lhe dizer duas palavrinhas que o deixou perplexo!

As conseqüências dêsse impetuoso gesto, valeram para me convencer de que era apenas uma forniga diante do meu adversário. Êle porém, não se valeu do cargo para humilhar-me pelo atrevimento do dia da posse. Mas notei que se ressentira contra mim e que na primeira oportunidade seria castigada. A incapacidade para me defender da esperada revanche, criou em mim o espírito de luta. Queria encontrar um meio de vencer o novo chefe. E para isso bastaria servir-me da antipatia geral.

Foi o que fiz. Em poucos dias tornei-me uma espécie de líder reacionária, apoiada pela maioria absoluta. Tudo passou a correr mal dentro da repartição. Era perfeita a sabotagem no serviço, com a finalidade de prejudicar meu antagonista em perspectiva.

E assim, dentro de pouco tempo o chefe Hermínio estava pràticamente aniquilado. De qualquer forma que fôsse vencido não lhe caberia nenhuma honra.

Certa tarde quando ia rubricar o ponto, ouvi que de sua mesa êle me chamou.

— Srta. Selma, antes de rubricar o ponto, tenha a bondade de vir até aqui.

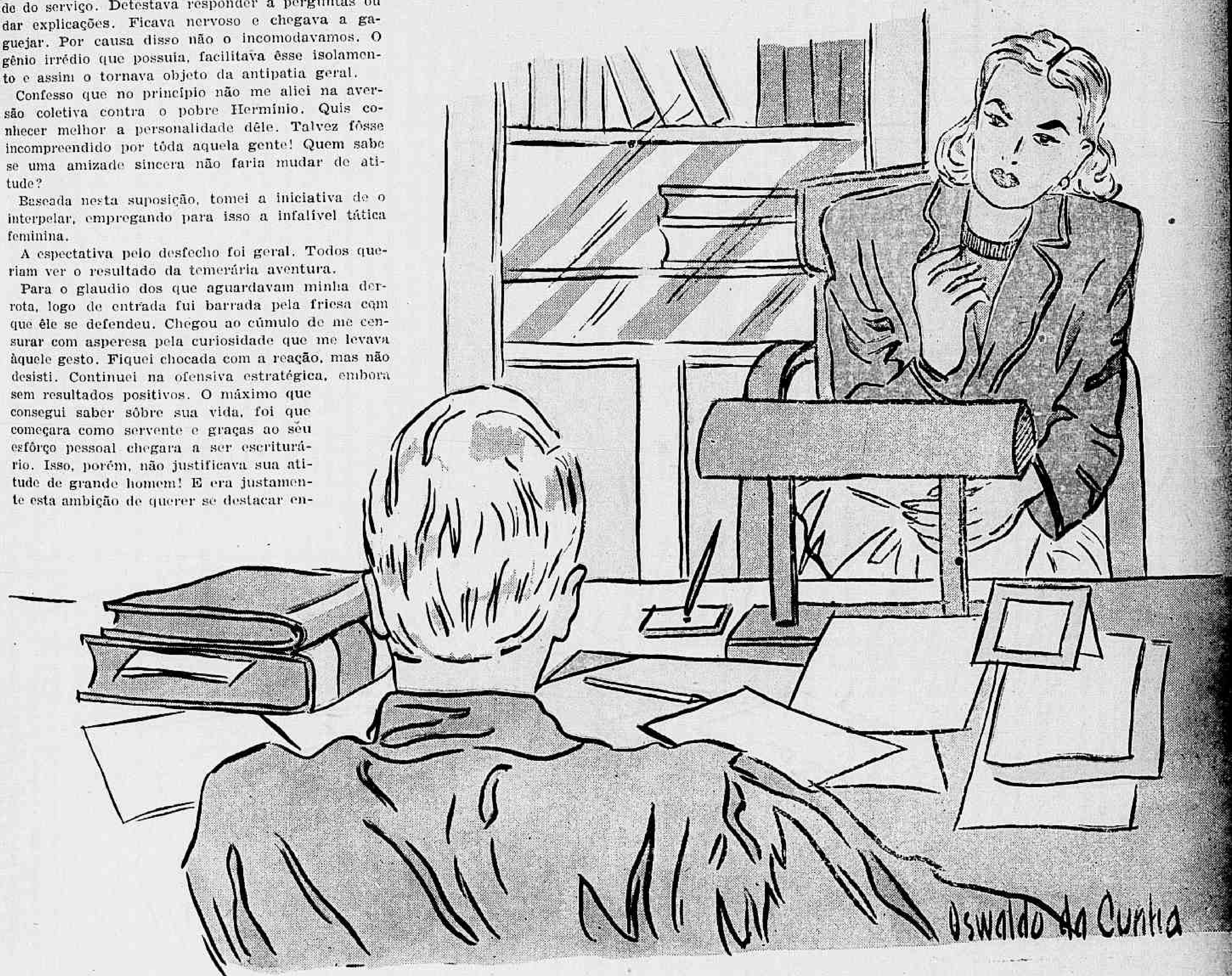
Os colegas entreolharam-se esperando qualquer apêlo. Mas, ao verem que corajosamente, ia atender ao chamado, êles foram deixando a sala, após se despedirem.

De pé, junto da mesa, o chefe aguardava minha aproximação. Não sei porque, naquele momento não senti o mínimo receio de enfrentá-lo. A atitude dêle era serena como sempre. Viu quando cheguei perto e só então ergueu os olhos encarando-me de frente. Não sei que expressão tinha seu olhar, pois não tive tempo de observar. Rápido,

(Cont. na pág. 46)

Conto de PAULA LOPES

Ilustração de OSWALDO DA CUNHA



PASSEIO





Algumas elegantes sugestões para passeio, você encontrará nestas duas páginas, onde estão estampadas as últimas novidades no gênero.

OS ESPINHOS DO AMOR

























leon eliachar apresenta:

...e eu tivesse ...m cinema...

...olheria um predio bem velho, já ... se fôsse novo ficaria velho e eu ...ais o mandaria consertar.

...ocaria 2.000 cadeiras quebradas, ...a poupar trabalho ao espectador.

...ndaria tirar a última fila (!), para ...ar namoricos.

...icaria um grande espaço às de...dências sanitárias e as manteria ...pre limpas, para ser original.

...caria um telefone na gerência, ...a uso exclusivo do gerente.

...igaria a que o telefone ficasse de...pado ao menos 5 minutos por dia.

...garia também a que o gerente fi...e ocupado os mesmos 5 minutos.

...lheria uma bilheteira bem bonita, ... sucesso de bilheteria.

...ibuiria, semanalmente, níqueis, ...etes e ingressos aos garotos po... da cidade, para evitar aglome...c à porta.

...daria colocar uma tabuleta proi... fumar, em lugar bem escondido, ...e ninguém a iria ler.

...ataria um porteiro que não gos... de discussão.

...egaria um vagalume educado e ...não incomodasse ninguém.

...raria 5 lanternas sem lâmpadas, ...ez que saberia que não seriam ...as.

...aria um bebedouro. Com água.

...só anunciaria, à entrada, que meu ...a teria ar condicionado, como ...aria um aparelho.

...taria um líquido para proteger ...lgas.

...ia oito filmes nacionais para cada ...ngeiro.

...distribuiria folhetos de anúncios. ...buiria programas.

NAS TELAS

OS CONTOS DE HOFFMANN

(Sessão especial) **(THE TALES OF HOFFMANN — London Filmes)**

AGORA que acabamos de ver mais umas quatro vêzes a "Sinfonia de Paris" de Gene Kelly, foi que compreendemos, como êle, a necessidade de ser um "ballet" filmado, feito exclusivamente para o cinema. Porque não basta rodar a câmara diante de um palco, embora com grande movimentação e com mudanças de ângulo; não bastam os "close-ups" e os "long-shots". E' preciso, antes, que o "ballet" tenha sido elaborado de forma a ser aproveitado integralmente no cinema — não só pela coreografia, pelas tomadas, pelos ângulos, como pela própria combinação de côres e imagens. A côr e a imagem, agem, aqui, em função do próprio cinema — e não perdem nunca o seu ritmo, a sua agilidade, a sua ação em favor do conjunto. Isto seria, então, um "ballet" cinematográfico — e não um "ballet" filmado, como tem acontecido até aqui.

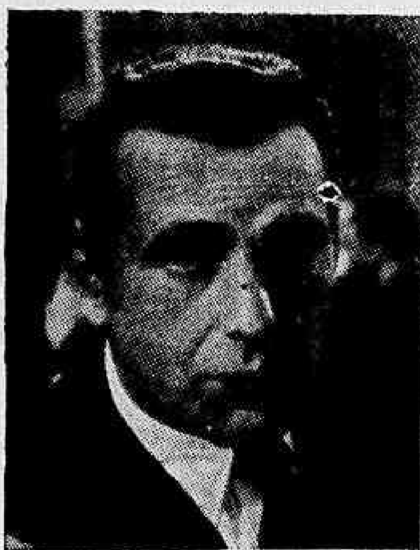


«Ballet cinematográfico»
Expressionista

Vendo agora "Os Contos de Hoffmann", percebe que também a dupla Michael Powell-Emeric Pressburger captou êsse sentido e sua alta significação. Anteriormente, em "Os Sapatinhos Vermelhos", êles se haviam preocupado mais com a história, com seu conteúdo, do que com o próprio "ballet". Já neste filme, sua principal idéia era realizar algo completamente diferente, tendo a técnica do cinema à disposição do "ballet" — e não apenas uma máquina para filmá-lo. Daí terem obtido resultados verdadeiramente surpreendentes. A diferença que separa esta obra inglêsa da obra de Kelly é que esta apresenta uma série de bailados clássicos, entr... sados num drama de opereta fantástica, ao passo que a última foi calcada em música mais modern... como é a música de Gershwyn. Há, no filme de Kelly, mais ritmo, mais agilidade, mais vivacidade e — por que não? — mais técnica. "Os Contos de Hoffmann", indiscutivelmente, apresenta momentos alto... do mais alto valor artístico; a música, a fotografia, a côr, o movimento dos personagens e da câmara, decoração, tudo age em função do "ballet". O público talvez ressinta a falta de um argumento comum pois o filme não tem diálogos; é cantado, quando existem falas, como na ópera. O resto é imagem movimento, cenografia e coreografia das melhores. Um grupo dos melhores bailarinos do mundo tom... parte, destacando-se Moira Shearer, Rober Bounseville, Pamela Brown, Robert Helpman, e muitos o... tros. Excelente coreografia de Frederik Ashton e esplêndida fotografia de Christofer Challis. A músic... empolgante por vêzes, lírica em alguns trechos, é executada por uma orquestra sinfônica, e inspirad... no tema dos "Contos Hoffmann", de Offenbach. Espetáculo agradável que entusiasmará a determinad... público. Contudo, pode ser visto por todos com agrado.

★

"SIROCO" (Columbia) nos dá um Humphrey Bogart padronizado, com uma capa a envolver-lhe aque... fisionomia de homem sofredor e descrente do mundo, às voltas com a linda Marta Toren, na cidade e... tranha de Damasco. A fita é uma série de complicações inverossímeis e não consegue o clima que ... quis dar. Lee J. Cobb é o melhor do elenco. Tendo rompido o contrato com o sr. Ribeiro, êste filme la...çado no circuito do Pathé — provando, ainda assim, que Bogart é um campeão de bilheteria. ★ "CÚMPLICE DAS SOMBRAS" (United Artists) nos traz de volta Van Heflin e Evelyn Keyes, envoltos nu... drama policial. O argumento é excelente e, se não foi possível ao cenarista impregnar nas imagens to... o conteúdo humano e psicológico dos personagens, o diretor Joseph Losey consegue salvar a situaç... mantendo uma narrativa interessante da primeira à última cena. Heflin está correto como sempre e Ev...lyn Keyes nos surpreende com um belíssimo desempenho dramático. ★ "A VINGANÇA DOS APACHE..." (Paramount) é mais uma dessas histórias de índios, desenrolada à época da guerra civil norte-ame...cana. Cheia de lugares comuns em tecnicolor, é irritante por vêzes — e não chega a entusiasmar a n... ser os fanáticos pelo gênero. Ronald Reagan encabeça o "cast" — se isso lhe serve de estímulo, leitor...



«Siroco»
O mesmo Bogart.



«Cúmplice das Sombras»
Evelyn Keyes surpreende.



«Vingança dos Apaches»
No espectador.

Cinema

A MORTE COMO MEIO DE VIDA

Hollywood parece ter criado a verdadeira indústria do crime



MOLLYWOOD é uma verdadeira fábrica de «gangsters» e seus tipos se tornam cada vez mais cruéis, mais sádicos. Não basta matar; é preciso fazer sofrer.

(Fotos Metro e ...

HOJE, mais do que nunca, o cinema — e especialme... americano — tem explorado o crime como uma de ... maiores fontes de renda. A trama policial, de fato, tem ... atrações. Os livros de mistério, de mortes por violência, ... evidentemente, a maior percentagem do público ledor. ... cinema não fica atrás. Porque, enquanto num livro ou ... magazine de contos policiais o leitor tem de usar a sua pró... imaginação para receber a emoção e o "suspense" que o ... deseja transmitir, no cinema, ao contrário, êle já encontra ... mastigado, tudo preparadinho para mexer com seus ner... Técnicos especialistas são muito bem remunerados para ... doses de emoção ao público que procura distração numa ... de espetáculos.

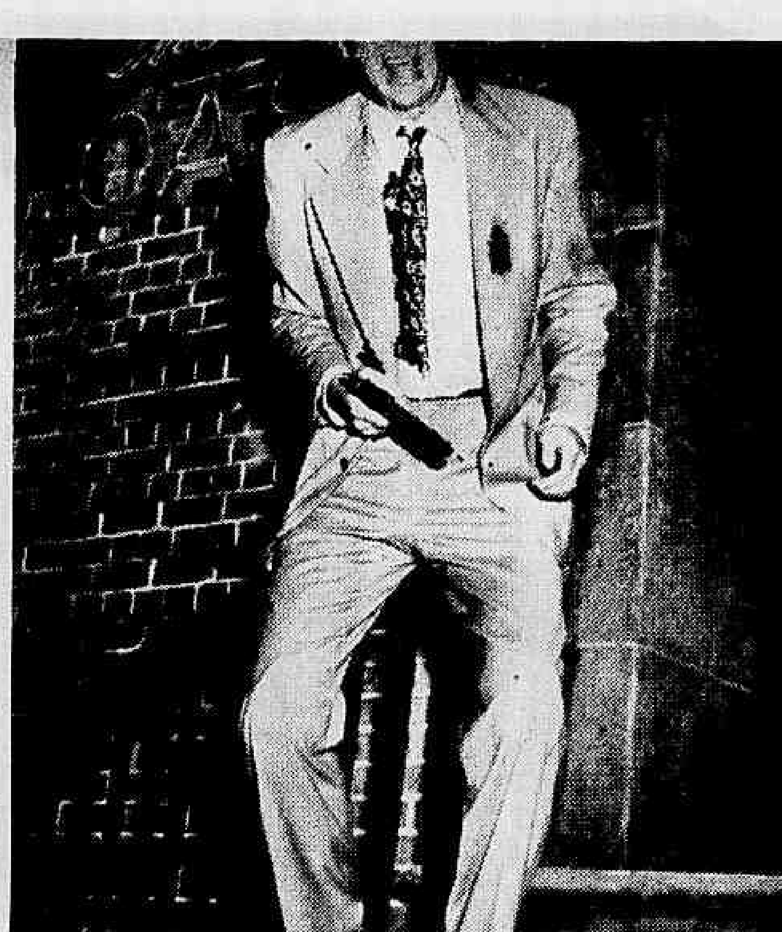
Hollywood — que é, indiscutívelmente, especialista nesse ... nero de filmes, aperfeiçoa, a cada dia, a sua técnica. Novos ... todos são estudados, para que o público não se canse pela ...



[M]ORTE é uma forma de causar emoção. Mas deve ser bem feita.



A VIOLÊNCIA se torna cada vez mais patente nos filmes policiais.



O CRIME não compensa? Hollywood acha que sim. E com tôda a razão.

[...]tição. Assim, as cenas que já não impressionam mais, são ela[bo]radas com maior critério, com maior cuidado — porque o [ci]ne[ma] é, realmente, uma indústria fabulosa. E que não pode [ir] à falência. Hollywood continua sendo, portanto, uma ines[go]tável fábrica de "gangster" e de assassinos. As cenas não [ma]is são sugeridas; antes, são focalizadas diante das câmaras, [co]m tôda a crueza e sangue frio. Só assim elas podem ser re[no]vadas, podem transmitir novas emoções.

[M]ilhões de dólares são gastos, anualmente, na confecção de [pel]ículas sôbre crimes e criminosos. Gigantescos estúdios são [con]struídos, de preferência becos escuros, subterrâneos, casas [aba]ndonadas, beira de cais. Fotógrafos dos mais renomados, [téc]nicos de luz e som. Astros com fisionomias duras, mocinhas [co]m carinhas de ingênuas para serem joguetes nas mãos ferozes [de] homicidas tarados. Tudo isso são fortunas que se dispen[de]m e que trazem aos seus cofres, de volta, uma renda fabu[los]a. Diretores de pulso firme conseguem de tal forma huma[niza]r seus personagens que tem-se a impressão de que tudo [aqu]ilo é a mais pura realidade. Essa "realidade" é o que, de [...], nos dá a emoção, o mêdo, o "suspense".

Ao mesmo tempo, independente das cenas violentas, cujo sadismo está agora atingindo o seu ponto máximo, o público está se familiarizando com as armas de fogo. Um tiro de revólver é a coisa mais natural num filme, quando se quer eliminar um personagem. E uma punhalada pelas costas já não causa a mesma impressão que, por exemplo, cortar os braços e as pernas da vítima, diante da câmara. O massacre, a morte pelo sofrimento, é que interessa ao público — segundo os produtores de Hollywood. E êles sabem muito mais do que nós o que estão fazendo.

Existe, é claro, por trás de tudo isso, duas interpretações: ou Hollywood incentiva o crime, mostrando os métodos bárbaros com que homens maus eliminam seus semelhantes, ou, ao contrário, tentam combatê-lo, com a moral imposta pela censura de que o "crime não compensa". Dessas duas, cada espectador tira a sua própria conclusão. Mas existe, também, a terceira hipótese: Hollywood não quer saber, verdadeiramente, se seus filmes são benéficos ou nocivos, porque o crime, para ela, é uma indústria como outra qualquer, que se vende em latas. E a morte não deixa de ser, assim, um meio de vida.



[ESP]ECTADOR já está habituado a tôda espécie de arma assassina. O revólver e a faca continuam rendendo milhões na bilheteria dos cinemas.



UMA PUNHALADA pelas costas é preciso ser filmada de perto para que o espectador veja e sinta com a vítima. Sem o que não terá alcançado suas finalidades.

cinema

CHAGA DE FOGO



Aquêle é um dia como os demais no 21º distrito. Pessoas vêm e vão, trazendo suspeitos de roubos e crimes, marcando com o estigma da vergonha os sêres que foram vencidos pela fraqueza ou pelo mal... O detective David traz uma pobre moça, uma "mão leve" que atua em lojas, e encontra-se com outro detective Jim McLeod, que por sua vez traz Arthur, um jovem nervoso, que desencaminhou uma grande quantia pertencente a seu patrão. Mesmo sob os protestos de Arthur, McLeod tenta ligar para uma tal Joy Carmichael, cujo nome encontrara em posse do rapaz e com quem suspeita Arthur ter gasto o dinheiro. Joy não está, mas sua irmã, Susan, diz que virá imediatamente ao distrito para esclarecer o que fôr possivel.

Atendendo a um chamado de seu superior, o tenente Monoghan, McLeod encontra no escritório daquele, o advogado Sims, que diz que seu cliente Karl Schneider se entregará à polícia, sob a condição do Tenente não permitir que McLeod se envolva no caso. Isto devido a fama que McLeod possui como destemido. Schneider fôra prêso por McLeod, que o acusara de práticas condenáveis e recebera absolvição do tribunal. Sims dá a entender que existe uma razão pessoal pelo fato de McLeod estar sempre a perseguir o seu cliente...

Na existência de McLeod, policial intolerante, há lugar para o amor e a vida pacata: Mary, sua linda espôsa, que o ama e que não o olha como os outros o vêem, isto é, como uma autoridade para a qual o crime não possui indulgência.

McLeod não se condoi, absolutamente de Arthur, embora êste na opinião do detective Brody, sócio de McLeod e na do repórter Feinson, pareça arrependido. Susan Carmichael aparece para oferecer a restituição do dinheiro, acrescentando serem tanto ela como a irmã Joy, amiga de infância de Arthur. McLeod, porém, não se impressiona com isso. Êle acha que por ter Arthur se apoderado do dinheiro por estar apaixonado por Joy, absolutamente não o desculpa. O chefe de Arthur, Mr. Pritchett parece estar disposto a abandonar a questão, caso Susan cubra a quantia, mas McLeod não concorda.



(Detective Story)

ELENCO:

Jim Mc Leod ...	KIRK DOUGLAS
Mary	ELEANOR PARKER
Susan	CATHY O'DONELL
Brody	WILLIAM BENDIX
Schneider	GEORGE MC READY

Argumento de Philipe Yordan e Robert Wyler ★ Baseado numa peça de Sidney Kingsley ★ Filme da Paramount.

ÊLE ERA UM DETETIVE INTRANSIGENTE PARA OS QUE ANDAVAM

aproveita para admoestá-lo. Êle conseguiu desta vez, duas testemunhas para provar que Schneider faz práticas condenáveis; mas, uma delas morre no hospital antes de fazer qualquer declaração. E a outra, uma enfermeira, recusa-se a identificar o médico. Eis porque — pensa McLeod — Schneider se mantém tão calmo perante as autoridades. Dominado pelo ódio, McLeod tem uma cena de pugilato com Schneider, e fere-o, fazendo com que aquêle vá parar no hospital.

Instado pelas queixas de Sims, o Tenente faz investigações, descobrindo que Mary McLeod antes de casar-se, tivera um filho ilegítimo e fôra procurar Schneider. A criança morrera sob as mãos criminosas do médico. Ao saber dêste fato, McLeod tem uma violenta discussão com a espôsa, e esta o abandona, sabendo que devido à sua exagerada intransigência, êle jamais a perdoará, como nunca perdoou aos que deslizam na vida...

Nesta ocasião, em luta com um ladrão, McLeod é sèriamente ferido ao tentar desarmá-lo. E as suas últimas palavras surpreendem a todos: como que arrependido de sua eterna intolerância para com os que erraram, êle declara que Arthur é inocente.







FORA DA LEI

movimento nacional





MARIA DELLA COSTA volta ao cinema em «Areião», da Inca Film. No elenco estão ainda Orlando Vilar, Carlos Cotrim e Mário Ferrari, sob a direção do italiano Camillo Mastrocinque. A mais bela artista do nosso cinema vem matar as saudades de seus fãs. Mais bela e mais talentosa.

JORGE Ileli, cronista de «A Cigarra», ingressa no cinema como cenarista e diretor adjunto. Sua estréia dar-se-á em «Quando o Destino Quer», argumento de Jorge Dória que será filmado na Atlântida, sob a direção de Paulo Wanderley. Definitivamente, os **astros** são: Cyl Farney, Eliana e José Lewgoy.

★

Ao contrário do que pensa muita gente, Lewgoy não tem contrato permanente na Atlântida.

★

Uma nova companhia cinematográfica em São Paulo: a Cast Filmes. Sua primeira produção será «Granito», que já está em rodagem, tendo à frente do elenco Fernando Pereira, aquêle rapagão simpático de «hóspede de uma noite». «Granito» é um drama violento que se passa entre as rochas, relatando a vida dos pedreiros. Grande parte da ação está sendo filmada em exteriores.

★

José Carlos Burle ainda não escolheu, definitivamente, qual será o seu próximo filme. Foi encarregado pelo sr. Luís Severiano Ribeiro de selecionar, entre as obras clássicas de nossa literatura, um volume para ser filmado. Burle está pensando em adaptar para a nossa época algum romance do passado. Boa idéia.

★

Luís Delfino já começou a rodar seu segundo filme na Flama — «Com o Diabo no Corpo». Ao que parece, a estrêla será Miriam, filha de Oscarito, que fêz, recentemente, um teste para êsse fim. Se tiver sido aprovado está tudo okay.

★

«Apassionata», com Anselmo Duarte, Tônia Carrero, Ziembinski e Alberto Rushel, já está em vias de conclusão. «Tico-Tico no Fubá», também da Vera Cruz, está sendo aguardado com ansiedade.

★

Terminando sua parte em «Apassionata», Alberto Rushel iniciou imediatamente as filmagens de «Cangaceiro», de Lima Barreto. A estrêla é Maria Prado.

★

Fernando Montenegro não pôde aceitar uma proposta que lhe foi feita pela Sacra Filmes para estrelar seu próximo filme, em virtude de estar prêso por contrato pela TV-Tupi.

★

Procópio brigou com Cavalcânti, tendo declarado aos jornais que, em virtude da demora em iniciarem as filmagens de «Memórias de Simão Caolho», não pretendia ficar caolho por muito tempo. Mas o Procópio devia saber que a Maristela arranca o ôlho de qualquer um...



EM SUA RESIDÊNCIA, em Jaçanã, Mário Civelli (ao centro) recebe a visita dos «astros» Orlando Vilar e Luigi Pichi. Dêste último, dizem os que viram «Modêlo 19», que é um artista de futuro. Civelli já tem data marcada para lançar êsse filme muito breve, em São Paulo, e que está sendo aguardado com ansiedade.





ORLANDO VILAR foi a São Paulo ultimar suas negociações com a Inca Film e se aborreceu quando soube que seu papel foi dublado. Dizem que vai processar a companhia por isso. Mas, só na volta, pois Orlando acabou de partir para Belo Horizonte, com Gino Palmisano, diretor de «Alvorada de Glórias», um filme sôbre as bandeiras e que está sendo feito com todo o carinho.

cinema

Bogart

MUITA gente não pode compreender por que Humphrey Bogart, sendo feio e já um tanto gasto pelo tempo, desfruta de uma popularidade inegualável na cinematografia mundial. Êle é, evidentemente, um campeão de bilheteria — e a maior parte de seu público se compõe de elementos femininos. Por que? Tentaremos explicar. Bogart, em verdade, não é bonito; é até feio. Mas sua fealdade lhe dá aquêle ar duro de homem vivido, de homem que tem um passado concentrado em seu íntimo. Homem de vida interior. E as mulheres gostam disso. Gostam da sua dureza, do seu olhar frio, da sua indiferença, da rudeza de seus gestos. Isso lhe dá masculinidade. E, se notarem bem, todos os filmes de Bogart apresentam-no, quase sempre, como um homem assim — sem preocupar-se muito com o futuro, devido ao seu passado. E seu passado é sempre um mistério. Ninguém sabe de onde veio nem para onde vai. E é isso, cremos, o que lhe dá aquala máscara inimitável, mais dêle próprio do que do ator Bogart.

Afortunadamente para seus fãs, Humphrey Bogart não desanimou com as críticas que recebeu quando entreou no palco, em 1921, na peça «Swifty». O falecido Alexandre Woollcott, proclamado o maior crítico teatral norte-americano, escreveu: «Êle é o que se pode dizer, com muita boa vontade, um inadequado». Aliás o próprio Bogart reconhecia-se um péssimo ator. Mas gostava do palco e — que diabo! — podia estudar dia e noite. Haveria de melhorar. Pois estudou duramente e melhorou mesmo. Tanto que o próprio Woollcott, anos mais tarde, alinhava-se entre os seus admiradores mais fervorosos quando êle interpretou na Broadway a célebre «Floresta Petrificada». O pai de Humphrey foi um cirurgião, o dr. Bogart, que destinava o filho à sua profissão. A mãe, Maude Humphrey, era pintora de retratos e usou sempre o nome de solteira a fim de não obscurecer a possível glória que suas telas lhe houvessem grangeado. O nome do nosso herói é como vêem, os sobrenomes dos seus pais. Humphrey foi matriculado pelo pai na Philip Andover. Mas de tal maneira se portou nos estudos que, acabou êle próprio convencido que, positivamente, não dava para aquilo. Largou a Philip Andover e alistou-se na Marinha, pois os americanos haviam se metido, justamente naquela ocasião, na primeira Grande Guerra. Terminado o conflito em 1918, Bogart, obteve baixa e foi tratar da vida na Wall Street, empregando-se na firma S.W. Straus & Co. Aconteceu-lhe no mundo dos negócios a mes-

(Fotos Columbia)

O FEIO MAIS SIMPÁTICO DA TELA

ma coisa que na Academia: não «deu no couro». Providencialmente o empresário William Brady ofereceu-lhe um emprêgo. Não de ator, está claro, mas de auxiliar do gerente. Ora, Bogart gostou do emprêgo... porque já andava de ôlho no palco. Sonhava ser ator. E enquanto esperava ia progredindo — gerente, diretor de elenco, gerente de produção e, finalmente produtor! Naturalmente, deve ter se aproveitado do cargo para dar a si próprio, na peça «Swifty» aquêle papel que lhe valeu as mais tremendas bordoadas dos críticos! O que, em absoluto, não o desanimou, pois logo em seguida arranjou um jeito de aparecer com Mary Boland e Clifton Webb em «Meet the Wife». A verdade é que desta vez a crítica o tratou bem melhor. A peça foi representada um ano a fio, com Bogart sempre firme em seu papel. Daí em diante as coisas foram melhorando em cada nova peça. E' que o rapaz estudava àrduamente e gostava de fato do seu trabalho. Obteve sucessos crescentes. Até que se firmou definitivamente como grande astro contracenando com Leslie Howard em «Floresta Petrificada». Quando a Warner resolveu filmar aquela peça, deu o principal papel feminino a Bette Davis e chamou os criadores dos outros «roles» no palco para interpretá-los ante as cameras. O filme foi um «hit» inesquecível e Bogart, com sua magistral «performance» no papel do «gangster» neurótico, obteve um êxito tremendo. Depois foi o rosário de glórias que todos os fãs conhecem. Inclusive o Prêmio da Academia com «Casablanca».

Bogart é divorciado de uma ex-estrêla do cinema, e casou-se em 21 de maio de 1945 com a exótica Lauren Bacall. A cerimônia realizou-se perto de Mansfield, na Fazenda Malabar, de propriedade do escritor Louis Bromfield, que foi padrinho do casamento. Mrs. e Mr. Bogart moram numa linda casa no alto de uma colina de Hollywood, com uma maravilhosa vista da Sunset Strip e dispendem os seus dias livres navegando no «Santana», pequeno barco de sua propriedade. Humphrey Bogart é um «causeur» encantador e está sempre muito bem informado do que vai pelo mundo, especialmente em política internacional.

REVISTA DA SEMANA

CONVOCA

OS FOTÓGRAFOS DO BRASIL

E DO ESTRANGEIRO PARA SEU

CERTAME FOTOGRÁFICO

CUJAS BASES DIVULGARÁ

NO PRÓXIMO NÚMERO

20 MIL

CRUZEIROS DE REMUNERAÇÃO

LEIA ★ PARTICIPE ★ TRIUNFE

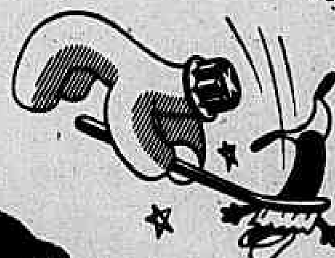
Econômico!

Kolynos rende muito mais



Kolynos é um creme dental altamente concentrado e econômico porque rende muito mais! Kolynos é o dentifrício preferido pelas famílias, pois todos gostam de Kolynos e é fato comprovado que Kolynos dura mais... um centímetro na escôva sêca basta para obter espuma abundante e eficaz.

além disso...
Kolynos combate as cáries



Provas científicas demonstram que Kolynos destrói até 92 % das bactérias que formam os ácidos causadores das dolorosas cáries.



também...
Kolynos perfuma o hálito



A espuma refrescante de Kolynos perfuma o hálito e deixa na bôca uma duradoura e incomparável sensação de saúde e bem-estar.



Kolynos satisfaz as exigências de todos!

K-632 S.

A SAÚDE DO BEBÊ

DR. SABOIA RIBEIRO

Valor da merenda escolar

A questão da merenda escolar vem despertando um interêsse digno de todos os aplausos, da parte das autoridades e dos estudiosos, que encaram essa refeição do escolar na base de seus efeitos salutares, quer em relação a seu vigor físico ou seu próprio aproveitamento nos estudos.

E' uma observação corriqueira e freqüente que, na maior parte dos casos, terminado o período escolar, os colégiais apresentam em grau variável, mas também muita vez evidentíssimo, um estado de cansaço e diminuição de pêso, em parte explicável por má cobertura de suas necessidades alimentares, durante o ano letivo.

E' razoável admitir que um certo defict alimentar acumulado durante o período de aulas trouxe em resultado a perda de pêso da criança, e outros sintomas expressos na palidez, a inapetência, a moleza, sabido que a quota alimentar deficiente conduz a tôdas essas conseqüências.

E' precisamente no sentido de evitar que a criança fique mal nutrida, e medeie um espaço de tempo muito grande entre a primeira refeição do dia e o almôço, que se justifica o papel da merenda escolar, a qual, por isso mesmo, deve preencher certos requisitos que a tornem eficiente para aquela finalidade.

Segundo experiências levadas a efeito, entre nós, as vantagens da merenda escolar assinalam-se pelas verificações que se seguem:

a) aumnto do rendimento escolar;
b) melhoria sensível do pêso e altura da criança;
c) melhor aparência e
d) progresso e aproveitamento na classe.

Além disso a instituição da merenda escolar propicia, naturalmente, a oportunidade de ensinar à criança como alimentar-se.

Como se disse, a merenda escolar deve preencher seus fins e, como tal, é necessário prepará-la sob certas condições de valor nutritivo.

Observa-se, entretanto, que isto nem sempre acontece, pois muitos confundem a merenda com simples guloseimas, como sorvetes, pipocas, picolés e coisas assim.

Deverá a merenda constituir-se, de preferência, de carne, leite e ovos, como dos melhores componentes. A êsses acrescenta-se pão e manteiga. Menos aconselháveis: chocolate, fiambre, pastéis.

Uma forma de merenda que reúne os principais elementos recomendados, é um sanduíche de carne, umas rodelas de tomate, manteiga. Ou em vez de carne, um ôvo fresco e estrelado na manteiga. Algum leite, como complemento, ou bebida equivalente.

Ainda hoje a merenda escolar é geralmente iniciativa dos responsáveis pela criança, mas, já iniciada em alguns setores da administração pública, sob a forma do «Copo de leite», é de prever que sua instituição compulsória não tardará, em maneira organizada e racionalizada.

Estudos interessantes e que podem servir de base às medidas oportunas. Já foram, aliás, feitos pelo Professor Dante Costa, o qual organizou vários tipos de merenda, para sua utilização, no País, de acôrdo com as diferentes regiões e épocas do ano.

Eis duas dessas merendas que poderão ser utilizadas quer no extremo Norte, quer no sul do País:

Pão	50 gms.	Pão	50 gms.
Manteiga	12 »	Manteiga	12 »
Carne	60 »	Tomate	30 »
Leite	250 »	Leite	200 »
Rapadura	30 »	Açúcar	15 »
		Bananas (2)	200 »

A seguinte merenda supre a falta do pão em certos meios:

Bananas (2)	200 gms.	Açúcar	15 »
Farinha de mandioca	15 »	Bôlo de milho	80 »
Leite	200 »		

Êsses diversos modelos de merenda abrangem, qualquer dêles, as diferentes substâncias que fazem o alimento completo, a saber: albuminas, gorduras, hidratos de carbono, sais minerais e vitaminas.

Façamos votos para que, o mais cedo possível, a merenda escolar, por determinação legal, seja servida em todos os estabelecimentos escolares, desempenhando o seu papel tão relevante em amenizar senão corrigir os principais erros da alimentação caseira.

O CHEFE

(Cont. da pág. 35)

antes que eu lhe dissesse qualquer palavra, êle entregou-me um documento que acabara de assinar.

Sem me atinar com a importância daquela cena, apanhei despreocupadamente o papel que êle me ofereceu.

— Senhorita, faça o favor de ler isto.

Trêmula, pensei que fôsse minha transferência, ou demissão. Afinal o homem era chefe e meu procedimento funcional era camufladamente irregular. Porém, logo nas primeiras palavras que li, compreendi que era dêle que se tratava. Fôra demitido do cargo de chefe e transferido para outro Departamento.

Fiquei atônita, sem saber o que dizer. Foi com uma atitude apatetada que lhe devolvi o papel. Olhei em redor. Todos tinham ido embora, exceto o servente que aguardava a nossa saída para fechar a sala.

Sabia que era preciso dizer alguma coisa, mas não encontrava palavras com que pudesse me expressar. Continuei parada, estática diante da mesa, pensando na atitude que deveria tomar. Se êle ao menos compreendesse a minha tortura e falasse, possìvelmente alguma coisa ficaria esclarecida. Mas o seu silêncio continuou imutável. Quase alheio à minha presença, guardou o documento na pasta, assinou o ponto e se despediu de mim. Nem ao menos me convidou para descermos juntos ao elevador.

Quando me refiz daquele torpor, compreendi que precisava sair. Fui a última a deixar a repartição. Usei o elevador de carga para não ser importunada por algum colega que tivesse ficado à espreita. Meu desejo era ficar só. Não queria falar de entrevista a ninguém. O sentimento de culpa começava a torturar-me.

Não deixava de ser um pouco de pretensão de minha parte, a suposição de que fôra eu a causa da demissão e transferência do antipatizado Hermínio. Mas de qualquer forma, o complexo de culpa não me deixava. Naquela tarde andei a êsmo pela cidade, atordoando-me entre a multidão que se deslocava dos escritórios em busca de condução. Felizmente, não encontrei ninguém conhecido. Eram quase 20 horas quando resolvi tomar o ônibus para casa.

Por coincidência trágica, partiu-se a barra de direção do veículo superlotado de passageiros! O carro precipitou-se sôbre o poste e conseqüentemente houve várias pessoas feridas. Dentre elas eu fui a de menos gravidade.

Fiquei licenciada alguns dias. Não assisti a entrega do cargo de Hermínio e cheguei a bendizer o desastre que me impedira o comparecimento à repartição. Teria sofrido muito se estivesse presente. Fôra melhor assim.

Coisa estranha se passava no meu íntimo depois de todos êstes acontecimentos. Meu ódio e antipatia contra o Hermínio se desvanecera por completo. Agora, tôda minha revolta era inspirada na censura ao meu procedimento. Como chegara a ser tão mesquinha contra quem na verdade nunca me fizera mal?

Todos os colegas vieram visitar-me, exceto êle. Não deixei transparecer o drama de arrependimento que estava vivendo. Ouvi o relato do que fôra a demissão. Cada qual teve uma frase chistosa para classificar a atitude ponderada do homem que perdera a questão. Cumprimentaram-me como vitoriosa e gracejaram bastante. Sorri-lhes para não parecer indelicada, mas dentro de mim reinava o maior desespêro que já sentira!... Assim que saíram, extravasei-me em lágrimas! Chorando, talvez encontrasse solução para o meu caso. Pois sofrendo daquela forma é que não poderia continuar. Tinha de tomar uma providência em meu próprio benefício.

Porém, neste mesmo dia, pouco antes de anoitecer, uma nova visita fôra introduzida no meu quarto. Apavorada de surprêsa e contentamento, ergui-me sôbre o braço engessado, soltando por isso um grito de dor! Êle amparou-me comovido e delicado, querendo saber se não me machucara. Mamãe ajeitou-me novamente e só então pude receber condignamente o meu ex-chefe.

Viera sòzinho por sua espontânea vontade. Ficara meio desajeitado, procurando palavras para justificar sua amável e caridosa visita. Mas esta confusão durou pouco. Tomei a iniciativa de falar. Não deixaria escapar a opor-

ACIDO URICO
REUMATISMO
ARTRITISMO
GOTA
LYTOPHAN

tunidade de me reabilitar perante minha vítima. — Confessei-lhe tôda trama que fizera para prejudicá-lo. Depois, pedi-lhe perdão. Estava arrependida e humilhada pelo que havia feito. O desastre do ônibus tinha sido um castigo do céu pela maldada praticada. Agora só esperava o seu perdão para oferecer-lhe a minha amizade.

— Não diga isso, Selma. Se sofri algumas decepções por sua causa, devo-lhe, no entanto, a ventura de haver conquistado uma amizade sincera que é mais importante que tôdas as ambições que tive até hoje.

Desnecessário será acrescentar que me casei com o Hermínio e êle voltou a ser chefe da repartição onde nos degladiamos antes de conhecermos o amor. Hoje, meu marido é estimado por todos os colegas, enquanto sua ex-adversária foi promovida a mãe de família, com todo prazer.

A INSATISFEITA

(Cont. da pág. 23)

possuirá. Mary me pertence! Fique sabendo, Leila!

Leila suspira.

— Oh! Por que os assuntos de amor vão sempre assim atrapalhados?

— Os meus irão retamente. — afirma Porter em tom cheio de ameaça — Não tenho a intenção de renunciar à luta, Leila.

Quando foram apanhar Mary e tia Isabelle, Mary insistiu que Leila conservasse o seu lugar ao lado de Porter.

— Estou muito cansada e não quero conversar — disse ela.

Porter, que tinha em mente o ponto estratégico de levá-las à casa de Colin, as conduz, porém, por várias direções, menos a que daria no estúdio do artista. Enfim, depois de voltas e mais voltas, dirigiu o carro através do parque que fazia face ao apartamento de Colin Quale.

— Já viram o retrato de Delilah? — pergunta êle.

Era claro que nenhuma delas já o havia visto, e êle bem o sabia.

— Se Colin estiver em casa, por que não pararmos um pouco?

Todos ficaram de acôrdo e encontraram em casa Delilah e seu pai. A noite estava muito quente. A sala estava fracamente iluminada por uma lâmpada de prata. Da penumbra, surgiu Delilah.

— Colin foi telefonar para que nos mandem limonada e bolos — diz ela — Dentro em pouco está de volta.

— Viemos ver o seu retrato — diz Mary.

— Êle está em vésperas de pintar-me novamente — diz Delilah — assim num plenilúnio como êste.

Sentou-se à borda da grande janela aberta, derramando-se por detrás dela a bruma prateada da noite radiosa. Seu vestido era de tecido branco e ligeiro, sem nenhum ornamento. Colin, que entrava, colocou apressadamente a bandeja que trazia e se precipita para mudar a posição da cabeça de Delilah.

— Vai ser difícil obter exatamente o efeito que eu procuro. — diz êle — Não é preciso que seja um conjunto forte de branco e prêto, mas algo de muito luminoso.

— Eu desejava que você mostrasse aquêle outro retrato — diz Porter.

Colin iluminou o ambiente.

— Jamais farei outro retrato melhor do que êste — diz êle.

— E' êste que lhe agrada? — Pergunta Delilah a Mary — Foi êste o vestido que usei no "garden party".

— Eu o acho perfeito. — diz Mary — Mas não é sòmente o vestido, Delilah. E' você. Está radiosa, como se esperasse tudo da vida!

— E isto é a mais pura verdade. Tudo espero da vida!

— E você o obterá. — declara Colin. Não terá que esperar que lhe dêem. E' só procurar e colhêr.

Os olhos de Porter passearam pelo ambiente como que em busca de algo.

— Diga-me, Colin, não seria aborrecê-lo se eu pedisse que você nos trouxesse para mostrar-nos aquêle retrato gênero Botticelli, bem como o outro, o angélico? Êles mostram muito bem o seu talento eclético.

Colin pareceu hesitar.

— Êles apresentam pouco interêsse ao lado desta tela!

Mas Porter insiste.

— Êles são muito interessantes. Vá buscá-los, Colin, por obséquio.

Colin não quis fazer-se de rogado e trouxe os dois quadros: um, o da dama magra, de rosto comprido, e o da visão celeste vestida de vermelho. Foi a esta última que os visitantes deram maior atenção.

— Como é adorável, e como parece cheia de doçura!

Delilah, porém, olhando mais atentamente, não foi da mesma opinião.

— Não penso assim. Certas mulheres que apresentam êsse rostinho, não passam de pequeninos demônios. Você nunca me mostrara êsse, Colin, não é verdade? E quem é ela?

Colin deu uma resposta evasiva.

(Continua na página seguinte)

AMARALINA

(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)

JÁ SE ENCONTRA À VENDA EM TÔDAS AS FARMÁCIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS. SE, ENTRETANTO, NÃO EXISTE NA SUA CIDADE, NÃO PERCA TEMPO PEDINDO IMEDIATAMENTE PELO REEMBÔLSO POSTAL.

O PREÇO DE "AMARALINA" É, EM QUALQUER PARTE DO BRASIL, DE CR$ 35,00 E PELO REEMBÔLSO POSTAL CUSTA CR$ 45,00, LIVRE DE PORTE.

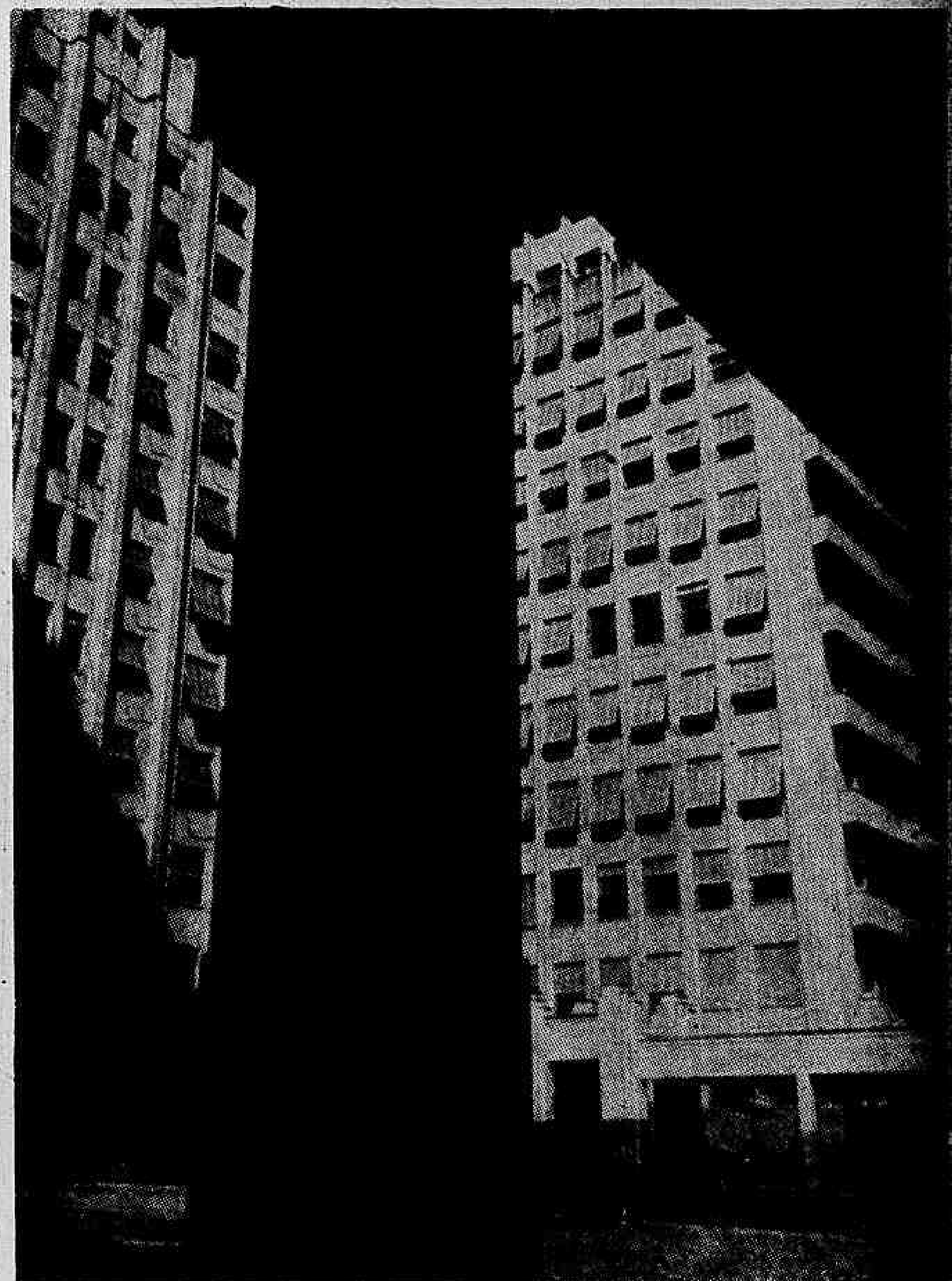
"AMARALINA", CERTEZA ABSOLUTA DE QUE OS CABELOS TORNARÃO A NASCER. NA PARALISAÇÃO DA QUEDA DE CABELOS É FRANCAMENTE EXTRAORDINÁRIO ÊSTE PRODUTO DESCOBERTO POR BRASILEIRO E FABRICADO COM ERVA NACIONAL. CENTENAS DE PESSOAS ATESTAM SUAS NUNCA IGUALADAS QUALIDADES.

Pedidos a **M. M. BURLE & CIA. LTDA.**

AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616.

OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309

HOSPITAL DOS SERVIDORES DO ESTAD



ESTABELECIMENTO modelar, o H. S. E., que pelo seu elevado padr técnico desfruta de conceito internacional, realiza uma obra de assistên médico-hospitalar ao nível das mais adiantadas instalações congêneres do mu

Visitantes eminentes, renomados cientistas estrangeiros têm admirado o dernissimo aparelhamento do grande centro de clínicas do IPASE e exalta sobretudo, o seu elevado índice de aproveitamento técnico, comprovado por dad estatísticos. O H. S. E. guarda um acervo invejável de depoimentos, emana de vozes autorizadas da ciência mundial, sôbre o aprimoramento de sua orga zação e esta circunstância, só por si, faz dêle um justo motivo de orgulho p o Instituto e de honra para o nosso País.

Todos os cuidados necessários à preservação dêsse custoso patrimônio manutenção do seu padrão de cultura científica foram dispensados por Presidência no curso do exercício findo, sendo de salientar as providências ordem administrativa visando à ampliação da capacidade do Hospital, face vultoso acréscimo de segurados que a êle recorrem.

Na oportunidade, vale salientar que em 1951 atingiu a expressiva cifra cem mil o número de servidores públicos e decorrentes beneficiários inscr para a assistência hospitalar e ambulatorial no H. S. E., com quatro ano poucos meses, apenas, de funcionamento.

Do ponto de vista do Estado, encarado o interêsse econômico da Admini ção, pode-se ter uma idéia do esfôrço de recuperação, para o serviço públ de milhares de servidores restituídos à sua plena capacidade de trabalho. tras reflexões, entretanto, cabem ainda à margem daquela elevada cifra segurados e beneficiários inscritos no H. S.E.

A assistência médico-hospitalar custa ao IPASE esforços que sobrepuja sua própria capacidade orçamentária. O desconto de 5% nos vencimentos funcionalismo não se destina, como se sabe, a essa modalidade de assistên e a lei estipula para o aludido desconto uma finalidade específica: a previdê social, representada na concessão de pensões e de pecúlios aos depend de segurados em caso de morte.

A assistência médico-hospitalar do IPASE decorre, em boa parte, da per tagem da arrecadação do sêlo de educação e saúde, para êsse fim entregue Instituto. Mas essa contribuição cobre apenas 50% dos gastos assistencia circunstância que tem concorrido para impedir a desejada ampliação serviços.

Não obstante, a atual Administração, dentro das suas possibilidades financei não tem limitado as providências tendentes a ampliar a capacidade do Hospi hoje pequeno para atender ao volume de segurados e beneficiários obrigató

Enfrentando o problema, a direção do H. S. E., deu início, em 1951, a diver obras, algumas de vulto, outras mais simples, no sentido de desafogar o es belecimento da falta de espaço.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — EM HONRA A QUE DEUS EGÍPCIO FOI ERIGIDA A ESFINGE:
— Ao deus-sol Ra?
— A Osíris?
— A Íris?

2 — QUEM FOI QUE ORGANIZOU A CRUZADA DAS 30 MIL CRIANÇAS:
— O Papa Urbano II?
— Um menino pastor chamado Estevão?
— Um monge?

3 — QUAL O NAVEGADOR QUE DEU O NOME DE CABO DA BOA ESPERANÇA AO QUE FICA NO EXTREMO SUL DA AFRICA:
— Bartolomeu Dias?
— Vasco da Gama?
— Américo Vespúcio?

4 — QUANDO FERNANDO CORTEZ REGRESSOU À ESPANHA DEPOIS DE TER ENRIQUECIDO O SEU SOBERANO, QUE RECOMPENSA RECEBEU DE CARLOS V:
— O título de Conde?
— O de governador geral das terras descobertas?
— Foi expulso do palácio?

5 — QUE QUER DIZER «HARA-KIRI», ENTRE OS JAPONESES:
— Suicídio pela abertura do ventre a arma branca?
— O nome de uma canção?
— Uma árvore?

6 — QUANTAS MILHAS TEM A FAMOSA MURALHA DA CHINA:
— 2.600?
— 1.500?
— 5.000?

7 — QUAL DÊSTES PAÍSES O PRIMEIRO A INSTITUIR UM REGIME SOCIALISTA:
— A China?
— A Rússia?
— A França?

8 — EM QUE DATA EXPLODIU A SEGUNDA GRANDE GUERRA:
— A 30 de junho de 1914?
— A 1º de setembro de 1939?
— A 11 de novembro de 1938?

9 — QUAL ERA A PROFISSÃO DE GANDHI:
— Engenheiro?
— Medicina?
— Advocacia?

10 — QUE SIGNIFICA EM HINDU A PALAVRA «MAHATMA»:
— Grande alma?
— General?
— Advogado?

11 — QUA A MULHER QUE É CONSIDERADA A MAIOR LÍRICA DO MUNDO:
— Cleópatra?
— Safo?
— Teodora?

12 — QUAL O MOTIVO POR QUE CLOPATRA SE MATOU:
— Ciúmes de Marco Antônio?
— Desgostosa com o irmão?
— Para não cair prisioneira de Otávio?

13 — COM QUE IDADE MARIA STUART RAINHA DA ESCÓCIA, FICOU NOIVA DE EDUARDO DA INGLATERRA:
— Com um ano?
— Com 15 anos?
— Aos 12?

14 — QUAL A TRIBO INDÍGENA QUE DOMINAVA PERNAMBUCO AO TEMPO DA COLONIZAÇÃO:
— Guaicuru?
— Tabajara?
— Caeté?

15 — QUAL O POETA BRASILEIRO QUE ESCREVEU O POEMA «O CAÇADOR DE ESMERALDAS», GLORIFICANDO OS FEITOS BANDEIRANTES:
— Olavo Bilac?
— Castro Alves?
— Alberto de Oliveira?

(Respostas na página 49)

A INSATISFEITA

(Continuação da página anterior)

— Uma pessoa a quem conheci já lá vai muito tempo.

Porter sentiu um pequeno choque íntimo ao imaginar que o artista louro estava a fazer-se de gentleman. Com certeza não quereria divulgar a todos os presentes a confidência que lhe transmitira antes, a sós. Mas os sentimentos de Porter eram naquele instante, completamente primitivos. Êle tinha vontade de gritar para que todo mundo o ouvisse: "Isto é o retrato da mulher de Roger Poole. Olhai-o bem e vêde se foi ela a causadora de sua própria desgraça"!

Mas Porter se conteve. Quedou-se silencioso e prestou atenção a Mary que continuava a observar a tela.

— Não vejo por que motivo, Delilah, acha você que ela não é como uma santa. Pois eu estou convencida de que um rosto daquele é o de uma pureza sincera.

Porter sentiu o coração bater. Tempo viria em que êle poderia dizer-lhe que o retrato da "pureza sincera" era o da mulher de Roger. E então...

Colin apagou, novamente, as lâmpadas. Todos se sentaram à penumbra e passaram a tomar refrescos com os excelentes doces que eram uma especialidade da confeitaria da esquina.

— Dentro de uma semana — diz Delilah — estaremos muito longe daqui. Às vêzes pergunto a mim mesma por que somos tão loucos. Se não fôsse pelo hábito, seria muito mais confortável ficar em casa.

— Eu ficarei em casa; — diz Mary — não tenho ainda direito a férias.

— Não sente tédio com isso? — Indaga Lella com inesperada franqueza.

(Continua no próximo número)

O BOM MOÇO MIGUEL

(Cont. da pág. 16)

uma visita constante em Bramshill. Ela sempre desempenhou junto ao filho o papel de conselheira e amiga.

Miguel e Ana têm a paixão do tiro e são ambos excelentes atiradores. Suas horas de folga são geralmente ocupadas na prática dêsse esporte.

Êsse rei, que é um bom moço, não pensa mais em política mas é um príncipe atento aos destinos de seu país, sôbre o qual voltará talvez um dia a reinar, depois de haver levado a vida de um homem comum. Voltará o bom moço Miguel a cingir a coroa? (Fotos Keystone).

AO PÚBLICO

O sr. Oswaldo de Castro Oliveira, que se tem apresentado como agente desta revista no interior de Minas e Bahia, não é e nunca foi nosso representante.

CORPO ESBELTO E FACEIRO

VINHO CHICO MINEIRO
Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL
que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.
À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT
Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, tornando-a lisa, macia, aveludada, eliminando o cheiro desagradável do suor.
Rua Direita, 191 — 6º andar
(Exigir a marca BISCUIT)
das, manchas, panos e cravos,
M U L T I F A R M A
Remessas pelo Reembôlso
SÃO PAULO

O preço desta revista é o que está marcado na capa. Os agentes recebem com desconto para que o preço seja respeitado.

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME .... Nº ....
RUA ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 60,00

GRANADO

ÁGUA INGLÊSA GRANADO



Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITIVA NAS CONVALESCENÇAS

UM CAVAQUINHO...

(Cont. da pág. 14)

conseguir acertar tudo, espero ganhar um milhão de cruzeiros nessa temporada. Depois, estudarei outra proposta que tenho para ir aos Estados Unidos. Quando regressar, não pensarei mais em excursões ao exterior, pois terei garantido o meu futuro e o dos que me são mais caros — e apontou para Miriam e Marly, suas filhinhas, e D. Olinda, sua espôsa.

E, sorrindo, finalizou:

— Mesmo porque, nessa altura, o "Delicado", que já me deu um apartamento no Grajaú, uma casa no Meyer e um automóvel, estará fora da moda...

Respostas ao teste

1—Ao deus-sol Ra
2—Um menino pastor de nome Estevão
3—Bartolomeu Dias
4—Foi expulso do palácio
5—Suicídio pela abertura do ventre a arma branca
6—1.500
7—A China (Imperador Wu Ti, um século antes de Cristo)
8—1º de setembro de 1939
9—Advocacia (formado pela Universidade de Oxford)
10—Grande Alma
11—Safo
12—Para não cair prisioneira de Otávio
13—Com um ano de idade
14—Tabajara
15—Olavo Bilac

AO PÚBLICO

O sr. Oswaldo de Castro Oliveira, que se tem apresentado como agente desta revista no interior de Minas e Bahia, não é e nunca foi nosso representante.

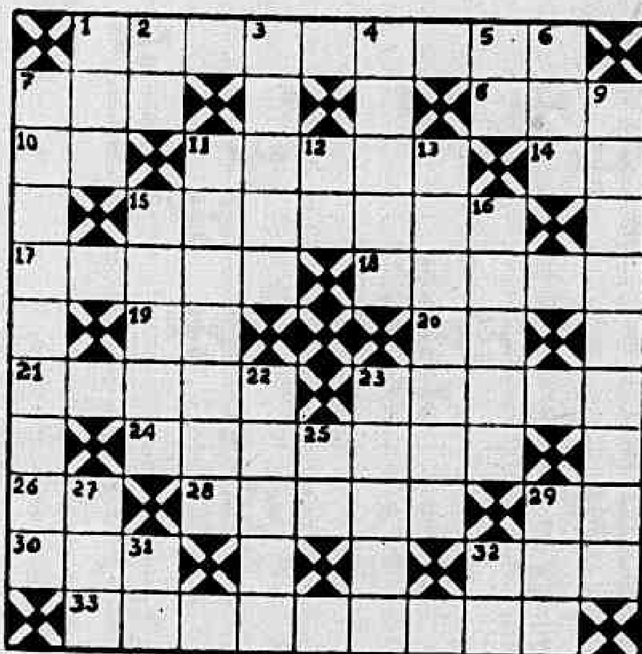
O preço desta revista é o que está marcado na capa. Os agentes recebem com desconto para que o preço seja respeitado.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. — Cartas: Avenida Rio Branco, 117 — Sala 305, para remessa do programa.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema Nº. 100 para Veteranos



HORIZONTAIS: — 1. Escaninho — 7. Fiel escravo de Camões — 8. Indignação — 10. Desinência verbal — 11 — Madrinha — 14. Pai de Hupim e Supim — 15. Pé de verso grego composto de uma sílaba longa e duas breves — 17. Escudo — 18. Anarquia — 19. Ilha da França — 20. Sufixo designativo de função — 21. Projeto — 23. Divide em dois — 24. Iguaias — 26. 5ª letra do alfabeto hebráico — 28. Tomar ar — 29. 31ª letra do alfabeto russo — 30. Antiga moeda da Holanda — 32. Cidade da Alemanha — 33. Que gosta de muita fruta.

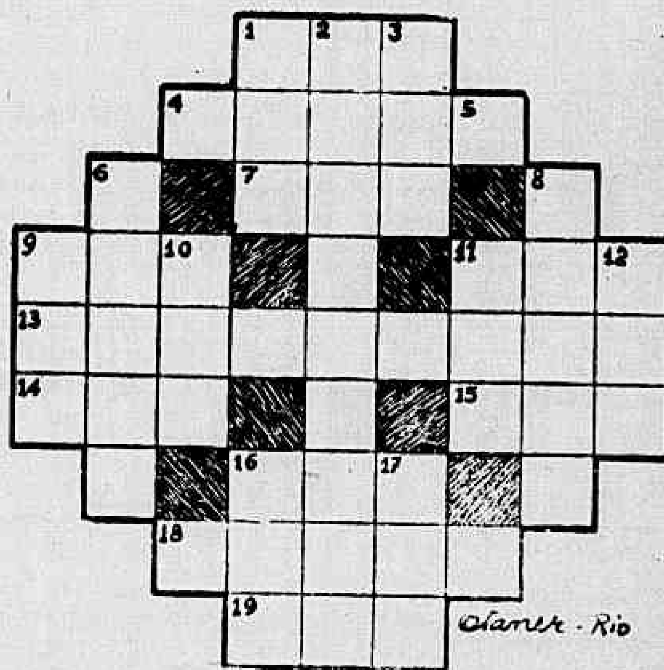
VERTICAIS: — 1. Desinência verbal — 2. Oceano superior na mitologia egípcia — 3. Impedimento — 4. O ar puro — 5. Planta da família das Liliáceas — 6. Nome de homem — 7. Capote sem mangas, com cabeção e pouca roda — 9. Encheram a desbordar — 11. Mulher sujeita a ataques — 12. Símbolo do nitônio — 13. Fazer algazarra — 15. Afirmarei — 16. Bicho papão (pl.) — 22. Acarícia — 23. Arbusto da Índia — 25. Divindade greco-romana — 27. 18ª letra do alfabeto gótico — 29. Avô de Príamo — 31. Cabilda de mouro — 32. Pai de Elifal, um dos 30 chefes que apoiaram Davi.

*

Problema N. 100 para Novatos

HORIZONTAIS: — 1. Retira-se — 4. Sugar — 7. Pêlo de carneiro (pl.) — 9. Caminho 11. Camareiro — 13. Amar com idolatria — 14. Porém, todavia — 15. Argola — 16. "A casa — 18. Capital de país europeu — 19. Título abissínio.

VERTICAIE: — 1. Condimento — 2. Enchera de mataduras um animal — 3. Seguias — 6. Transferir — 8. Remara para trás — Víscera dupla — 10. Contração (pl.) — 11. Pedra do altar — 12. Rezo — 16. A família 17. Escarnes.



SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 99 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Apo — Bró — Saudade — Om — Laico — Ba — Ol — Irá — Da — Rin — Cal — Atim — Lama — Tam — Lar — Or — Gré — Si — As — Areca — Al — Araiaué — Paz — Upá.

VERTICAIS: — Avo — Os — Bé — Oca — Al — Uai — Diro — Aca — Dó — Moratos — Balaria — Litar — Damas — Nim — Cal — Grei — Grã — Eca — Alp — Ar — Au — Lua — Az — Eu.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Ara — Lua — Ria — Ai — Mó — Raiva — Má — Rã — Pai — Ura — Rua.

VERTICAIS: — Ama — Ar — Lá — Aro — Imita — Ira — Mar — Mau — Ala — Pá — Ir.

Colaboração e correspondência para: »REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.

BANCO DO BRASIL S. A.

Sede — Distrito Federal — Rua 1.º de Março n.º 66

Tôdas as operações bancárias
Máxima garantia a seus depositantes
Nova tabela de juros para as contas de depósitos

DEPÓSITOS POPULARES .... 5 %

Juros anuais, capitalizados semestralmente. Retiradas livres. Limite de Cr$ 10.000,00. Depósitos mínimos de Cr$ 50,00. Cheques do valor mínimo de Cr$ 20,00. Não rendem juros os saldos inferiores a Cr$ 50,00, os saldos excedentes ao limite e as contas encerradas antes de 60 dias da data da abertura.

DEPÓSITOS LIMITADOS — Limite de Cr$ 100.000,00 .... 4 1/2 %
Limite de Cr$ 200.000,00 .... 4 %
Limite de Cr$ 500.000,00 .... 3 1/2 %

Juros anuais, capitalizados semestralmente. Retiradas livres. Depósitos mínimos de Cr$ 200,00. Cheques do valor mínimo de Cr$ 50,00. Não rendem juros os saldos inferiores a Cr$ 200,00, os saldos excedentes aos limites e as contas encerradas antes de 60 dias da data da abertura.

DEPÓSITOS SEM LIMITE .... 2 %

Juros anuais, capitalizados semestralmente. Retiradas livres. Depósito inicial mínimo a partir de Cr$ 1.000,00. Não rendem juros os saldos inferiores a Cr$ 1.000,00, nem as contas encerradas antes de 60 dias da data da abertura. *Melhores taxas de juros para as contas de depósitos não inferiores a Cr$ 1.000.000,00.*

DEPÓSITOS DE AVISO PRÉVIO

Retirada mediante aviso prévio de 60 dias .... 4 %
Retirada mediante aviso prévio de 90 dias .... 4 1/2 %

Juros anuais, capitalizados semestralmente. Depósito inicial mínimo a partir de Cr$ 1.000,00. Sem limite os depósitos posteriores e as retiradas. Não rendem juros os saldos inferiores a Cr$ 1.000,00.

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO

Por 12 meses .... 5 %
Por 12 meses, com retirada mensal da renda .... 4 1/2 %

Juros anuais. Depósito mínimo de Cr$ 1.000,00. *Melhores taxas de juros para os depósitos por prazo superior a 12 meses.*

LETRAS A PRÊMIO

De prazo de 12 meses .... 5 %

Juros anuais. Depósito mínimo de Cr$ 1.000,00. Letras nominativas, com os juros incluídos, seladas proporcionalmente. *Melhores taxas de juros para as letras de prazo superior a 12 meses.*

O BANCO DO BRASIL S. A. tem Agências nas principais cidades do país e duas no exterior, para tôdas as operações bancárias, inclusive o recebimento de depósitos.

No DISTRITO FEDERAL, estão em funcionamento — além da AGÊNCIA CENTRAL, à Rua 1.º de Março n.º 66 — as seguintes AGÊNCIAS METROPOLITANAS:

Agências Metropolitanas		Localizações
Bandeira	—	Rua Mariz e Barros n.º 44
Bangu	—	Av. Santa Cruz n.º 1.697
Botafogo	—	Rua Voluntários da Pátria n.º 449
Campo Grande	—	Rua Campo Grande n.º 162
Copacabana	—	Av. N. S. de Copacabana nº 1.292, loja
Glória	—	Rua do Catete nº 238-A
Madureira	—	Rua Carvalho de Souza n.º 299
Méier	—	Av. Amaro Cavalcanti n.º 95
Ramos	—	Rua Leopoldina Rêgo n.º 78
São Cristóvão	—	Rua Figueira de Melo n.º 360
Saúde	—	Rua Livramento n.º 63
Tijuca	—	Rua General Roca n.º 661
Tiradentes	—	Av. Gomes Freire n.º 196.

A REVISTA Há 50 Anos

20 de abril de 1902

CRÔNICA

MINHA senhora: Não sei quem é nem devo procurar sabê-lo. Escreve ao cronista uma carta interessante, digna de resposta e tanto basta para que o cronista lhe responda. Nem preciso vê-la para adivinhar-lhe a estirpe, as relações, os hábitos, as toilettes. E' formosa — há tantas mulheres formosas no Rio! E' elegante: o papel que usa na sua correspondência a denuncia. Teve uma educação completa: basta analisar essa impecável caligrafia inglêsa. E' altiva e só compreende a obediência cega: a que não discute a razão... nem o capricho. Nos Estados Unidos seria uma das "quatrocentas", de Nova York; em França pertenceria ao "Tout Paris"; aqui faz parte do grupo das mulheres invejadas. E' a mesma coisa sem a impertinência barulhenta e irritante do qualificativo especial.

Lamenta a corrente feminista contemporânea. Quer a mulher triunfando exclusivamente pela formidável fraqueza dos seus encantos. Nesse terreno é dogmática, inteiriça, inflexível. A sua fórmula é de bronze massiço, sem elasticidade, sem um veio, sem uma falha. Vê-se que é uma experiente e uma vitoriosa. A sua carteirinha de velhos fechos de prata lavrada — um mimo de bom gôsto e joalheria artística — só registra triunfos. À sua voz, aos seus gesto, ao seu olhar — sobretudo ao seu olhar! — ninguém ainda ousou resistir e o coração mais forte, a alma mais enérgica, a vontade mais firme, sucumbem diante da sugestão dessa beleza e dêsse encanto triunfais.

O artista, senhora, não duvidaria subscrever sem condições essa homenagem panteísta, se apenas êle estivesse em jôgo. O culto das deusas, ainda as mais mitológicas e pagãs, vem desde a Helada de mel e ouro, através dos tempos e das civilizações, como uma devoção do gôsto, como um corretivo aos desvios do paladar. Mas, ai de nós! que não nos consente o público essa existência contemplativa, tôda para regalo das nossas requintadas personalidades! Êle quer mais, ou antes, quer coisa bem diferente,e convidando-nos a descair os olhos do alabastro puríssimo chama-nos à vida terrena, banal, comezinha, de todos os dias, à massa ululante em busca do pão, do teto e do lar.

A vossa fórmula, pois, senhora, tem o defeito de ser excessivamente pessoal e, quando o não seja, de compreender apenas uma casta limitada, perdida, absorvida, sufocada em ambiente tenebroso onde a tragédia é mais freqüente do que pensais. Os encantos... as graças do vosso sexo! São tão poucas as que conseguem triunfar só porque as dotou a sorte com tais predicados! Nem o comum dos homens dá por êles senão quando sublinhando qualidades que a moral, a velha moral dificilmente sancionaria. E as feias, e as humildes, e as recatadas, e as modestas?... Há tanta beleza desprezada só porque não soube lançar-se... tanta fealdade cuja alma encerra tesouros de bondade e de ternura! E não têm essas também direito à vida, ao respeito, à veneração dos homens? E se êstes as abandonam, se junto dêles passam despercebidas, por que não hão de conquistar pelo próprio esfôrço a parte de felicidade que nos caberia levar-lhes?...

Não, não tendes razão, senhora. Viveis num pedestal onde não chegam o eco dos soluços e os salpicos do sangue inocente derramado pelo desespêro. E quanto desespêro vai por êsse Rio, Santo Deus!

JACQUES BONHOMME



Pique-nique na praia da Jurujuba, pelos banhistas do C. R. Boqueirão do Passeio.

— Que idade tem a senhora?

— Já fiz vinte anos.

— Precise mais.

— Estou entre os vinte e os trinta.

— Mas, quando é que faz trinta?

— Amanhã.

★

CORREIO DA REVISTA

BÔA VIAGEM (Ceará), 22 de março de 1952.

Sr. Diretor da REVISTA DA SEMANA:

Li, na edição de 26 de janeiro último, de "Revista da Semana", que obedece à inteligente orientação de V. S., uma notícia que, pela sua absoluta improcedência, merece sua valiosa atenção, a fim de que seja, em tempo, esclerecida ou retificada.

Trata-se da croniqueta intitulada "Um milagre", inserta na seção "Tudo isto aconteceu", daquele mensário.

Nela, o repórter, — sem dúvida que de boa fé — refere a história de que o vigário desta paróquia, o Revmo. Pe. Alberto de Oliveira, ludibriando o seu povo com o caso da imagem da Virgem que se movimentava e falava aos fiéis, dentro da igreja, conseguiu angariar a importância de onze mil cruzeiros. com a qual adquiriu um "jeep", para os seus trabalhos paroquiais.

Ora, senhor diretor, o fato não se passou da maneira relatada pelo dígno jornalista.

Realmente, dado a grande extensão de nosso município, o vigário comprou um "jeep", com o objetivo de encurtar as longas distâncias e atender, mais prontamente, aos seus paroquianos, — muitos dêles, já, nos estertores da morte.

Assim, foi, que, em abril do ano p. passado, padre Alberto adquiriu um "Wills", à custa, porém, não de esmolas, mas, de um empréstimo contraído entre amigos seus, residentes nesta cidade, cuja relação nominal submeto à apreciação de V.S., para os fins que lhe convierem: Antenor Gomes de Barros Leal, farmacêutico; dr. Oscar Falcão de Almeida, dentista; Aloísio Ximenes de Aragão, Prefeito Municipal; e, ainda os seguintes, todos comerciantes: Manuel Araújo Marinho, Delfino Alencar Araújo, José Bezerra do Vale, Antônio Tupinambá, Francisco Cavalcante de Souza, José Cândido de Carvalho, Clóvis Leitão, Teófilo Amaro de Oliveira, Ataciso Cavalcante Mota, Walkmar Brasil Santos, João Abreu Lima e Deoclécio Ramalho.

Quanto à versão os supostos milagres da imagem, há a considerar o seguinte: em outubro de 1951, um grupo de leigos, tendo à frente a Primeira Tabeliã Pública da comarca, senhorita Edite Carvalho, e a professôra pública Ana Dalva de Oliveira, organizou, no povoado de "Águas Belas", neste município, durante uma festinha do santo padroeiro, dois "quadros vivos", constituidos de um rapaz e uma moça, o primeiro, representando São Francisco e a outra, Santa Terezinha. O povo que não ignorava o verdadeiro sentido da "representação", pagava conscientemente, para ver e admirar os chamados "quadros vivos", que êle sabia representarem, como já se disse, S. Francisco e Santa Terezinha.

Convém ressaltar, todavia, que a finalidade daquela encenação não consistia em obter donativos para a aquisição do "jeep", refletindo, pelo contrário, um interêsse completamente diverso, qual seja, o de ajudar a construção da capelinha de "Águas Belas".

Tal festividades, — é conveniente ainda salientar — rendeu a irrisória quantia de cento e oitenta cruzeiros...

Os fatos que acabo de narrar poderão ser comprovados, a qualquer momento, e por quem quer que seja, invocando eu, para isso, o testemunho das pessoas por mim acima referidas.

Considerando, dessarte, altamente injuriosa à pessoa e à dignidade sacerdotal de padre Alberto, a notícia estampada sôbre êle por essa revista, espero e confio que V. S. providencie, como medida da mais alta justiça, a retificação ou esclarecimento da "nota" já referida, a fim de que "Revista da Semana" não desmereça o alto conceito que desfruta, não sòmente no sul do país, como, também, neste pedaço glorioso do nordeste brasileiro, onde vive e palpita a alma forte do nosso povo.

Confesso-me antecipadamente agradecido e lhe formulo os melhores votos de felicidade.

Cordialmente.

Francisco Barros Fontenele, Juiz de Direito.
(Firma reconhecida).

Loiva Leiria Borba — S. Leopoldo — R. G. do Sul — O seu conto "Segrêdo de Lídia" saiu em nossa edição nº 46. Quanto ao "Horas Vazias", saiu na edição de 17 de novembro. O "Sem Pecado" já está com os ilustradores.

H. F. — Rio — Não se presta para conto numa revista como esta o tema que nos mandou. Os contos políticos não se adaptam à "REVISTA DA SEMANA". Mande outra coisa.

Maria Real — S. Paulo — Muito bem imaginado o seu conto "A floresta dos amores": mas a senhorita se esqueceu de passar uma vista de olhos nos originais e retirar dos mesmos os êrros de português de que estão repletos. Por isso não foi possível aprová-lo.

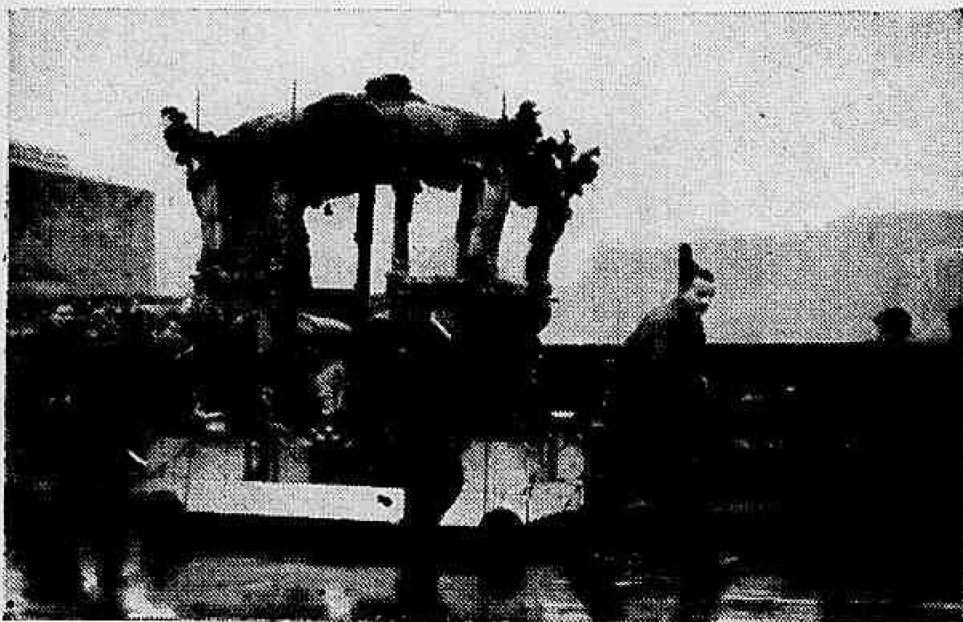
J. L. de M. — Recife — Não pôde ser aprovado o seu conto para S. João. O tema está exploradíssimo e o que o amigo nos diz não traz nada de novo, ou interessante. Não basta encher de palavras umas tiras de papel, dar-lhe o nome de conto e mandar para a imprensa. E' necessário que haja qualquer coisa boa, literàriamente falando.

F. de A. — Rio — Vamos examinar o seu caso. Voltaremos depois.

G. R. — Rio — Muito curtinho o que nos mandou. E mal escrito.

P. E. — Rio — Sua composição literária é mais crônica do que conto. Como já temos quadro de redatores para êsse gênero jornalistico, não foi possivel aproveitar o que nos escreveu. Além do mais, seu português está muito ruizinho...

Depois de cem anos



ESTA é a carruagem do Presidente da Câmara de Greenyard, Inglaterra, e que vai sendo levada para reparos e pinturas. Estêve a descansar durante um século em seu «chassis», mas, como tôdas as coisas fungíveis, a luxuosa carruagem também se viu atingida pela mão deformadora do tempo. E as autoridades responsáveis pela conservação de relíquias do Império de S. Majestade Britânica deram ordens para que o «coach» fôsse levado a operários e artistas a fim de que os traços da ação dos anos desaparecessem e o veículo voltasse à sua velha forma.

Três esgrimistas exímias



OS inglêses gostam do florete, e, embora já ninguém decida os casos de honra na ponta das espadas em duelos de morte, são muito numerosos os clubes de esportes dessa espécie na terra de Mr. Churchill. Mas não apenas os homens. As mulheres são afeiçoadas à esgrima, cujos movimentos rítmicos lhes dão flexibilidade física e muita graça de atitudes. A primeira à esquerda, com um sorriso encantador, é miss Gillian Sheen, campeã nos dois últimos anos e vencedora da taça Desprez. Como vemos, os jovens britânicos que se acautelem com elas...

Tudo isto

Um caso singular

NÃO há quem pague impostos como se estivesse pagando uma passagem de turismo. O estado precisa de dinheiro para fazer face às suas obrigações e compromissos administrativos. O Estado no sentido geral de nação, pois o que se observa é que o impôsto começa no município, chega ao Estado ou Província e acaba no Tesouro Federal, ou da União. Há, pois, três origens para receber impostos, cada qual mais exigente e aperfeiçoada, sendo que, muitas vêzes, o contribuinte paga duplamente. Mas, se não fôr o impôsto, como podem as instituições político-administrativas viver e manter-se? O funcionalismo público é grande e indispensável à máquina burocrática; há uma série enorme de funções públicas com exercício estabelecido na defesa do povo; a instrução pública é gratuita e para sua manutenção e custeio precisam os cofres municipais, estaduais e federais receber impostos, há serviços de assistência, de saúde, de higiene, de maternidade, etc., que custam muito dinheiro. Estradas, ruas, praças, tudo necessita de permanente fiscalização, reparo, reconstruções, aberturas, alargamentos, etc., e isso é produto de impostos. Mas, verdade seja dita, quem é que os paga alegremente? Pois se deu agora, lá no Canadá, êste episódio inédito: O governador geral daquele domínio britânico, por lei não paga impôsto. Mas o general Vincent Massey, investido recentemente de tais funfões, quer pagar impostos e já providenciou para que o Parlamento Canadense abrogue a lei que isenta os Governadores Gerais de Tributos. Talvez, quem sabe? Seja salutar exemplo para todos os habitantes daquele país.



Amor não se impõe

ÊSTE fato se passou no Maranhão, a bela terra que tem palmeiras onde canta o sabiá, nos versos do imortal Gonçalves Dias. Tomaz de Souza era um rapaz namorador, como qualquer outro lá de S. Luís. Enamorou-se de Teresinha, linda menina de bons costumes e que daria excelente espôsa. Os dois se entregavam aos devaneios de um noivado que despertava inveja de quantas mocinhas também desejavam encontrar o seu Príncipe Encantado. E um dia chegou a vez de serem amarrados pelos laços nupciais diante do Juiz. Feito o cortejo, o Juiz interrogou-os, recebendo a resposta sempre esperada: Sim — Sim. Mas, apenas do "sim" pronunciado pelo noivo, êle não estava sendo sincero. No íntimo dizia "não", um "NÃO" dêste tamanho. E sucedeu esta cena absolutamente inesperada: terminado o ato solene, saiu portas fora o noivo, em desabalada carreira, deixando noiva, padrinho, Juiz e convidados perplexos, sem qualquer ação diante de tal procedimento. Mas, um pouco adiante, foi detido. Trazido a fôrça para diante do Juiz Walfredo Lira, o fujão, ofegante, pálido de emoção, declarou: "Casei-me forçado, porém com ela não viverei !" Teresinha não quis mais ouvir nada. Deixou o Tribunal, lavada em lágrimas, sendo consolada pelos pais e testemunhas. E agora? Anulação do casamento? Ou o rapaz terá que responder a inquérito a fim de explicar melhor as razões de seu gesto insólito? Uma coisa, leitor, se apura dêsse episódio triste. E' que em matéria de casamento quem deve mesmo falar é o Amor. Se êste anda vasqueiro, fingindo uma coisa que não é, o melhor é não persistir no êrro. Tomaz de Souza tem lá seus sofrimentos morais. E um casamento é coisa muito séria...



O cadáver 57

O dia 4 de março foi um dos mais fatídicos para o Distrito Federal, marcando aquela catástrofe ferroviária de Anchieta. As cenas que se seguiram ao mais lutuoso acontecimento dêstes últimos anos, foram dolorosas, capazes de fazer chorar um rochedo. A seguir, autoridades e almas caridosas procuram aliviar a situação das famílias dos mortos e proteger os feridos, socorrendo-os com transfusão de sangue e hospitalização imediata. Há na imprensa um movimento de solidariedade dos mais simpáticos e emocionantes, cujo total já beira a casa dos cem contos de réis. Até onde irá? A duzentos? A quinhentos? A mil? Não é possível saber. Mas, tendo-se em vista que foram setenta e dois os mortos daquele horrendo desastre, devemos calcular que, pelo menos, mais de metade tenha sido de pessoas com responsabilidades de família. Tratava-se de operários, inferiores de nossas fôrças armadas, de mulheres trabalhadoras. As pessoas que ficam na miséria, sem o menor amparo, devem ser em número muito maior do que o das vítimas da carnificina. Ora, se a subscrição popular aberta pelo "Diário de Notícias" não for além de cem mil cruzeiros chegamos à triste realidade de ver tocar menos de um conto de réis para cada prejudicado. E' urgente, pois que a Central do Brasil indenize os desgraçados. Mas, por último, urge agora um novo ponto de emoção em tôrno da catástrofe: quem será o cadáver 57, ainda na geladeira do necrotério? Tôdas as vítimas já foram sepultadas. Menos o corpo 57, jovem de 20 anos presumível, côr parda, calçando sapatos marron. E já vai para um mês que alí está sem uma lágrima de piedade.



Aconteceu

O padre declarou



NADA mais fácil de matar um cidadão, especialmente já idoso ou pobre, do que vir entrar-lhe pelo tugurio a dentro a Deusa da sorte e dizer-lhe, estendendo-lhe a mão. "Aqui está um tesouro. E' seu". O choque deve ser tremendo e nem todos o suportam. Muita gente enloquece. Outros ficam aparvalhados. Alguns morrem no momento, ou dias depois em face do choque emocional que paraliza as funções cardiacas. Em princípios de março pp. sucedeu um fato dêsses em Roma. Vivia ali, na maior humildade, um velho sacerdote chamado Attilio Bellachioma. O padre Bellachioma era estimado por todo mundo. Alma caridosa e meiga, nunca teve a ganância de enriquecer. Vivendo para suas ovelhas e sua missão sacerdotal, estava satisfeito com a sorte de não ter nada. Quando a gente nada tem, também nenhuma preocupação incomoda o espirito. E' uma compensação da vida. Mas, um dia, por artes de não se sabe ainda qual espirito de porco, o bonissimo padre Attilio comprou um bilhete de loteria. Quando correu a sorte, foi o seu número premiado com 40 milhões de liras. Foi tremendo o choque que o sacerdote recebeu, ao ser-lhe transmitida a noticia. Ficou pálido, trêmulo, com a mente atordoada, sem saber como explicar aquela mudança tão repentina em seu destino. Que fazer? Sentindo-se mal, legou tôda a dinheirama ao seminário arquiepiscopal de Perusa; mas, um notário descobriu um segundo testamento posterior àquele, no qual o padre legara tudo ao Papa. Não seria isso sintoma de sua perturbação mental? Será que a fortuna do humilde sacerdote será dividida entre os dois legatários? "In medio virtus".

Baixou a passagem dos ônibus



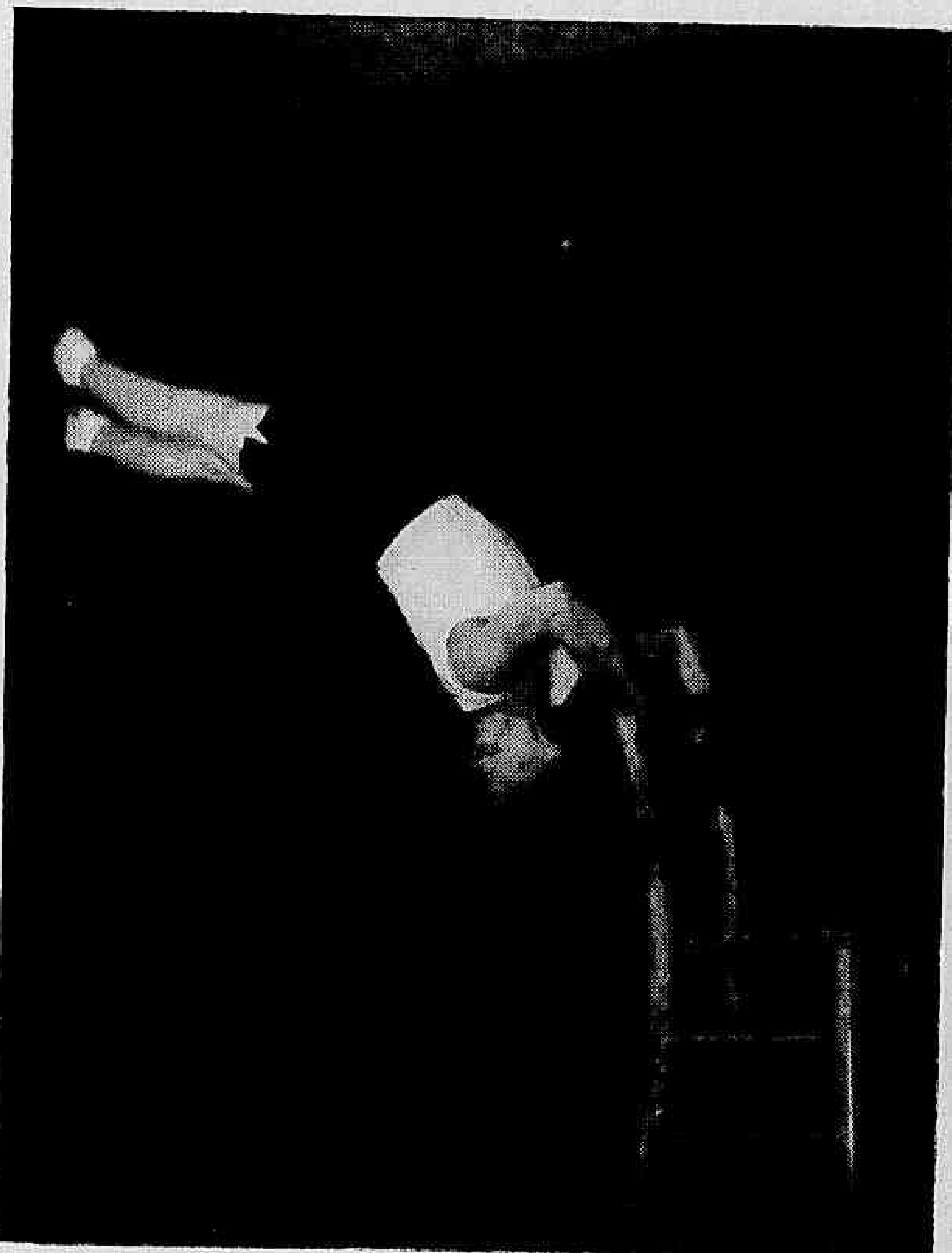
SIM senhor! Ora, até que enfim, vimos uma coisa baixar nestes dias de penosos sacrifícios para o povo. Depois de tabeladas as passagens dos ônibus, os próprios donos de tais emprêsas decidiram que isso era um absurdo, e espontâneamente, baixaram 50% em favor dos passageiros. Não pensem que estamos fazendo literatura otimística, da ficção. O caso é veríddico, embora seja difícil de acreditar. Nos tempos atuais, tudo está subindo de preços, especialmente o que se refere a transportes. Em terra, no ar e no mar, passagem é coisa cada vez mais cara, e, em muitos casos, subiram em dôbro. Mas há muita gente menos gananciosa a dirigir emprêsas de transportes neste Brasil. E se passou, então, o seguinte: Vátias companhias de ônibus tiveram as tarifas de passagem aumentadas pelo poder público, conforme é da lei. Mas, depois de alguns dias de experiência, chegaram os proprietários dêsses veículos à conclusões de que não havia nenhum motivo para tais aumentos. E pleitearam das autoridades competentes a volta à tabela antiga e que regulava 50% de menos. As referidas autoridades competentes acharam até graça nesse gesto dos donos de ônibus, e lavaram as mãos à parede, como se dizia antigamente. Se os carros eram dêles e êles achavam que as passagens já estavam muito bem pagas na tabela antiga, nada mais justo de que atender a baixa pleiteada. Mas, onde se deu isso, minha gente? Em S. Luís do Maranhão. Porquê? Porque as emprêsas de ônibus estão em guerra com os lotações! Ah! Se a moda pegasse aqui no Rio! Uma competição de preços entre essas duas clásses, seria excelente. Mas isso é sonho de uma noite de verão...

O chá das cinco



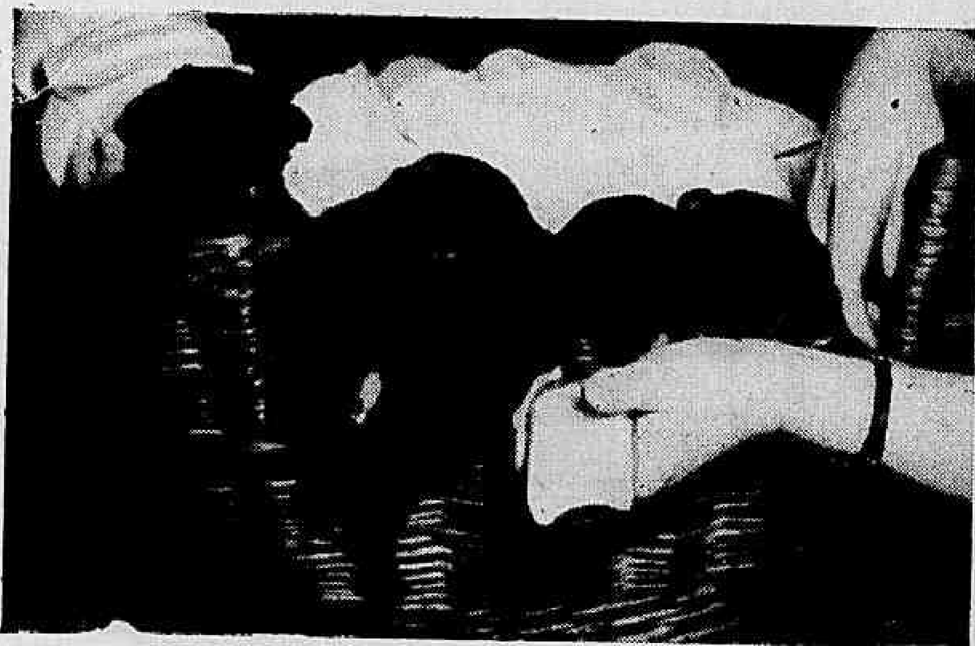
DIGAM o que disserem, mas não há nada mais extraordinário e pitoresco neste mundo do que um povo que possui tradições e as nutre consciente e amorosamente. Dentre estas duas está o povo inglês. A Inglaterra de hoje já não é mais aquela de séculos passados; mas, apesar de o tempo correr e ir modificando costumes, usos e tradições, na Inglaterra a coisa tem que manter-se como nos velhos tempos. Um dêsses hábitos é o do chá das cinco. Qual o inglês que não sorve o seu chàzinho à hora certa, tradicional? Desde os mais altos aristocratas até ao mais modesto operários, a hora do chá é sagrada. Pode o mundo vir abaixo, o Tâmisa secar, rebentar outra guerra, que o inglês tomará o seu chá, mesmo sob bombardeios. Exageremos? Não. Para prova, leia o nosso leitor esta notícia que nos vem de Londres: "Será o chá mais precioso do que o petróleo, aos olhos dos inglêses? Assim parece, pois que esta manhã quatro mil operários da refinaria de petróleo da ilha de Grain, no condado de Kent, iniciaram uma greve que nada fazia prever. Efetivamente, o descontentamento se deve ao fato de que a direção da firma para a qual trabalham recusa-lhe alguns minutos de repouso indispensáveis para saborear em paz, o chá cotidiano, o inevitável "chá das cinco". Tôda a atividade foi paralizada na refinaria, excetuando-se a dos que trabalham na construção do prédio da refinaria. Afirmam os grevistas que têm direito ao seu chá. A direção da emprêsa alega que o contrato de trabalho não previa a "pausa para o chá". Mas os operários se mantiveram firmes até que sua tradição foi respeitada".

O menino acrobata



PETER Pickering tem apenas 14 anos de idade mas já é uma sumidade em ginástica de variados gêneros. Na William Blake School, em Battersea, deu êle várias demonstrações de sua habilidade em tais exercícios, recebendo entusiásticos aplausos. Peter não se aperta quanto a instalações para realizar saltos, equilibrismos, torsões, etc. De qualquer móvel faz êle um «ginasium», como vemos nesta gravura. Com uma cadeira vulgar, êle executou saltos acrobáticos difíceis e perigosos. E diz a todos que «isso é a coisa mais fácil do mundo». Experimentem...

Os quíntuplos



O coração humano não se comove apenas com os casos entre gente. Também se enternece diante dos episódios com os animais, especialmente se se trata de cães, os fiéis amigos do homem. Êstes cinco cachorrinhos nasceram quando a mamãe Terrier estava recolhida a um sanatório da Inglaterra. Para que suas vidas fôssem salvas, e a da mamãe cadela, os pimpolhos foram para outra seção e ali alimentados a mamadeira, como crianças recém-nascidas. Com sombra e leite fresco, êles se regalam e já têm um mês de idade. Parabéns.

À LUZ DA PSICANÁLISE

O DESASSOSSÊGO DE MARIA CELESTE

DR. LUIZ FRAGA

A idéia abstrata de tempo uniforme e contínuo origina-se de nossa idéia concreta de duração. O relógio e o calendário servem apenas para marcar a duração concreta. Incluida nas sensações internas e externas, a duração real concreta é uma qualidade conhecida por si mesma.

O presente é um momento que não se pode apreender, uma transição, uma passagem, um relâmpago, um ponto matemático, um zero, um nada. Até certo ponto, poderemos determinar seus limites e ultrapassar esta descrição vaga. Somos constantemente conciêntes de uma certa duração, cuja extensão varia de alguns segundos a um minuto no máximo; que esta duração com seu conteúdo que é percebido como tendo uma parte antes e outra depois, é nossa intenção original do tempo.

Maria Celeste, entretanto, apesar de seus 32 anos vividos intensamente, mergulhados no cadinho das emoções, arranca nervosa as fôlhas do calendário ou deseja, outras vêzes, parar a marcha lenta da agulha de seu cronômetro.

Casou-se aos 25 anos. Foi pouco feliz no casamento, um casamento, como muitos, apressado na sua resolução e mais apressado na sua dissolução. O matrimônio não lhe trouxe filhos; gerou, com tudo, uma insatisfação das coisas e das sensações. Buscou o derivativo que os jovens inexperientes procuram: a alegria artificial, o gôso exótico, a intranqüilidade dos passeios em companhias úteis e a vingança de um mal que lhe não fizeram, pois ela própria o atraíu.

Apos tantos anos duma vida vazia de vida e cheia de futilidades, Maria Celeste procurou o consultório do psicanalista;

MARIA CELESTE — Dizem que sou narcisista. Na verdade nem sei de onde vem êste qualificativo.

MÉDICO — A mitologia diz que Narciso era um jovem de rara beleza e que, ao nascer, o advinho Tiresias profetisou-lhe uma vida longa e feliz, se êle jamais desse conta de sua beleza...

MARIA CELESTE — E daí?

MÉDICO — Um dia Narciso viu sua imagem nas águas limpidas de um lago e se apaixonou por si mesmo. Não se quis afastar do espelho das águas que refletia sua beleza e, por isso, permaneceu alí, sem alimentar-se. Morreu de inanição.

MARIA CELESTE — Acha que isto me acontecerá?

MÉDICO — Não sei a que ponto vai a sua auto-adoração...

Maria Celeste é, realmente muito bonita e muito vaidosa. Não é, todavia, uma narcisista. E' uma jovem desiludida, descrente e, sobretudo, impaciente. Interrompeu os estudos porque "o tempo era muito longo e ela não podia esperar". Não viaja por mar porque o navio é vagaroso e, se não o é, não sente ela a velocidade por falta de pontos de reparos.

Os primeiros exames foram incompletos pois a nossa jovem não completava a análise, perquerindo o mostrador de seu reloginho, a cada minuto.

MARIA CELESTE — Por que um tempo tão longo?

MÉDICO — Os tempos mais longos são concebidos por adição, os tempos mais curtos por divisão das partes desta unidade de síntese vaga.

MARIA CELESTE — Não tenho noção de duração das coisas. Acho, porém, que a vida é curta e que devemos vivê-la mais intensamente.

MÉDICO — Intensamente você tem vivido, sem viver. A noção de duração, na sua origem, é provavelmente muito vaga, visto que a consciência parece se absorver inteiramente no presente.

MACH sustentou a tese de que o ouvido é por excelência, o sentido do tempo. Podemos separar o ritmo dos sons que constituem uma melodia; daí se conclui que o ritmo forma uma série distinta, devendo haver aí, no ouvido, um aparelho de acomodação que poderia, ser segundo aquêle cientista, "o sentido do tempo".

MARIA CELESTE — Não poderiamos então atribuir ao aparelho da visão?

MÉDICO — Sem dúvida: a sucessão dos dias e das noites, das estações, etc. tem por base percepções visuais. Vê então, a minha cara amiga, quanto é relativa esta questão de tempo. Por que se apressar?

O ritmo é a verdadeira medida do tempo. A sucessão é um abstrato do esfôrço motor exercido no espaço. O passado é o ativo tornado passivo.

MARIA CELESTE — Que é que me sucede, doutor?

MÉDICO — Você escuta, com uma consciência vazia, a sucessão da pancada de um pêndulo. São elementos subconscientes que a consciência pode apreender por indução. A separação completa do presente e do passado é uma matemática. O tempo é uma forma de apetite; é uma forma de desejo veemente.

E' preciso, em seu caso, Maria Celeste, para corrigir esta constante irritação contra tudo e contra todos, que você, que é católica, passe cada dia como se fôsse o último: sem agitações, indolência ou dissimulação.

CORRESPONDÊNCIA

Anselmo — Santos — Isto é curável. Procure aí em São Paulo, um psicanalista.

Viviane — D. F. — Meu consultório é à Rua Senador Dantas, 76-4º and. — Diàriamente, das 15 em diante. Telefone: 52-5999.

Velha — Belo Horizonte — E' um caso simples, para médico de Clínica Geral.

Gert. — Curitiba — Não é possivel. Está muito confuso.

Julião — Pôrto Alegre — Não está procedendo bem. Sua mulher é a sua verdadeira companheira. Procure compreendê-la. Cartas para a Rua Senador Dantas, 76-4º andar — Rio.

Joselice — Minas — A complicação do instinto torna certamente necessária uma série de imagens motrizes associadas indissoluvelmente na consciência.

Dusmar — Recife — Uma coisa é o que é e não outra no mesmo momento, no mesmo lugar e sob a mesma relação.

Izolina — Salvador — A primeira etapa para uma individualidade de mais alta consiste em uma associação de individuos quase ainda completamente independentes uns dos outros.

Gentuze — D. F. — A imitação é causa de tudo que é social, e não vital ou fisico, nos fenomenos das sociedades, tanto nas suas semelhanças como nas suas diferenças.

Radiz — S. Paulo — O vicio, realmente, tomado em sentido geral, não prejudica o universo; individualmente é êle nocivo àquele que tem o privilégio de desembaraçar-se dêle quando quiser.

Pedro Júlio — Petrópolis — Marco Aurelio dizia que ao Homem só pode acontecer o que é humano, como ao boi, à pedra ou à árvore, só acontece o que lhes é natural.

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



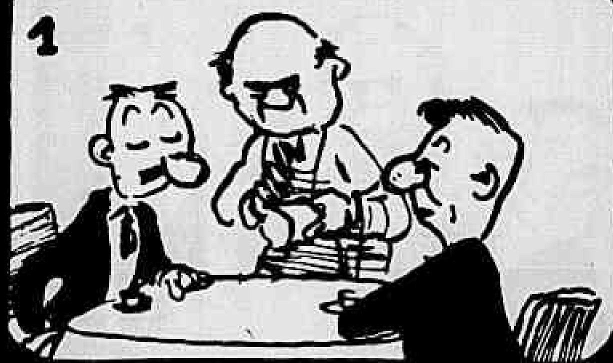
PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

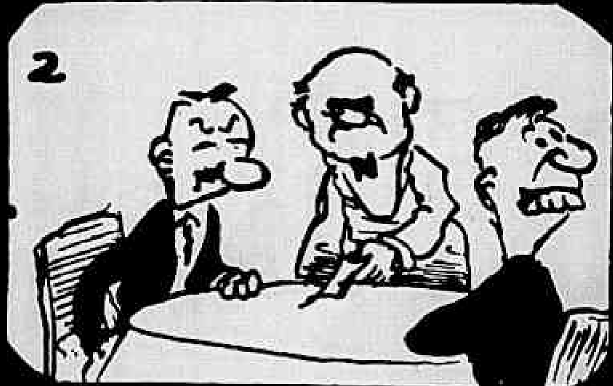
ÊSTE MUNDO E O OUTRO

MANUAL PRÁTICO DA GENTE CÍNICA

Criação de DARCY



No restaurante, na hora da conta...



Não dê impressão a seu amigo que não o quer pagar...



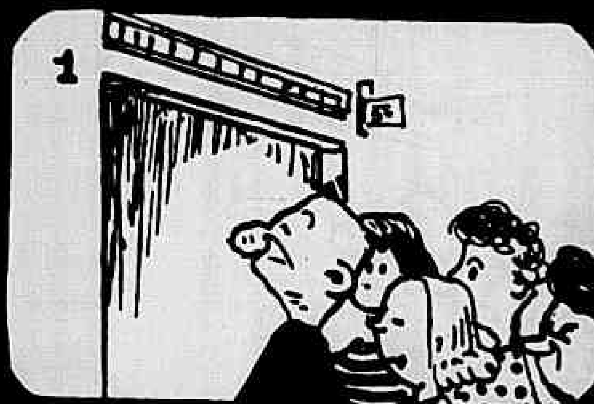
Mas observe o valor da nota que o amigo retirou da carteira.



E puxe outra nota de valor muito superior!...



Fatalmente o garçon escolherá a menor: a do seu amigo...



Não. Não entre no elevador antes das damas. Seja cavalheiro.



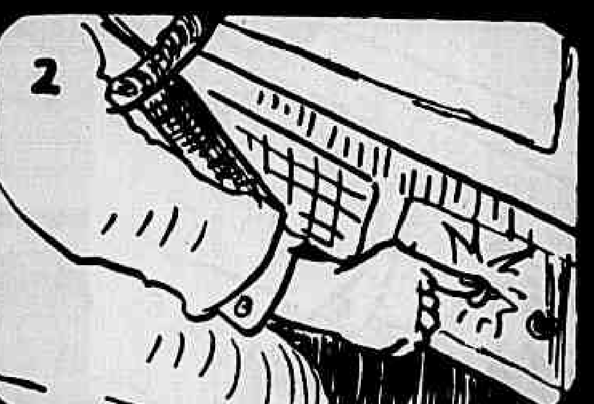
Deixe-as entrar tôdas. Seja o último...



...assim também você será o primeiro a sair...



Quando o seu carro não quiser pegar...



...não gaste o resto da bateria...



...nem o afaste para o meio-fio.



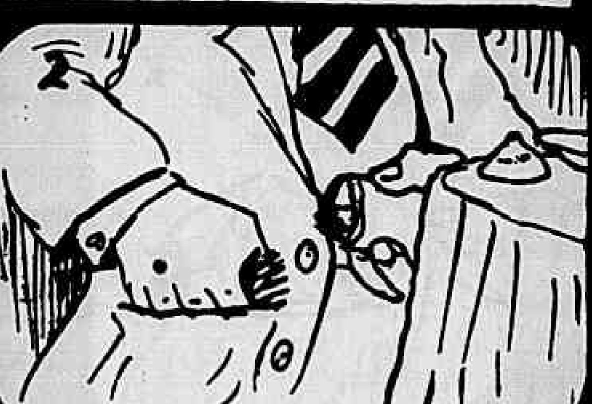
Coloque-o bem no meio da rua...



...que fatalmente alguém o empurrará.



Não compre palitos. Êles estão pela hora da morte.



Nos restaurantes, êles estão "dando sopa"...

ENGENHARIA DE PAPELÃO



DESABOU UM PRÉDIO EM SANTA TEREZA

1 ANO PARA EDIFICAR
50 SEGUNDOS PARA CAIR

RESPONSÁVEIS DIRETOS:
G. BERGMAN E PREFEITURA

QUE DIZ O CLUBE DE ENGENHARIA?
QUE PROVIDENCIOU O C.R.E.A.?

É o quarto acidente de grandes **proporções** do mesmo gênero: mais um edifício ruiu no Rio de Janeiro, pouco depois de edificado, deixando ao desabrigo dezenas de famílias. Desta vez, por felicidade, não houve vítimas pessoais. Mas houve prejuizos. Muitas famílias perderam móveis e roupas, entre outros bens. E não é apenas isso: é ainda a intranqüilidade que se instala no coração dos que vão morar em edifícios recém-construidos, sem saber se entram numa nova casa ou num jazigo perpétuo. E é mais também: a repercussão de tais fatos, invrivelmente repetidos, em descrédito da engenharia brasileira e da fiscalização municipal da Prefeitura do Distrito Federal.

Desabou um, faz poucos anos, em Copacabana. Outro, depois, em Laranjeiras. Outro ainda, mais tarde, no Grajaú. Agora êste, em Santa Tereza. Que diz a isso o Clube de Engenharia, órgão cultural da classe dos engenheiros? Que diz o CREA (Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura), órgão que disciplina as atividades profissionais de seus membros? Que diz a Prefeitura, através da repartição competente? Nada dizem ou se dizem é tatibitati destinado a confundir uma opinião pública alarm

As fotografias que damos nestas páginas são eloqüentes: tram o edifício erguido e depois de derrocado, num minuto d gor e pó. A causa apontada do sinistro resultou, ao que pa cálculo imperfeito das colunas de sustentação, que na ling técnica dos engenheiros tomam o nome de **pilotis**. Alguns eng ros — os responsáveis pelos desabamentos — parece que tr tal expressão por **palitos**, basta ver a foto do prédio de pé, do em colunas semelhantes ás pernas sêcas dos paralíticos. colunas, até parece brincadeira, foram gessadas, quando ap taram seus primeiros pontos de fratura. Mesmo assim as encanadas do edifício não aguentaram o corpo que lhes deram carregar. E o desastre — mais um — se tornou inevitável.

A construção do prédio acidentado estêve a cargo da firma trutora G. Bergman, da qual é engenheiro responsável o Sr. Bergman, com escritório à rua Almirante Cândido Brasil,



OBSERVANDO-SE A FOTO DO PRÉDIO, TOMADA ANTES DO DESABAMENTO, VÊEM-SE, ASSINALADAS, AS COLUNAS DE SUSTENTAÇÃO, NOS PONTOS EM QUE AS FRATURAS LEVARAM REMENDO, DESTINADO A EVITAR OU ADIAR O ACIDENTE. AS ILUSTRAÇÕES DO PRÉDIO JÁ TOMBADO TRADUZEM PERFEITAMENTE AS CONSEQÜÊNCIAS: TODO ÊLE SE REDUZIU A UM MONTE DE ESCOMBROS.

A Pergunta da Semana — Por SINIMBU

QUEM SERÁ ELEITO PRESIDENTE DOS EE. UU.?



TRUMAN?

Truman surpreendeu o mundo ao declarar, duas semanas atrás, que não será candidato à reeleição. Será — não será? Palavra de político volta atrás com facilidade e ninguém pode saber se o homem falou para valer. Harry Truman era vice-presidente dos EE. UU. quando foi chamado a assumir a chefia da nação por morte de Franklin Roosevelt, em 1945. Candidato em 1948, foi eleito com larga margem sôbre seu competidor, desarmando as previsões em contrário. Nascido no Missouri, conta 68 anos e usa gravata-borboleta. Foi apontado como o homem que pior se veste no mundo e disse um palavrão cabeludo em plena Casa Branca, diante dos jornalistas. Um missouriano é algo parecido com um goiano. Truman é assim. Será êle o sucessor de si mesmo no próximo quatriênio?



EISENHOWER?

Dwight - David Eisenhower é nascido no Texas, de sangue alemão e conta 62 anos de idade. E' general do exército e foi, durante a última guerra, comandante-em-chefe dos exércitos aliados na África do Norte, de 1942 a 1944, e na Europa, até ao fim do conflito. Cessadas as hostilidades e de regresso ao seu país foi nomeado reitor da Universidade de Columbia, em cujas funções permaneceu até que lhe entregaram novo comando, desta vez o dos exércitos das nações do Pacto do Atlântico na Europa, onde tem constantemente se deslocado para fins de organização militar. Declarou certa vez que não ambiciona chegar à Casa Branca, mas também, de outra, que não fugiria aos sacrifícios que lhe exigisse a nação. Muitos vêem em Eisenhower o candidato de maiores chances nas próximas eleições.

MC ARTHUR?



Douglas Mac Arthur, natural do Arkansas, homem de 72 anos de idade que ainda cultiva atitudes de galã de cinema (parecendo na realidade muito mais moço), é o mais famoso general norte-americano dêste século. Nem os generais da guerra de Cuba nem Pershing, comandante-em-chefe das divisões dos EE. UU. que desembarcaram na França em 1917, lograram renome igual ao seu. Sua glória ofusca a do próprio Eisenhower porque operou no Pacífico, com os nipônicos, tidos pelos norte-americanos como inimigos mais odiosos que os alemães. Sua legenda de Corregidor e Bataã pertence ao lendário nacional e a atuação que imprimiu à guerra na Coréia, seguida de uma dramática destituição do comando que ali exercia, acrescentou à sua fama a nota comovente do sacrifício estoico. Como governador do Japão ocupado revelou-se político sagaz que conseguiu amaciar a resistência psicológica da nação dominada. Mac Arthur será um possível candidato do Partido Republicano e perigoso competidor nas eleições.

KEFAUVER?



Não sendo Truman candidato, tôdas as probabilidades, dentro do Partido Democrata, convergem para o nome do senador Kefauver. Êsse congressista é tido como expoente de uma ala radical do partido e se inclina por uma política à Roosevelt, «de centro, com pequena inclinação para a esquerda.»

TAFT?

O senador Taft é um ditador dentro do seu partido, o Republicano. Afastadas que sejam as possíveis candidaturas de Eisenhower e Mac Arthur, pela mesma legenda partidária, a chance será sua com tôda probabilidade. O Partido Republicano espera êste ano voltar ao poder e talvez com Taft.



REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 16 ★ 19-4-52

Redator-Chefe:
ALCEU MARINHO REGO

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Desenhos de
ALBERTO LIMA

Diretor:
Gratuliano Brito

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente. 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-1…

MÓVEIS e DECORAÇÕES





Projetos executados por técnicos especializados

TAPÊTES FEITOS À MÃO
TAPÊTES E PASSADEIRAS

de forração, em côres lisas e com flores

GRUPOS ESTOFADOS

— especialidade de nossas oficinas —



65 rua da CARIOCA 67 — RIO

GRATIS



você o consagrou e fez muito bem...



É a você, que sabe apreciar o golf
e outras coisas boas da vida,
que Hollywood deve a preferência
unânime de que hoje goza
entre as pessoas de bom gosto.

cigarros **Hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ